

ELIANA AYOUB

**A GINÁSTICA GERAL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:
PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

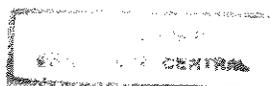
Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual de
Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Vilma Leni Nista-Piccolo.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

1998

9823039



UNIDADE	BC
N.º CHAMADO	UNICAMP
	Ay 62g
V.	
TOT.	35.803
PR.	395/98
	<input checked="" type="checkbox"/>
PRE.	R\$ 11,00
DATA	13/11/98
N.º OPC	

CM-00118491-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP

Ayoub, Eliana
Ay62g A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física escolar / Eliana Ayoub. – Campinas, SP: [s.n.], 1998.

 Orientador: Vilma Lení Nista-Piccolo
 Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

 1. Ginástica. 2. Ginástica–Estudo e ensino. 3. Educação Física escolar. I. Nista-Piccolo, Vilma Lení. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Eliana Ayoub e aprovada pela Comissão Julgadora em 06 de outubro de 1998.

Data: 23/10/98



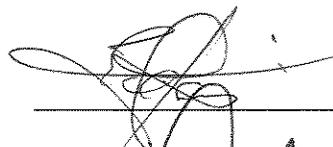
Prof. Dra. Vânia Leni Nista-Piccolo

Comissão Julgadora:

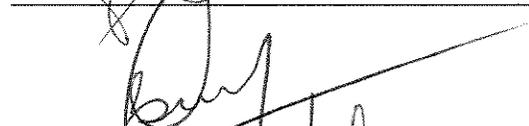
Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares

Handwritten signature of Carmen Lúcia Soares in cursive script, written on a horizontal line.

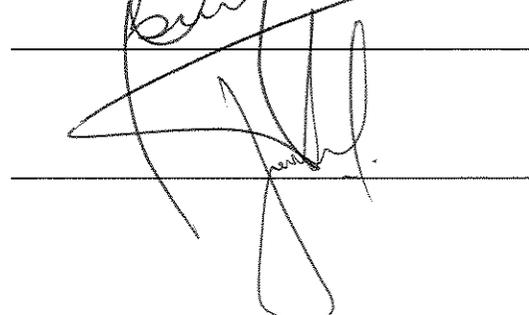
Prof. Dr. Edson Claro

Handwritten signature of Edson Claro in cursive script, written on a horizontal line.

Profa. Dra. Elizabeth Paoliello M. de Souza

Handwritten signature of Elizabeth Paoliello M. de Souza in cursive script, written on a horizontal line.

Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo

Handwritten signature of Jorge Sergio Pérez Gallardo in cursive script, written on a horizontal line.

Dedico este trabalho ao João, companheiro de todas as horas, que tem preenchido a minha vida com um colorido muito especial, ensinando-me a arte de viver com sabedoria e tornando os meus dias mais felizes, bonitos e prazerosos.

E aos meus pais, Ivany e Samir, pela sua presença sempre dedicada, amorosa e imprescindível na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Neste momento de chegada, olho para trás e sinto-me muito privilegiada ao perceber que estive cercada de pessoas tão especiais, que sempre me apoiaram e incentivaram-me a realizar este trabalho.

Agradeço à Vilma, pela sua orientação tão entusiasmada, paciente, carinhosa e, sobretudo, amiga. E, também, por ter me ensinado, desde muito cedo, a gostar de praticar Ginástica.

À Beth, amiga e companheira de tantas andanças pelo mundo da Ginástica Geral e que sempre esteve disponível para me ajudar.

À Carminha, pela amizade e pelos vãos intelectuais.

Ao Jorge, pelo constante apoio ao meu crescimento profissional.

Ao Grupo Ginástico Unicamp, pelas infindáveis oportunidades de aprendizado sobre a Ginástica Geral e, também, sobre a vida em grupo. A minha vivência como integrante do GGU, durante oito anos, foi decisiva para a realização deste estudo.

A todos os entrevistados que colaboraram com os seus depoimentos e informações e aos professores que participaram do projeto desenvolvido nas escolas.

Aos meus irmãos, familiares, amigos e amigas, que estiveram presentes nessa caminhada, compartilhando as horas de entusiasmo e de dificuldade.

E, finalmente, os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram para que hoje eu pudesse estar vivendo essa alegria.

RESUMO

Este estudo sobre a Ginástica Geral (GG) tem como objetivos centrais compreender como essa atividade vem se manifestando na sociedade contemporânea e discutir quais são as suas perspectivas para a Educação Física Escolar.

Em virtude da escassez de bibliografia sobre esse tema, aliamos à pesquisa bibliográfica a realização de uma pesquisa de campo, efetuada em dois momentos: no primeiro, com a intenção de encontrar informações sobre a GG no mundo e no Brasil, foram feitas observações de eventos nacionais e internacionais de Ginástica Geral e entrevistas com ginastas, professores e dirigentes (brasileiros e estrangeiros); e no segundo, visando aprofundar a discussão em torno das perspectivas da GG no contexto escolar, foi desenvolvido um projeto de Ginástica Geral com professores de Educação Física das escolas públicas de Campinas.

No decorrer deste trabalho, **projeto a imagem** da Ginástica Geral na sociedade contemporânea, tomando, como referência básica para a reflexão, a trajetória de sistematização da Ginástica desde o século XIX, o processo de estruturação da GG na Federação Internacional de Ginástica neste século e o conjunto das informações conseguidas no “Primeiro Momento” da pesquisa de campo. Procuro, de um lado, identificar os sentidos e significados que têm acompanhado a difusão da GG em nossos dias, e de outro, conferir-lhe novos sentidos e significados que permitam potencializar o seu caráter “transformador”. À medida em que a imagem da Ginástica Geral vai sendo projetada, podemos visualizá-la como uma síntese entre o que foi e o que é a Ginástica na atualidade e como uma atividade que traz consigo a possibilidade de re-descobrirmos o prazer, a inteireza e a técnica/arte da linguagem corporal.

Posteriormente, situo a trajetória da Ginástica no contexto escolar no Brasil e aprofundo o significado da Ginástica Geral enquanto conhecimento a ser tratado na Educação Física Escolar, reconhecendo-a como o caminho mais apropriado para resgatarmos, para re-criarmos, para re-significarmos a Ginástica na escola, numa perspectiva de “confronto” e síntese, e também numa perspectiva lúdica, criativa e participativa. Em seguida, **imagino um projeto** de GG nas escolas públicas de Campinas, a partir do qual discuto as suas possibilidades de desenvolvimento na instituição escolar.

ABSTRACT

This study of General Gymnastics (GG) aims to understand how this activity has been displayed in modern society and to discuss its perspectives regarding Physical Education in Schools.

Due to the shortage of literature on that subject, a field research was combined to the bibliographic research and conducted in two different phases. First, in order to gather information about GG worldwide and in Brazil, national and international events of GG were observed and interviews with gymnasts, teachers and directors (both foreign and Brazilian) were conducted. Second, with the purpose of having a deeper discussion of GG perspectives in the school context, a project of General Gymnastics was developed with Physical Education teachers of public schools in Campinas.

In this work, I **project the image** of General Gymnastics in modern society, taking as references the path of Gymnastics systematization since the XIX century, the process of GG structuring at the International Gymnastics Federation in this century and the set of information obtained in the "First Phase" of the field research. On one hand, I try to identify the senses and meanings that have followed the spreading of GG today. On the other hand, I attempt to give GG new senses and meanings that allow its "transforming" character to be potentiated. As the image of General Gymnastics is being projected, we can see it as a synthesis of what Gymnastics was and is today and as an activity which carries the possibility of rediscovering pleasure, wholeness, art and technique found in body language.

After that, I present the Gymnastics path in the school context in Brazil. I also deepen the meaning of General Gymnastics as a knowledge to be developed in Physical Education in Schools, recognizing it as the most adequate way for us to rescue, recreate and give a new meaning to Gymnastics in schools, in a perspective of "confrontation" and synthesis, as well as in a ludic, creative and participative perspective. Then, I **imagine a project** of GG in public schools in Campinas, being the possibilities of developing GG in schools discussed from that project.

Sumário

<u>Introdução:</u> <i>Um pouco de história</i>	14
<u>Capítulo 1:</u> <i>O caminho percorrido</i>	20
<u>1.1. Pesquisa Bibliográfica</u>	21
<u>1.2. Pesquisa de Campo</u>	21
<u>1.2.1. Primeiro Momento</u>	22
<u>1.2.1.1. Observação Assistemática</u>	23
<u>1.2.1.2. Observação Sistemática</u>	23
“International Gymnastik Festival - Alicante 1995”	24
“10 th World Gymnaestrada – Berlin 1995”	25
Viagem de Estudos à Dinamarca	25
Participação em “workshops” e cursos	26
<u>1.2.1.3. Entrevistas Focalizadas ou Centradas</u>	27
<u>1.2.2. Segundo Momento</u>	29
<u>1.2.2.1. Curso de Ginástica Geral</u>	29
Programa do Curso	30
Questionários para os professores	30
Planejamento das aulas de Ginástica Geral	30
<u>1.2.2.2. Desenvolvimento da proposta de Ginástica Geral nas escolas</u>	31
Acompanhamento do desenvolvimento da proposta	31

<u>Capítulo 2:</u> <i>A Ginástica Geral na sociedade contemporânea - Projetando sua imagem</i>	33
2.1. <u>A Ginástica</u>	36
2.2. <u>A Ginástica Geral</u>	49
2.2.1. <u>A Ginástica Geral e a Federação Internacional de Ginástica</u>	49
2.2.1.1. <u>FIG – breve histórico</u>	51
2.2.1.2. <u>A concepção de Ginástica Geral da FIG</u>	57
2.2.1.3. <u>A Gymnaestrada Mundial (“World Gymnaestrada”)</u>	63
2.2.1.4. <u>O processo de estruturação da GG na FIG: buscando sentidos e significados</u>	69
2.2.2. <u>A Ginástica Geral no Brasil</u>	77
2.2.3. <u>Ginástica Geral – um fenômeno que precisa ser resignificado</u>	85
2.2.4. <u>Imagens da Ginástica Geral na atualidade</u>	96
<u>Capítulo 3:</u> <i>A Ginástica Geral e suas perspectivas para a Educação Física Escolar – imaginando um projeto</i>	115
3.1. <u>A Ginástica no contexto da Educação Física Escolar no Brasil</u>	117
3.2. <u>A Ginástica Geral enquanto conhecimento a ser tratado na Educação Física Escolar</u>	128
3.3. <u>A Ginástica Geral na escola – um grande desafio</u>	139
3.3.1. <u>Imagens das aulas de Ginástica Geral nas escolas</u>	154

<u>Considerações Finais:</u> “ <i>Se muito vale o já feito, mais vale o que será...</i> ”.	163
<u>Anexos</u>	168
<u>Referências Bibliográficas</u>	180

Lista de Anexos

<u>Anexo 1</u> - Roteiro de observação	169
<u>Anexo 2</u> - Roteiro das entrevistas	170
<u>Anexo 3</u> - Carta-convite aos professores	172
<u>Anexo 4</u> - Programa do curso de Ginástica Geral	173
<u>Anexo 5</u> - Questionários para os professores	176
<u>Anexo 6</u> - Roteiro para o desenvolvimento das aulas	177
<u>Anexo 7</u> - Ficha de plano de aula	178
<u>Anexo 8</u> - Exemplos de materiais, equipamentos ou aparelhos utilizados nas diversas apresentações observadas durante a “10 th World Gymnaestrada - Berlin 1995”	179

Introdução:

Um pouco de história

“Seres históricos, inseridos no tempo e não imersos nele, os seres humanos se movem no mundo, capazes de optar, de decidir, de valorar. Têm o sentido do projeto (...)”

Paulo Freire
(1987a, p.43)

Desde muito cedo o encanto e interesse pela Ginástica começaram a fazer parte de minha vida. Isso foi há mais de vinte anos, por volta dos meus nove anos de idade, quando tive a oportunidade de vivenciar a Ginástica Artística (GA) e a Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) nas aulas de Educação Física da escola (Instituto Educacional Imaculada – Campinas, SP) e na equipe de treinamento de Ginástica Artística, que funcionava em horários extracurriculares.

Em poucos meses decidi praticar Ginástica regularmente e iniciei, então, na escolinha de Ginástica Artística do Clube Campineiro de Regatas e Natação – Campinas, SP. Seguiram-se, assim, aproximadamente nove anos e, como atleta federada, participei de competições regionais e estaduais e também de demonstrações, ganhando a cada dia mais gosto por esta atividade.

Muitas foram as emoções vividas durante esses anos. Dentre elas, as lembranças dos "Festivais de Ginástica do Regatas" são inesquecíveis. O Festival envolvia todos os grupos de Ginástica do clube e eram meses de preparação para a grande festa, num clima de expectativa, alegria e realização. As apresentações de Ginástica que fazíamos na escola igualmente eram motivo de grande satisfação. Constituíam-se em oportunidades singulares de revelar a nossa arte e o nosso trabalho para a comunidade escolar, descortinando atitudes de encanto e admiração.

Anos mais tarde, quando eu já estava atuando como professora de Educação Física em escolas, fui convidada para participar do GRUPO GINÁSTICO UNICAMP (GGU). Coordenado pelas professoras Vilma Leni Nista-Piccolo e Elizabeth Paoliello Machado de Souza, o Grupo Ginástico Unicamp foi criado em 1989 como um grupo de Ginástica Geral (GG),

vinculado à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF - Unicamp) enquanto um projeto de extensão. Composto por universitárias e professoras de Educação Física, na sua maioria ex-atletas do Clube Regatas e algumas bailarinas, seu objetivo principal era o de integrar a GA, a GRD e a Dança, dentro de uma proposta de Ginástica Geral.

A partir da primeira meta concretizada - a participação do GGU na “VI Gimnasiada Americana”, realizada em Buenos Aires-Argentina, em outubro de 1989, o Grupo ganhou força e estímulo para permanecer atuante até hoje.

Após várias mudanças ocorridas ao longo desses anos, a proposta de trabalho do GGU amadureceu e ampliou-se, ganhando novos contornos. Desde 1992 o Grupo está sob a coordenação da professora Elizabeth Paoliello Machado de Souza e do professor Jorge Sergio Pérez Gallardo e atualmente é constituído por moças e rapazes, a maior parte alunos do Curso de Graduação em Educação Física da FEF-Unicamp, com pouca ou nenhuma experiência anterior na Ginástica.¹

Nesses nove anos de existência, o grupo tem participado de diversos eventos de GG, em âmbito universitário, regional, estadual, nacional e internacional, o que me possibilitou vivenciar e conhecer bem de perto o universo da Ginástica Geral.² Dentre estes eventos, destaco o privilégio de ter participado da Gymnaestrada Mundial (“World Gymnaestrada”), como integrante da delegação brasileira pelo GGU, devido ao significado e importância desse acontecimento mundial. Em 1991, participamos da

¹ Para conhecer detalhadamente a trajetória e concepção de trabalho do Grupo Ginástico Unicamp, consultar Souza (1997, p.70-95).

² Desde o início de 1997 estou afastada do GGU, devido a compromissos profissionais.

“9th World Gymnaestrada”, realizada em Amsterdam – Holanda, e em 1995, da “10th World Gymnaestrada”, realizada em Berlim - Alemanha.

Toda a minha vivência na área da Ginástica e como integrante do GGU durante oito anos, aliada à minha atuação profissional como professora de Educação Física na instituição escolar desde 1989, caracterizaram-se como fatores decisivos para que o meu interesse em praticar Ginástica Geral se transformasse em inquietude acadêmica: como a GG vem se manifestando na sociedade contemporânea? Quais são as suas perspectivas para a Educação Física Escolar?

Ao me deparar com essas inquietações, tentei encontrar subsídios teóricos para atenuá-las, porém constatei uma escassez de estudos sobre a Ginástica Geral no Brasil, país onde essa atividade vem conquistando, a cada dia, mais espaço.

Acreditando que essa carência³ dificulta a compreensão e o desenvolvimento da Ginástica Geral, tanto no âmbito da escola, como fora dele, apostei na possibilidade de realizar este trabalho a fim de ampliar as discussões.

³ É importante destacar que no ano de 1997 foram publicados trabalhos significativos na área da Ginástica Geral no Brasil: em janeiro, a COLETÂNEA: textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1997; e em abril, a Tese de Doutorado da Profa. Dra. Elizabeth Paoliello Machado de SOUZA. Ginástica Geral: uma área do conhecimento da educação física. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1997.

Nesse sentido, os objetivos centrais deste estudo são:

- Compreender a Ginástica Geral, o que significa conhecê-la em toda sua amplitude e complexidade, examinando as suas origens e analisando o seu desenvolvimento na sociedade contemporânea;
- Discutir e aprofundar as perspectivas da Ginástica Geral no âmbito da Educação Física Escolar, a partir de uma análise sobre o seu significado enquanto conhecimento a ser tratado nas aulas de Educação Física e sobre as suas possibilidades de desenvolvimento na escola.

No Capítulo 1 - *“O caminho percorrido”*, abordo a trajetória metodológica utilizada para a realização deste trabalho, situando as diferentes fases da pesquisa.

No Capítulo 2 - *“A Ginástica Geral na sociedade contemporânea - projetando sua imagem”*, desenvolvo uma discussão em torno da compreensão da GG na atualidade, tomando como referências centrais para a reflexão, a trajetória de sistematização da Ginástica desde o século XIX, o processo de estruturação da Ginástica Geral na Federação Internacional de Ginástica e o conjunto das informações conseguidas no “Primeiro Momento” da pesquisa de campo.

No Capítulo 3 - *“A Ginástica Geral e suas perspectivas para a Educação Física Escolar - imaginando um projeto”*, situo a trajetória da Ginástica no contexto da Educação Física Escolar brasileira e discuto o significado da Ginástica Geral enquanto conhecimento a ser tratado na Educação Física Escolar e as suas possibilidades de desenvolvimento na escola pública brasileira, considerando os dados obtidos no “Segundo Momento” da pesquisa de campo.

Nas “*Considerações Finais*”, concluo este trabalho com a certeza de que “*Se muito vale o já feito, mais vale o que será...*”⁴

Essa é **um pouco da história** que me projetou a realizar este estudo sobre a Ginástica Geral.

⁴ Da música “O que foi feito deverá”, de Milton Nascimento e Fernando Brant (Três Pontas/EMI MUSIC, 1980).

Capítulo 1:

O caminho percorrido

“Na medida em que, apesar de tudo, o conhecimento científico guarda continuidade com nossa experiência comum, pode-se atingir as perspectivas de onde o universo da ciência não nos aparecerá separado de nosso universo cotidiano, de nossas preocupações, de nossos cuidados – nem de nossas alegrias”.

Georges Snyders
(1988, p.107)

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma **combinação** entre **pesquisa bibliográfica** e **pesquisa de campo**. Essa combinação favorece a construção de um conjunto mais completo e abrangente de informações a respeito do assunto investigado.

1.1. Pesquisa Bibliográfica

Segundo Lakatos, Marconi (1991, p.183-185) existem os seguintes tipos de fontes bibliográficas: imprensa escrita, meios audiovisuais, material cartográfico e publicações. Neste estudo foram utilizadas como fontes bibliográficas publicações (livros, teses, monografias, artigos etc.) e meios audiovisuais (gravações em vídeo de Festivais de Ginástica Geral no Brasil e no exterior, especialmente das Gymanestradas Mundiais).

As diretrizes utilizadas para a pesquisa bibliográfica foram as seguintes: levantamento bibliográfico inicial, seleção das obras através da análise textual e aprofundamento dos textos selecionados, através da análise temática, análise interpretativa e problematização (Severino, 1989, p.121-135).

1.2. Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo tem como finalidades conseguir informações e/ou conhecimentos a respeito de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou acerca de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (Lakatos, Marconi, 1991, p.186).

No caso deste trabalho, foi realizada a pesquisa de campo exploratória (mais especificamente, estudos exploratórios-descritivos combinados) a fim de descrever fenômenos, clarificar conceitos e desenvolver hipóteses (Lakatos, Marconi, 1991, p.188).

Atendendo às duas finalidades básicas deste estudo, a **pesquisa de campo** foi desenvolvida em dois momentos.

1.2.1. Primeiro Momento

Esse momento, desenvolvido durante os anos de 1995 e 1996, foi assinalado pela busca em compreender a Ginástica Geral na atualidade, tendo como desafio principal superar a carência bibliográfica. Para tanto, empenhei-me em encontrar informações sobre a Ginástica Geral no mundo e no Brasil, através da observação de eventos nacionais e internacionais de Ginástica Geral, de entrevistas com ginastas, professores e dirigentes (brasileiros e estrangeiros), além da participação em “workshops” e cursos e de uma Viagem de Estudos à Dinamarca.

O procedimento básico utilizado para a coleta de dados nessa fase da pesquisa de campo foi a **observação direta intensiva**, a qual é realizada por meio de duas técnicas: observação e entrevista (Lakatos, Marconi, 1991, p.190-201). As técnicas empregadas foram: **observação assistemática, observação sistemática e entrevistas focalizadas ou centradas.**

1.2.1.1. Observação Assistemática

Essa técnica de observação, também denominada não estruturada, espontânea ou informal, permite registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais (Lakatos, Marconi, 1991, p.192-193). Foram observados os seguintes eventos de Ginástica Geral realizados no Brasil:

- “II Copa Sul Mineira de Ginástica Geral” - Cambuí, MG: abril de 1995;
- “Festival Texaco de Ginástica Geral” - Campinas, SP: maio de 1995;
- “Festival de Ginástica Geral Friburgo Country Clube” - Nova Friburgo, RJ: junho de 1995;
- “III GINPA - Festival Paulista de Ginástica Geral” - Guarujá, SP: novembro de 1995;
- “Festival Interno de Ginástica Geral da FEF - Unicamp” - Campinas, SP: junho e novembro de 1996.

1.2.1.2. Observação Sistemática

A observação sistemática, diferentemente da anterior, requer um planejamento prévio mais elaborado. É também conhecida como observação estruturada ou planejada (Lakatos, Marconi, 1991, p.193).

Foi realizada nos meses de junho a agosto de 1995, em três etapas: no “International Gymnastik Festival - Alicante 1995”, na “10th World Gymnaestrada - Berlin 1995” e numa Viagem de Estudos à Dinamarca. A participação em “workshops” e cursos, tanto nesses festivais como na Dinamarca, também compõe essa fase da coleta de dados.

Foi definido previamente um roteiro básico de orientação, contemplando os aspectos mais importantes e significativos a serem observados, porém, deixando espaço para novos elementos que pudessem surgir durante o processo de observação (Anexo 1, p.169).

O registro das observações foi feito através de anotações com base nesse roteiro, sendo complementado com fotografias. No caso dos festivais, foram realizadas filmagens (por integrantes do Grupo Ginástico Unicamp e de outros grupos brasileiros e pela FIG), as quais constituem um rico material que foi analisado, como complemento das observações.

“International Gymnastik Festival - Alicante 1995”

O “International Gymnastik Festival - Alicante 1995” foi promovido pela “Danske Gymnastik & Idræts Foreninger” - DGI (Associação Dinamarquesa de Ginástica e Esportes) em conjunto com a Prefeitura da cidade de Alicante, na Espanha. Foi realizado em Alicante, no período de 26 de junho a 01 de julho de 1995. Participaram desse evento cerca de 5 mil pessoas, sendo a grande maioria grupos dinamarqueses ligados à DGI. O Brasil foi um dos 13 países que participou desse festival, sendo representado pelo Grupo Ginástico Unicamp.⁵

⁵ Para maiores informações sobre esse evento, consultar o “International Gymnastik Festival - Alicante 1995: programa” (Danske, 1995).

“10th World Gymnaestrada - Berlin 1995”

A “10th World Gymnaestrada - Berlin 1995”, promovida pela FIG, foi realizada na cidade de Berlim, na Alemanha, de 09 a 15 de julho de 1995. Participaram desse evento mais de 19 mil pessoas, representando mais de 30 países diferentes (Fédération, 1995a).⁶ A delegação brasileira foi composta por 662 ginastas, pertencentes a 23 grupos de 6 estados (Souza, 1997, p.60).

A importância desse evento para a Ginástica Geral no mundo é inegável, por se tratar do festival de GG com maior abrangência internacional. Daí a sua relevância como a principal fonte de observação deste estudo.

Viagem de Estudos à Dinamarca

Essa viagem foi realizada no período de 13 a 31 de agosto de 1995, à convite da Associação Dinamarquesa de Ginástica e Esportes (DGI), através do Prof. Holger Vestergaard, Diretor de Assuntos Internacionais da DGI, cujos contatos vinham sendo mantidos desde 1994, quando um grupo de Ginástica da Dinamarca esteve se apresentando na Unicamp.

A escolha da Dinamarca se justifica por ser um dos países da Europa onde a Ginástica tem grande expressão e faz parte das tradições e raízes culturais.

Nessa viagem, pudemos conhecer o trabalho desenvolvido em várias instituições, como clubes esportivos, escolas (de Ginástica e de Esportes, de preparação de professores primários), um centro de atividades físicas para

⁶ No “Gymnaestrada Guide: 10th World Gymnaestrada - Berlin 1995” (Fédération, 1995a), há informações conflitantes quanto ao número de pessoas e países que participaram do evento: na p.14, 19.542 pessoas, de 36 países e na p.41, 19.194 pessoas, de 35 países.

funcionários da prefeitura e uma faculdade de Educação Física, podendo obter uma visão panorâmica da estrutura educacional do país e, especificamente, da Ginástica nesse contexto. Os locais visitados na Dinamarca foram: Vingstedcentret (clube onde se localiza a Sede da DGI), Rødding Hallerne (clube), Sørø Ungdomsskole, Gymnastikhøjskolen I Ollerup, Gymnastikhøjskolen Ved Viborg e Idrætshøjskolen I Sønderborg (Escolas de Ginástica e Esportes), Haslev Seminarium (Haslev College of Education - escola de preparação de professores primários), Odense Universitet (Faculdade de Educação Física, da Universidade de Odense), Det batter - Sundheds-og Undervisningscentret (centro de atividades físicas para funcionários da prefeitura de Odense). Dentre tantos, a oportunidade de conhecer a “Gymnastikhøjskolen I Ollerup”, fundada em 1920 por Niels Bukh, um dos grandes nomes da Ginástica Dinamarquesa e europeia, com a sua “Primitive Gymnastics” (Bukh, 1962), também conhecida como “Ginástica Básica ou Fundamental” (Langlade, Langlade, 1986, p.185-208), foi preciosa e emocionante.

Participação em “workshops” e cursos

A participação em “workshops” e cursos também contribuiu para compor o conjunto das observações.

- No Festival de Alicante, participei de um “workshop” sobre “Rope Skipping”⁷, com a Profa. Nadine de Ridder, da Bélgica;

⁷ O “Rope Skipping” é uma atividade que foi organizada e desenvolvida nos Estados Unidos (USA), com base nos movimentos de “pular corda” (daí a denominação “hope skipping”). Atualmente, tornou-se também uma modalidade competitiva e tem sido difundida em outros países, como, por exemplo, na Bélgica.

- Na Gymanestrada em Berlim, participei de um “Fórum de Instrutores” sobre Formas Fundamentais de Movimento em Ginástica e Dança, com a Profa. Margaret Sikkens Ahlquist, da Suécia;
- E na Dinamarca:
 - Participei de um Curso para Instrutores de Ginástica (oriundos de 25 regiões do país), promovido pela DGI, em Sønderborg. O curso foi ministrado pelos técnicos do Time Nacional de Ginástica da Dinamarca (National Danish Gymnastics Team), Profa. Gitta Sørensen e Prof. Lars Kristensen, pela Profa. Maria Laakso, da Finlândia, e pelo Prof. Tatsuo Araki, do Japão, docente no Nittaidai - Nippon College of Physical Education;
 - Ministrei, juntamente com a Profa. Dra. Elizabeth Paoliello Machado de Souza, dois “workshops” para alunos e professores da “Gymnastikhøjskolen” (Escola de Ginástica), em Viborg e Ollerup, sobre a proposta de Ginástica Geral do Grupo Ginástico Unicamp, enfatizando os ritmos brasileiros.

1.2.1.3. Entrevistas Focalizadas ou Centradas

Foram efetuadas entrevistas focalizadas (Lakatos, Marconi, 1991, p.197) ou entrevistas centradas - “focused interview” (Thiollent, 1985, p.35), nas quais o entrevistador, dentro de certos temas, permite ao entrevistado descrever livremente sua experiência pessoal acerca do assunto pesquisado. A partir de um roteiro de tópicos, o entrevistador tem a liberdade de fazer as perguntas que julgar importantes para o esclarecimento do tema em estudo.

A grande maioria das entrevistas foram realizadas durante o “International Gymnastik Festival - Alicante 1995”, a “10th World Gymnaestrada – Berlin 1995” e a Viagem de Estudos à Dinamarca.

A seleção dos entrevistados foi feita de forma intencional⁸, dando ênfase aos profissionais da área da Ginástica que têm colaborado para o desenvolvimento da Ginástica Geral no Brasil e no exterior e também aos membros Federação Internacional de Ginástica (FIG) diretamente relacionados com a Ginástica Geral.

Com base num roteiro de questões (Anexo 2, p.170), foram entrevistados dirigentes, professores e ginastas de várias localidades⁹, somando 67 entrevistas, sendo 20 com dirigentes, 22 com professores e 25 com ginastas.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para fins de análise.

⁸ A definição da amostra foi feita de forma não probabilística (Bruyne, Herman, Schoutheete, 1982, p.217-218), levando-se em conta critérios de acessibilidade e disponibilidade, tanto dos entrevistados como da entrevistadora. Esse procedimento justifica-se, uma vez que a intenção foi conseguir informações que possibilitassem realizar uma reflexão qualitativa sobre o tema.

⁹ Os estrangeiros que não falavam português, foram entrevistados em espanhol, inglês ou francês. O roteiro das entrevistas foi traduzido nesses idiomas, com o intuito de facilitar a realização das mesmas.

1.2.2. Segundo Momento

Nesse momento da pesquisa de campo foi desenvolvido um projeto com professores de Educação Física da rede pública da cidade de Campinas, durante o ano de 1996, objetivando encontrar subsídios para discutir as perspectivas da Ginástica Geral no âmbito da Educação Física Escolar.

A sua execução ocorreu em duas fases: a realização de um curso de Ginástica Geral para os professores, durante o primeiro semestre, e o desenvolvimento de uma proposta de Ginástica Geral nas escolas, no segundo semestre.

Foram feitos contatos com as Delegacias de Ensino de Campinas, em dezembro de 1995, para explicar os objetivos do projeto como um todo e solicitar auxílio no processo de divulgação. Em fevereiro de 1996, esses contatos foram retomados e a divulgação do curso foi feita através de uma carta-convite (Anexo 3, p.172), distribuída nas escolas públicas de 1º. e 2º. graus da cidade de Campinas, oferecendo 30 vagas para a participação no projeto.

1.2.2.1. Curso de Ginástica Geral

Esse curso foi ministrado no período de abril a junho de 1996 (totalizando 30 horas), nas dependências da Faculdade de Educação Física da Unicamp, contando com a participação de 21 professores de Educação Física, dentre os quais 19 eram de escolas estaduais de Campinas, 1 de uma escola estadual de Monte Mor e 1 de uma pré-escola particular de Campinas.

Programa do Curso

O programa do curso¹⁰ englobou discussões teóricas gerais sobre a Ginástica, a Ginástica Geral e a Educação Física Escolar, assim como vivências práticas, respaldadas em princípios norteadores para o desenvolvimento de uma proposta de GG na escola.

Questionários para os professores

Uma vez esclarecidos os objetivos centrais do projeto, foram aplicados dois questionários para os professores (Anexo 5, p.176), com a finalidade de conhecer a realidade das escolas, as suas formas de trabalho, as suas visões sobre a Ginástica, Ginástica Geral e a Educação Física Escolar, assim como as expectativas em relação ao curso e ao projeto como um todo.

Essas informações, coletadas logo no início do curso, forneceram elementos muito significativos para conhecer o grupo e possibilitar a adequação da proposta de Ginástica Geral ao contexto de atuação dos professores.

Planejamento das aulas de Ginástica Geral

No final do curso, cada professor definiu uma classe para desenvolver a proposta. Predominaram turmas de 5^a. à 8^a. série do Ensino Fundamental, nas quais o Estado garante a presença do professor especialista em Educação Física para ministrar as aulas. A partir disso, os professores reuniram-se em

¹⁰ O programa do curso consta do Anexo 4, p.173.

pequenos grupos, de acordo com as turmas escolhidas, para elaborar pelo menos 15 aulas de GG, com base num roteiro (Anexo 6, p.177) que serviu como apoio para o planejamento do trabalho.

1.2.2.2. Desenvolvimento da proposta de Ginástica Geral nas escolas

Essa etapa foi realizada durante o segundo semestre letivo de 1996, mais precisamente durante os meses de setembro a novembro.

Os próprios professores ministraram as aulas de GG nas suas escolas. Dos 21 professores que participaram do curso no primeiro semestre, 18 retornaram em agosto, dentre os quais, 11 efetivamente desenvolveram a proposta. Desses 11, 7 cumpriram pelo menos 10 aulas e 4, pelo menos 6 aulas.

Acompanhamento do desenvolvimento da proposta

O acompanhamento do trabalho desenvolvido pelos professores foi feito através dos seguintes procedimentos:

- A) Fichas de Plano de Aula (Anexo 7, p.178);
- B) Visitas às escolas;
- C) Reuniões mensais com os professores (de agosto a dezembro).

A) Fichas de Plano de Aula

Essas fichas eram entregues periodicamente pelos professores, em nossos encontros mensais, com o objetivo de facilitar o acompanhamento das aulas e para documentar o trabalho desenvolvido.

B) Visitas às escolas

Foram feitas visitas às escolas, nos horários das aulas de Ginástica Geral, com a finalidade de conhecer os locais e os grupos. Nessas visitas foram feitas filmagens e tiradas fotografias.

C) Reuniões mensais

Essas reuniões caracterizaram-se como verdadeiros “pontos de encontro”, para dialogar a respeito das experiências que estavam sendo vivenciadas no processo de desenvolvimento da proposta. As conquistas e dificuldades eram compartilhadas, suscitando novas possibilidades, novos caminhos a serem trilhados. Em dezembro foi realizada uma reunião final com os professores para avaliação geral do trabalho realizado.

Toda essa trajetória metodológica possibilitou-me **percorrer um caminho** muito rico e inquietante. Se, por um lado, percebia-me repleta de informações e esclarecimentos, por outro, aumentavam as minhas dúvidas e questionamentos. No seio dessa contradição, fui **trilhando o meu caminhar** em direção à compreensão da Ginástica Geral na sociedade contemporânea e suas perspectivas para a Educação Física Escolar.

Capítulo 2:

A Ginástica Geral na sociedade contemporânea - projetando sua imagem

*“Devemos permanecer sempre de atalaia,
experimental todos os nossos passos, partir da
tradição, apoiar-nos nela nos momentos difíceis,
mas ultrapassar e abandonar os caminhos
traçados, lançar pontes, cavar túneis, escalar
encostas, alcançar cimos, para irmos sempre em
busca de mais claridade e mais sol. (...)
Tire o chapéu para o passado,
Tire o casaco para o futuro!”*

Célestin Freinet
(1991, p.94-95)

9th World Gymnastrada
Amsterdam 1991



A compreensão da Ginástica Geral (GG) tem sido alvo de interesse entre profissionais brasileiros da área da Educação Física e da Ginástica, especialmente entre aqueles que têm organizado e participado de eventos nacionais e internacionais de Ginástica Geral.

Docentes e discentes da Faculdade de Educação Física da Unicamp realizam pesquisas sobre GG, marcadamente desde 1989, com a criação do Grupo Ginástico Unicamp (GGU).

No ano de 1996, foram realizados o “I e II Encontro de Ginástica Geral” nessa mesma instituição, nos dias 25 de maio e 9 de dezembro, respectivamente, com o objetivo central de aprofundar o debate em torno do conceito de Ginástica Geral e suas possibilidades de desenvolvimento em diferentes segmentos da sociedade (escolas, clubes, associações comunitárias, academias etc.).¹¹

A minha participação nesses encontros, assim como no “Grupo de Estudos de Ginástica Geral”¹², influenciaram intensamente o meu entendimento acerca da Ginástica Geral. Soma-se a isso, todo o “Primeiro Momento” da Pesquisa de Campo deste estudo, cuja riqueza de informações conseguidas através das entrevistas (com dirigentes, professores e ginastas de diversos países) e das observações (especialmente da “10th World Gymnaestrada - Berlin 1995”), constitui uma valiosa fonte de reflexão.

¹¹ A partir desses eventos foi publicada uma coletânea, mencionada na introdução deste trabalho, contendo a síntese das discussões realizadas e textos sobre Ginástica Geral elaborados pelos participantes dos encontros (Coletânea, 1997).

¹² O “Grupo de Estudos de Ginástica Geral”, coordenado pela Profa. Dra. Elizabeth P. M. de Souza e pelo Prof. Dr. Jorge S. P. Gallardo, pertence ao grupo de pesquisa “Grupo Ginástico Unicamp”, cadastrado no CNPq desde 1994.

Para **projetar a imagem** da Ginástica Geral na sociedade contemporânea, senti a necessidade de conhecer mais profundamente a evolução da Ginástica. Nesse sentido, parti em busca da trajetória percorrida pela Ginástica desde o início do século XIX, com a intenção de encontrar elementos para o entendimento da GG na atualidade.

2.1. A Ginástica

Por meio de sua obra “Teoría general de la gimnasia”, Langlade, Langlade (1986) oferecem aos seus leitores uma rica viagem ao universo da Ginástica, em especial a partir do início do século XIX, período em que são sistematizados os Métodos Ginásticos Europeus, representados principalmente pelas Escolas de Ginástica Alemã, Sueca e Francesa.

Segundo esses autores (1986, p.17-31), o ano de 1800 é considerado uma data muito indicada para assinalar o nascimento da atual Ginástica, o qual foi possível devido a uma série de circunstâncias que propiciaram o aparecimento das suas primeiras sistematizações. Para Langlade, Langlade (1986, p.22) “*Daí em diante, a ginástica evoluiu incessantemente, não havendo alcançado ainda hoje formas definitivas*”.¹³

Com o intuito de compreender mais claramente o significado do “*nascimento da atual Ginástica*” (conforme Langlade, Langlade, 1986, p.22), encontrei no estudo desenvolvido por Soares (1998) sobre as “*Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*”,

¹³ Alberto LANGLADE, Nelly Rey de LANGLADE. Teoria general de la gimnasia, 1986. Todas as citações da referida obra foram traduzidas do espanhol.

reflexões que colaboraram de modo decisivo para a compreensão do cenário que marcou a transição da Ginástica (como era concebida antes do Movimento Ginástico Europeu) para a Ginástica *científica*, o mesmo seria dizer, da Ginástica para a Ginástica *atual*. O desenrolar de sua análise vai desnudando cuidadosamente aquilo que se ocultava, descobrindo (des-cobrando, tirando a cobertura, deixando à vista, decifrando...) **imagens** reveladoras a respeito dessa passagem.

A denominação **Ginástica** remonta de épocas anteriores ao século passado. Sua origem etimológica vem do grego: *gymnastiké* - “*Arte ou ato de exercitar o corpo para fortificá-lo e dar-lhe agilidade*” (grifo meu) e *gímnós* - “*nu, despido*” (Ferreira, 1986, p.850), trazendo consigo uma idéia de associação entre o exercício físico e a nudez (“exercitar o corpo nu”), no sentido do despido, do simples, do livre, do limpo, do desprovido ou destituído de maldade, do imparcial, do neutro, do puro.

Para os gregos, Ginástica significava “(...) *exercícios físicos em geral e estes compreendiam corridas, lançamentos, saltos, lutas, etc.; em resumo, todos os exercícios denominados na atualidade atletismo ou esportes*” (Langlade, Langlade, 1986, p.21). Sendo assim entendido em suas primeiras sistematizações na sociedade ocidental européia, o termo Ginástica englobava uma enorme gama de práticas corporais, tais como: jogos populares e da nobreza, acrobacias, saltos, corridas, exercícios militares de preparação para a guerra, esgrima, equitação, danças e canto (Soares, 1998, p.20).

O Movimento Ginástico Europeu pode ser entendido, de acordo com Soares (1998, p.20), como “(...) *o conjunto, sistematizado pela ciência e pela técnica, do que ocorreu em diferentes países ao longo de todo o século XIX,*

especialmente na Alemanha, Suécia, Inglaterra e França". Para a autora, esse Movimento, como expressão da cultura, "*(...) se constrói a partir das relações cotidianas, dos divertimentos e festas populares, dos espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares, bem como dos passatempos da aristocracia*" (Soares, 1998, p.18). Ressalta, ainda, que o seu conteúdo básico foi organizado a partir de parâmetros formulados pela cultura grega que compreendia a Ginástica relacionada à idéia de saúde, beleza e força (Soares, 1998, p.21).

Consideradas as diferenças e particularidades entre as diversas nações, de um modo geral, o Movimento Ginástico Europeu acentuava finalidades comuns, segundo Soares (1994, p.65), como regenerar a raça, desenvolver a saúde (compreendida já como conquista e responsabilidade individual), a coragem e a força para servir a pátria nas guerras e na indústria. Mas o seu maior objetivo era o de "*(...) moralizar os indivíduos e a sociedade, intervindo radicalmente em modos de ser e de viver*" (Soares, 1998, p.20). E, para a concretização de tais finalidades, foram "recrutados" os serviços da ciência:

"Ciência e técnica parecem ter sempre comparecido para afirmar a Ginástica como instrumento de aquisição de saúde, de formação estética e de treinamento do soldado. Comparecem, sobretudo, para revelar a Ginástica como protagonista do que é racional, experimentado e explicado" (Soares, 1998, p.21).

A abordagem científica amplamente difundida no século XIX, cuja base de sustentação era delimitada, sobretudo, pelas ciências físicas e biológicas, fez com que a Ginástica fosse perdendo, pouco a pouco, as suas características artísticas, lúdicas e de globalidade, permanecendo cada vez mais restrita às

explicações dadas pela ciência e pela técnica. Nesse período, os progressos da ciência intensificaram-se e permitiram vislumbrar as possibilidades da Ginástica para uma “*educação do movimento*”, para uma “*educação do corpo*”. De um modo mais preciso que em outras épocas da história do homem ocidental, estrutura-se uma “*pedagogia do gesto*”, na qual a Ginástica *científica* passa a ser a grande responsável pela visibilidade de um “*corpo educado*” (Soares, 1998, p.88). Tem início, a partir desse momento, a configuração de uma gestualidade própria da Ginástica, o **gesto gímnico**, cujos sentidos e significados estão apoiados na ciência e na técnica, assim como nos princípios de ordem e disciplina ditados pela burguesia.

A Ginástica, na medida em que vai se tornando cada vez mais *científica*, segue o seu curso negando as suas origens, a sua autenticidade, o seu “(...) *núcleo primordial, cuja característica dominante se localiza no campo dos divertimentos*” (Soares, 1998, p.18).

A necessidade de ruptura da Ginástica *científica* com o seu *núcleo primordial* é tão fortemente evidenciada no século XIX que, tudo o que se relacionava com os espetáculos próprios do mundo do circo e das festas populares, era recusado.

“Os acrobatas e funâmbulos eram a má consciência, o irracional dos círculos científicos que elegiam a ‘Ginástica científica’ como prática corporal capaz de contribuir na formação do **corpo civilizado**. Contraditoriamente, porém, todo aquele universo de ousadia e risco com as atividades corporais feitas no mundo do

‘teatro do povo’, foi a base da metrificação e classificação científica. (...)

Precisão, sistematização, rigor, experimentação, controle. É este o universo terminológico no qual mergulha o conjunto das atividades corporais, antes livres e praticadas como rituais de viver” (Soares, 1998, p.59; grifo meu).

O circo era uma atividade que exercia grande fascínio na sociedade europeia do século XIX. Traçando um paralelo entre o corpo “lúdico” do circo e o corpo “educado-civilizado” preconizado pela Ginástica *científica*, evidencia-se um antagonismo. Na Ginástica *científica* predominava o princípio da utilidade dos gestos e da economia de energia, na busca de um corpo milimetricamente reformado, simétrico, enfim, perfeitamente sintonizado com os preceitos científicos e com os valores da sociedade burguesa: “*A Ginástica é constitutiva desta mentalidade. Destaca-se pelo seu caráter ordenativo, disciplinador e metódico*” (Soares, 1998, p.19). Em contrapartida, o universo gestual próprio do circo revelava uma tal ausência de utilidade que

“O corpo ali exibido em movimento constante despertava o riso, o temor e, sobretudo, a liberdade. Havia uma **inteireza** lúdica na gestualidade de cada personagem: o anão, o palhaço, o acrobata, a bailarina. Esta inteireza não cabia na sociedade cindida, fundada e erigida pelo pensamento burguês” (Soares, 1998, p.24; grifo meu).

Com a negação do prazer, do simples entretenimento que a atividade livre e lúdica do mundo circense proporcionava e com a conseqüente exaltação do princípio de utilidade da atividade física, acentuava-se gradativamente a

oposição entre a Ginástica e o campo dos divertimentos, gerando um abismo cada vez mais profundo entre ambos. A configuração do gesto gímico, do exercício ginástico - construído, ordenado, disciplinado e metodizado -, intencionava afirmar a diferença entre a Ginástica e outras práticas corporais, apartando-a, cada vez mais, do seu *núcleo primordial*. Entretanto, é justamente nesse *núcleo primordial* que os diferentes Métodos Ginásticos buscavam os seus fundamentos, transformando-os de acordo com os seus interesses. Um exemplo disso é a utilização de jogos nas aulas de Ginástica de Amoros, de um modo totalmente descontextualizado, instrumental, com a finalidade de treinar, de ordenar (o jogo visto como uma atividade que cria ordem e sendo, por isso, utilizado) as ações físicas e morais úteis para a vida cotidiana e/ou militar (Soares, 1998, p.70).

A Ginástica *científica* inaugura, portanto, o processo de “*aprisionamento das formas/linguagens das práticas corporais*” pelos círculos científicos europeus (Soares, 1998, p.20). Ela proclama o seu rompimento com a “*arte de exercitar o corpo*” (como pretendiam os gregos), para casar-se com a **ciência** de exercitar o corpo, e por que não dizer, com a ciência de adestrar, domesticar, doutrinar o corpo. Porém, é, sobretudo, na relação com a arte e com os parâmetros formulados pela cultura grega, que ela busca os seus fundamentos para *cientificar/aprisionar* as múltiplas linguagens das práticas corporais.

Esse processo, no entanto, não ocorreu de forma tranquila, linear e idêntica em toda a Europa. Apesar das semelhanças de objetivos, o desenvolvimento da Ginástica *científica* nos diferentes países foi permeado por conflitos e divergências na sistematização dos diversos métodos.

De acordo com Langlade, Langlade (1986, p.23-28), podemos destacar quatro zonas de atividades na Europa que, entre 1800 e 1900, demarcaram diferentes formas de se encarar os exercícios físicos. Essas zonas são representadas pelas seguintes “Escolas”: a Escola Inglesa (*primeira zona*), a Escola Alemã (*segunda zona*), a Escola Sueca (*terceira zona*) e a Escola Francesa (*quarta zona*). Dentre elas, apenas a Escola Inglesa [representada pela figura de Thomas Arnold (1795-1842)] não se ateu ao desenvolvimento da Ginástica, dedicando-se mais diretamente ao jogos e às atividades atléticas, configurando um movimento que veio favorecer a consolidação do Esporte Moderno. As outras três foram as grandes responsáveis pela sistematização dos Métodos Ginásticos Europeus, tendo como representantes principais:

- Guts-Muths (1759-1839) e Friedrich-Ludwig Jahn (1778-1852), Escola Alemã;
- Per Henrik Ling (1776-1839), Escola Sueca;
- Francisco Amoros y Ondeano (1770-1848) e Georges Demeny (1850-1917), Escola Francesa.

Após quase 100 anos sem modificações mais significativas nas linhas originais da Ginástica, entre 1900 e 1939 tiveram início, quase simultaneamente, três grandes “Movimentos” Ginásticos importantes: o Movimento do Oeste, na França; o Movimento do Centro, na Alemanha, Áustria e Suíça; e o Movimento do Norte, nos países da Escandinávia (Langlade, Langlade, 1986, p.29-30).

A partir de 1939, ano em que foi realizada a Primeira “Lingíada”¹⁴ em Estocolmo - Suécia, acentuou-se uma fase de “*influências recíprocas e universalização dos Métodos Ginásticos*” (*fusão dos sistemas*), que se estende até os nossos dias. Nesse período, as relações entre a Ginástica e o Esporte intensificaram-se, sendo que, mais ainda na Segunda “Lingíada” (realizada em 1948 ou 1949¹⁵, novamente em Estocolmo - Suécia) a influência do Esporte no campo da Ginástica manifestou-se com toda sua plenitude (Langlade, Langlade, 1986, p.31).

Quase dois séculos se passaram desde as primeiras sistematizações sobre a Ginástica *científica* ou *atual*. Estamos atingindo o século XXI e podemos observar que este processo de “educação/endireitamento do corpo” se reflete claramente nas **imagens** da Ginástica e do Esporte na atualidade.

Gerada com orgulho, a Ginástica *científica* caracteriza-se como uma das “filhas” mais ilustres da ciência ocidental, ao lado do Esporte Moderno. Essa “família”, constituída pela ciência moderna, encontrou nas práticas corporais do século XVIII e XIX, as luzes para fundar uma ciência da “educação/endireitamento do corpo”, baseada, principalmente, no desenvolvimento da Ginástica *científica* e do Esporte Moderno. A exemplo de sua “irmã”, esse também foi se aperfeiçoando em estreita sintonia com a

¹⁴ As “Lingíadas” foram Festivais Internacionais de Ginástica organizados na primeira metade deste século, pela Federação Sueca de Ginástica, em homenagem a Per Henrik Ling, fundador da Ginástica Sueca. Essa foi a primeira vez em que se implementou a idéia de se realizar um festival **internacional** de Ginástica (Fédération, 1993, p.5, item 4 - World Gymnaestrada Participation Guidelines).

¹⁵ Há informações conflitantes quanto ao ano de realização da Segunda “Lingíada”: para Langlade, Langlade (1986, p.20) foi em 1948; para Marinho (1981, p.52) e Kramer, Lommen (1991, p.20) foi em 1949.

racionalidade científica e pode ser considerado, em nossos dias, o seu “filho” predileto.

Bracht (1995, p.39) escreve que

“A ciência entra como coadjuvante/auxiliar para a concretização de uma das características centrais do esporte moderno: a maximização do rendimento. A este objetivo adequa-se exemplarmente a racionalidade científica hegemônica (denominada pelos Frankfurtianos de razão instrumental), porque está voltada exatamente para o aumento da eficiência dos meios, excluindo, por definição, a discussão em torno dos fins desta prática. Ora, o aumento da importância social do esporte, principalmente da importância sócio-política (e mais recentemente econômica), **requisitou os serviços da ciência, para eliminar o acaso, o imprevisto, e assim, ‘garantir’ o sucesso**” (grifo meu).

No Esporte Moderno, os serviços da ciência têm sido solicitados para controlar o risco, abolindo o inesperado e garantindo o sucesso, assim como ocorrera com a Ginástica *científica*, na qual **precisão e controle** aparecem como o centro do “*espetáculo ‘controlado’ dos usos do corpo*” (Soares, 1998, p.25).

Entretanto, neste século, o fenômeno Esporte sobressaiu-se, conquistando, de forma preponderante, o espaço das práticas corporais nas sociedades contemporâneas.

Segundo Bracht (1992, p.22), após a II Guerra Mundial, observa-se um grande desenvolvimento quantitativo do Esporte, o qual vai se consolidando gradativamente como o elemento hegemônico da cultura de movimento, em todos os países sob a influência da cultura européia, como é o caso do Brasil. Afirma, ainda, que

“No Brasil as condições para o desenvolvimento do esporte, quais sejam, o desenvolvimento industrial com a conseqüente urbanização da população e dos meios de comunicação de massa, estavam agora, mais do que antes, presentes. Outro aspecto importante é a progressiva **esportivização** de outros elementos da cultura de movimento, sejam elas vindas do exterior como o judô ou o karatê, ou genuinamente brasileiras como a capoeira” (Bracht, 1992, p.22; grifo meu).

Em nossos dias, atividade física passou a ser sinônimo de Esporte. A esportivização das práticas corporais (inclusive da Ginástica) consiste numa das principais características da cultura corporal¹⁶ na atualidade. E com ela, acentua-se o já conhecido processo de “educação/endireitamento do corpo”, com agravantes advindos, principalmente, de dois aspectos: da concepção positivista de ciência que ainda predomina nos meios acadêmicos e da visão

¹⁶ Os termos *cultura de movimento* ou *cultura corporal de movimento* (utilizados por Bracht, 1992 e 1996, respectivamente) e *cultura corporal* (utilizado por Coletivo de Autores, 1992), dizem respeito ao conjunto de práticas corporais que se tornaram patrimônio da humanidade (como o Jogo, a Ginástica, a Dança, o Esporte etc), as quais foram sendo construídas pelo ser humano, com determinados sentidos e significados conferidos pelos diferentes contextos histórico-culturais.

capitalista de sociedade e de cultura, na qual impera a lógica utilitarista da produtividade e o hiperconsumo, aliados à indústria do lazer.

Quanto ao primeiro ponto, Bracht (1995, p.35) ressalta que, apesar de reconhecer que nos últimos anos observou-se um aumento de investigações nas Ciências do Esporte no Brasil, orientado pela Fenomenologia-hermenêutica e pelo Materialismo Histórico-dialético, ainda *“Predominam as investigações orientadas numa concepção de ciência oriunda das ciências naturais, de cariz empírico-analítico, que privilegia técnicas quantitativas de pesquisa (dentro do credo objetivista)”*.

Em relação ao segundo aspecto, que caminhos tem trilhado a instituição Esporte nas últimas décadas, senão o da exacerbação da concepção capitalista de sociedade e de cultura? O rendimento, a produtividade, a utilidade acima de tudo. Os resultados a qualquer preço. O fim justificando os meios. A unanimidade alcançada pelo Esporte nas sociedades contemporâneas leva-nos a crer que ser esportivo, apresentar uma boa forma física, praticamente *“(...) já quase não é mais uma opção, mas sim uma imposição social. Ligado a este ‘boom’ do corpo ou das práticas corporais, temos o ‘boom’ da indústria do lazer e dos materiais esportivos”* (Bracht, 1992, p.46), que acabam por completar com eficiência o círculo vicioso do hiperconsumo. Quais têm sido os códigos mais marcantes da esportivização da cultura corporal em relação ao corpo? É o corpo-objeto, corpo-mercadoria, corpo-rígido, corpo-dor, corpo-cindido, corpo-massificado, corpo-alienado, corpo-consumo, corpo-acessório, corpo-máquina, conquistando o lugar do corpo-sujeito, corpo-autêntico, corpo-flexível, corpo-prazer, corpo-integrado, corpo-expressivo, corpo-liberto, corpo-fruição, corpo-essência, corpo-Humano.

Retornando à Ginástica, não podemos negar que essa vem sofrendo transformações, ganhando novos contornos. No entanto, a herança das “*imagens da educação no corpo*” (Soares, 1998), projetadas no século passado, continua viva, projetando **imagens** semelhantes quase 200 anos mais tarde. A Ginástica contemporânea ainda permanece fortemente vinculada à conquista da saúde, orientando-se por uma visão limitada, que restringe a compreensão de saúde a um corpo estritamente biológico, individual, um corpo a-histórico, descontextualizado da sociedade na qual está inserido. Soma-se a isso, as influências do processo de esportivização da cultura corporal que também a afeta. Contudo, é importante ressaltar, conforme afirma Soares (1997, p.50-51) que, se por um lado a Ginástica no século passado estava direcionada a uma educação para a economia do movimento (menor gasto energético possível), atualmente, a Ginástica (e também outras práticas corporais, como por exemplo os Esportes) acentua exatamente o inverso, o gasto energético: “*Frequentar academias, praticar algum esporte significa ‘gastar energia’, ‘queimar calorias’, emagrecer e enquadrar-se no modelo de corpo sugerido/imposto pelas imagens, pelos discursos sobre o corpo*” (Soares, 1997, p.51).

Nesse caminho percorrido pela Ginástica, inúmeras terminologias têm sido criadas, configurando diferentes “tipos” de Ginástica, de acordo com as suas principais características e objetivos. A despeito dessas diferenciações, os diversos “tipos” de Ginástica existentes na atualidade revelam, em maior ou menor grau, além das suas ligações com as exigências da esportivização, uma sintonia com as pressões da indústria do lazer, a qual tem estimulado e favorecido os modismos no campo das práticas corporais. Como exemplo,

podemos constatar o “boom” das academias de Ginástica, nas quais as pessoas, em geral, já nem sabem se lá estão “*por opção ou por imposição social*” (Bracht, 1992, p.46). Os seus alunos/consumidores estão ávidos pelos seus produtos que prometem transformá-los em “corpos saudáveis”, “esculturais”...

Nessa perspectiva, compete a nós, “educadores do corpo”, ou simplesmente educadores, prestes a entrar no século XXI, romper com os “vícios” do passado e do presente, e **imaginar** uma Ginástica contemporânea que privilegie, acima de tudo, o humano do homem, o que quer dizer o homem-**cultura** e não o homem-máquina, o homem-**sujeito** e não o homem-objeto, o homem-**liberto** e não o homem-alienado. Uma Ginástica que se reconheça científica, mas que consiga reagir aos dogmas da ciência positivista para encontrar as suas respostas (ou ainda, as suas perguntas). Uma ginástica que esteja aberta aos ensinamentos multifacetados da cultura corporal, inclusive os do Esporte, porém sem se render aos apelos e às armadilhas da esportivização. Uma Ginástica que aprenda com a acrobacia ousada do funâmbulo e a acrobacia prudente do ginasta, com a flexibilidade da contorcionista e a firmeza da ginasta, com o riso do palhaço e a seriedade do técnico desportivo. Uma Ginástica que procure superar as artimanhas do culto ao corpo - objeto de consumo, mercadoria -, com seus modismos e imposições. Enfim, uma Ginástica que crie espaço para o componente lúdico da cultura corporal, “re-descobrimo” o prazer, a inteireza e a técnica/arte da linguagem corporal.

Acredito ser possível **projetar essas imagens** através da **Ginástica Geral**.

2.2. A Ginástica Geral

A opção por iniciar a reflexão sobre a GG, abordando a sua trajetória na Federação Internacional de Ginástica (FIG), deve-se ao fato dessa instituição ser a grande responsável pela sua difusão na atualidade. Minha intenção não é restringir a compreensão da Ginástica Geral à visão oficial, institucional e parcial da FIG, mas sim, contextualizar o surgimento e estruturação da GG tal como hoje a conhecemos, para, posteriormente, discutir questões que apontem para o seu entendimento e conceituação.

2.2.1. A Ginástica Geral e a Federação Internacional de Ginástica

A Federação Internacional de Ginástica (FIG) é a Federação “(...) *com maior poder e influência na Ginástica mundial*” (Souza,1997, p.29).

De acordo com as informações conseguidas nas entrevistas realizadas na pesquisa de campo¹⁷, a denominação **Ginástica Geral** foi proposta pela FIG no final da década de 1970 e início da de 1980, para se referir às atividades da Ginástica fora da competição, ou seja, para distinguir os Esportes Ginásticos do

¹⁷ Os depoimentos foram traduzidos do inglês, francês e espanhol, com o cuidado de manter a maior fidedignidade possível em relação às declarações dos entrevistados. Dentre eles, destaco os seguintes nomes, pela valiosa contribuição em relação à origem e panorama da Ginástica Geral no mundo: os membros da FIG – Prof. Jean Willisegger, da Suíça (presidente do Comitê Técnico de Ginástica Geral – CTGG, 1995), Prof. Giorgio Garufi, da Itália (vice-presidente do CTGG, 1995) e o Prof. Olof Kihlmark, da Suécia (membro da Comissão de Estudos de Ginástica Geral, 1995); o Prof. Jürgen Dieckert, da Alemanha (presidente da Federação Alemã de Ginástica – DTB, 1995); e os professores brasileiros Fernando Augusto Brochado, de São Paulo e Carlos Roberto Alcântara de Rezende, de Minas Gerais, que são os principais responsáveis pela difusão da GG no Brasil.

universo não competitivo da Ginástica.¹⁸ O Prof. Jean Willisegger (da Suíça, presidente do Comitê Técnico de Ginástica Geral da FIG, 1995) afirma que foi difícil propor uma terminologia que pudesse ser compreendida por todos, sendo essa a escolhida por melhor expressar a idéia da Ginástica **em Geral** - das atividades gímnicas em suas bases - e também pela sua possibilidade de fácil tradução em diversos idiomas. O termo Ginástica Geral passa, então, a ser utilizado para marcar a diferença entre a Ginástica "*em geral*", "*em suas bases*", não competitiva, e a Ginástica competitiva, esportivizada.

Em 1984, foi oficializado o Comitê Técnico de Ginástica Geral (CTGG) da Federação Internacional de Ginástica, durante o Congresso da FIG, realizado em Los Angeles, por ocasião dos Jogos Olímpicos. A partir da estruturação desse espaço, destinado exclusivamente ao desenvolvimento da Ginástica "*em geral*", iniciou-se um processo mais intenso de divulgação da GG nas diversas federações nacionais filiadas à FIG, inclusive na Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). Portanto, pode-se dizer que a década de 80 assinalou a propagação da GG.

Entretanto, há indícios de que o nascimento da Ginástica Geral no interior da FIG possa ter sua gênese em períodos anteriores, por volta dos anos 50. Para uma compreensão mais clara dessa origem, serão abordados alguns pontos em relação à história da FIG.¹⁹

¹⁸ Os Esportes Ginásticos, formalizados e institucionalizados, são representados em nossos dias principalmente pelas seguintes modalidades: a Ginástica Artística, a Ginástica Rítmica Desportiva, a Ginástica Aeróbica, o Trampolim Acrobático, a Ginástica Acrobática, a Roda Ginástica e o Tumbling.

¹⁹ A principal fonte de consulta foi: Andre HUGUENIN. 100 years of the International Gymnastics Federation 1881-1981, 1981. Todas as citações dessa obra foram traduzidas do inglês.

2.2.1.1. FIG - breve histórico

Huguenin (1981, p.29-30) afirma que as diversas sociedades ginásticas espalhadas pela Europa do século XIX, sentiram a necessidade de se reunir em organizações nacionais (Uniões, Federações, ou até mesmo simples Associações). Nessa época, especialmente a partir de 1860, foram criadas muitas federações nacionais por todo o continente europeu (em países como a Alemanha, Bélgica, Polônia, Holanda, França, Hungria, Itália, Inglaterra, Checoslováquia, Noruega, Bulgária, Luxemburgo, Dinamarca e Jugoslávia) e também na América (no Canadá). O surgimento dessas associações nacionais de Ginástica abriu caminho para a organização de uma federação europeia que se tornaria, anos mais tarde, uma federação internacional.

A Federação Internacional de Ginástica é a mais antiga dentre todas as associações esportivas internacionais e foi desenvolvida numa base democrática. Teve sua origem em 1881, como Federação **Européia** de Ginástica (FEG). Em 1921, com a filiação dos Estados Unidos, essa Federação passou a ser intitulada Federação **Internacional** de Ginástica (Huguenin, 1981, p.29-34). Mas foi em 1933-1934 que a FIG realmente atingiu o seu nível internacional, tornando-se uma organização mais sólida e estruturada, especialmente com a filiação de países como a Suíça e a Alemanha (Huguenin, 1981, p.46).

Quando foi criada, a Federação Européia de Ginástica tinha a sua frente o presidente da Federação Belga de Ginástica, o Sr. Nicolas J. Cuperus, e pouca representatividade na comunidade europeia. Inicialmente, apenas a Bélgica, França e Holanda associaram-se. O que os representantes belgas,

franceses e holandeses queriam era nada mais do que a criação de um grupo de estudos e de uma comunidade de interesses. Klinger (apud Huguenin, 1981, p.34) observa, desiludido: *“A Federação Européia nasceu mas não era ativa”*.

O então presidente, Nicolas J. Cuperus, demonstrava **mais interesse pelos festivais de Ginástica do que pelas competições**, o que pode ser evidenciado pelo que ele escreveu em 1897, referindo-se às diversas federações nacionais de Ginástica:

“(...) eu espero pelo momento quando as competições serão desnecessárias (...) Mas mesmo assim, como até agora nenhuma federação achou conveniente substituir as competições por festivais, eu tenho que abrir mão e aceitar os homens e as coisas como eles são” (apud Huguenin, 1981, p.31).

Logo no início deste século, sob a influência persistente do francês Charles Cazalet (presidente da Federação Francesa de Ginástica), a FEG passou a organizar as competições internacionais de Ginástica, começando pela Ginástica Artística masculina. Naquele momento, a Federação já se mostrava mais ativa e contava com a participação de treze países filiados. Huguenin (1981, p.42) escreve que

“(...) é necessário lembrar que o presidente francês, o Sr. Cazalet - outra personalidade forte - foi o iniciador e o arquiteto mais ativo das competições internacionais, opondo-se às convicções mais fortes de Cuperus. Isso criou um tipo de antagonismo

pessoal dentro da organização internacional e explica a ambiguidade que frequentemente era notada durante aquela época”.

Essa incompatibilidade, todavia, não foi suficiente para impedir que a FEG, e posteriormente a FIG, passasse a priorizar exclusivamente a Ginástica competitiva, como eixo para a sua atuação. Isso pode ser ainda mais confirmado, através das palavras de Arthur Gander (presidente honorário da FIG): *“Tomando como base, o desenvolvimento das competições, quase toda a história da Federação pode ser seguida...”* (apud Huguenin, 1981, p.36).²⁰

Em 1950, após a II Guerra Mundial, foi realizada uma reunião na Suíça, na cidade de Bale, entre membros da FIG e de outras federações nacionais européias, dentre as quais a Federação Holandesa (Koninklijke Nederlandse Gymnastiek Bond - KNGB). Nessa oportunidade, o holandês Johannes Heinrich François Sommer (Jo Sommer), inspirado nas “Lingíadas” realizadas na Suécia, propôs que a FIG organizasse um Festival Internacional de Ginástica. Sua proposta foi aceita, nascendo, assim, a primeira “Gymnaestrada” (atualmente “World Gymnaestrada”), realizada em 1953, em Rotterdam - Holanda. Desde então, as Gymnaestradas Mundiais são eventos

²⁰ A FIG está subordinada ao Comitê Olímpico Internacional (COI) e tem sob sua responsabilidade as modalidades gímnicas que fazem parte das competições dos Jogos Olímpicos.

oficiais do calendário de atividades internacionais da FIG (Kramer, Lommen, 1991, p.21-22).²¹

A partir da iniciativa desse evento, a FIG, ainda que timidamente, começa a dar atenção à esfera não competitiva da Ginástica, limitando-se a promover as Gymnaestradas Mundiais. Essa iniciativa recupera, de certa forma, o antigo ideal de seu fundador, Nicolas J. Cuperus.

Na entrevista com o Prof. Olof Kihlmark (da Suécia, membro do CTGG da FIG, 1995), ele afirma que, no final dos anos 60, vários representantes de diferentes países da faixa central da Europa, que têm muita tradição no campo da Ginástica (por exemplo: Suécia, Dinamarca, Noruega, Holanda, Suíça, Alemanha, entre outros), iniciaram um **movimento de pressão** mais intenso junto à FIG, a fim de que essa instituição voltasse a olhar com mais dedicação para a Ginástica fora do âmbito competitivo. Esse movimento acentuou-se nos anos 70, culminando com a criação de uma Comissão de Trabalho de Ginástica Geral, em 1979. Cinco anos mais tarde, em 1984, foi oficializado o Comitê Técnico de Ginástica Geral da FIG, o único nessa instituição **destinado a uma prática não competitiva**. O Prof. Giorgio Garufi (da Itália, vice-presidente do CTGG da FIG, 1995) destaca que, no início, os outros três Comitês Técnicos da FIG (Ginástica Artística masculina, Ginástica Artística feminina e Ginástica

²¹ É importante reafirmar que os primeiros festivais de Ginástica realmente internacionais de que se têm notícia foram as "Lingíadas", realizadas neste século. Porém, a ocorrência de festivais de Ginástica em âmbito nacional (contando, por vezes, com a participação de convidados estrangeiros) é uma tradição na Europa desde o século passado, em países como a Suécia, Noruega, Áustria, Bélgica, Suíça e Alemanha (Fédération, 1993, p.5, item 4 - World Gymnaestrada Participation Guidelines). Os Deutsche Turnfeste, realizados na Alemanha desde 1860 e as Espartaquiadas Checoslovacas, realizadas a partir de 1921, são exemplos de festivais nacionais de Ginástica, cuja grandiosidade em termos de número de participantes é muito expressiva. Sobre esse assunto, consultar Souza (1997, p.43-47).

Rítmica Desportiva), já consolidados, olhavam para o CTGG com certa preocupação, devido ao fato desse representar uma quantidade expressiva de pessoas.

A realização das primeiras Gymnaestradas na década de 50, aliada a esse movimento de pressão junto à FIG iniciado nos anos 60, certamente são marcos importantes que sinalizam o princípio do nascimento da Ginástica Geral na Federação.

Segundo os membros da FIG entrevistados, ultrapassadas as turbulências iniciais para a consolidação do Comitê Técnico de Ginástica Geral, atualmente, a imagem e identidade da Ginástica Geral na FIG é muito considerada e tem se firmado cada vez mais ao lado dos outros comitês.²²

O russo Yuri Titov (presidente da FIG de 1976 a 1996) afirma que a Ginástica Geral tem um grande futuro por todo o mundo e conclama as federações membros da FIG a apoiar e concretizar este “*movimento universal da Ginástica para todos*” (apud Fédération, [199-], p.5).²³ Salienta, ainda, que a FIG “*É a primeira federação internacional, a qual se dedica tanto ao esporte competitivo quanto ao esporte recreativo*” (apud Fédération, [199-], p.5). A esse respeito, Souza (1997, p.32) ressalta que se trata de um ponto interessante que diferencia a FIG das demais federações desportivas e que a representação da GG através de um comitê técnico específico

²² Para obter maiores informações sobre a FIG, consultar o livro “110^e anniversaire: objectif an 2000” (Fédération, 1991) e Souza (1997, p.29-33).

²³ Todas as publicações da Federação Internacional de Ginástica (Fédération) utilizadas neste estudo estão escritas em outros idiomas. Dessa forma, as citações das obras da FIG foram traduzidas, ora do inglês, ora do francês.

“(...) vem demonstrar a importância desse fenômeno de massa que envolve um incontável número de praticantes em todo o mundo, ultrapassando em larga escala o total de atletas das modalidades competitivas dirigidas pela mesma federação”.

Uma das primeiras “missões” do Comitê Técnico de Ginástica Geral, de acordo com o seu presidente, o Prof. Jean Willisegger, foi divulgar a GG nos outros continentes. Esse trabalho vem sendo realizado através de cursos, publicações²⁴ e, especialmente, por meio da Gymnaestrada Mundial, o evento oficial mais tradicional da FIG na área da Ginástica Geral.

Segundo Willisegger, nos cursos organizados pelo CTGG, uma das maiores preocupações tem sido difundir a GG sem impor modelos rígidos, pois o que é bom para um país pode não ser para outro. Nesse sentido, o CTGG tem procurado conhecer e respeitar os anseios de cada nação para poder integrar com flexibilidade e agilidade a visão de Ginástica Geral da FIG ao contexto mais geral dos diferentes países. No entanto, Willisegger admite que o processo de divulgação da GG não tem sido fácil, pois a área da Ginástica está impregnada dos valores das modalidades gímnicas competitivas. Esse aspecto foi ressaltado na maioria das entrevistas, tanto pelos membros do CTGG quanto pelos dirigentes de outras federações e professores em geral. Afirmaram que, apesar da GG estar conquistando maior espaço nos últimos anos, a

²⁴ Na década de 90, o CTGG organizou duas publicações de Ginástica Geral: “General Gymnastics manual” (Fédération, 1993) e “Manual training of FIG: certificate instructors in General Gymnastics” (Fédération, 1994).

Ginástica competitiva tem sido a principal referência na área da Ginástica e a prioridade das ações institucionais, sobretudo na FIG.

Diante dessas circunstâncias, Willisegger acredita que é preciso ter paciência nesse processo, porque apesar da FIG existir há mais de um século, a estruturação do Comitê Técnico de Ginástica Geral não tem mais do que 15 anos.

2.2.1.2. A concepção de Ginástica Geral da FIG

Para a FIG (Fédération, 1993, p.3, item 1 - Règlement Technique de Gymnastique Générale) a Ginástica Geral compreende a esfera da Ginástica orientada para o lazer e engloba programas de atividades no campo da Ginástica (com e sem aparelhos), Dança e Jogos, conforme as preferências nacionais e culturais. Eventos e competições também podem fazer parte da GG.

Três grupos de atividades são exemplificados para mostrar a sua diversidade:

- 1) *Ginástica e Dança: Ginástica Rítmica, Ginástica Jazz, Aeróbica, Condicionamento Físico, Ballet, Rock'n Roll, Dança Moderna, Dança Teatro, Folclore;*
- 2) *Exercícios com aparelhos: Ginástica com e sobre aparelhos, Trampolim, Tumbling, Acrobacias, Rodas Ginásticas;*
- 3) *Jogos: Jogos Sociais, Jogos Esportivos, Jogos de Condicionamento Físico, Pequenos Jogos, Jogos de Reação (Fédération, 1993, p.7, item 4 - Guide pour la participation à la Gymnaestrada Mondiale).*

A Ginástica Geral é considerada “(...) *em primeiro lugar uma atividade regular dentro de um contexto de entusiasmo e de jogo e a participação é, sobretudo, determinada pelo prazer de praticar*” (Fédération, 1993, p.3, item 1 - Règlement Technique de Gymnastique Générale; grifo meu).

Seus objetivos são favorecer a saúde, a condição física e a integração social e despertar o interesse pessoal pela prática de atividade física, contribuindo para o bem-estar físico e psicológico de seus praticantes. Além disso, a GG deve oferecer experiências estéticas de movimento aos participantes e aos espectadores (Fédération, 1993, p.3, item 1 - Règlement Technique de Gymnastique Générale). Um dos seus compromissos e incumbências fundamentais é oferecer um vasto campo de atividades para um grande número de pessoas, proporcionando variedade, diversão e a oportunidade de ser criativo (Fédération, 1994, p.21).

Quatro pontos têm sido destacados pela FIG (Fédération, [199-], p.14) em relação à Ginástica Geral: “*fascinação, Ginástica para todos, campanha de propaganda mundial da FIG e uma missão para todas as federações - participem todos!*”

Esses aspectos fundamentais da concepção de Ginástica Geral da FIG abordados nas suas publicações, foram ressaltados nas entrevistas com dirigentes, professores e ginastas.

A maioria dos entrevistados, inclusive os membros da FIG que colaboraram na elaboração dos manuais de GG, quando interrogados sobre “o que é a Ginástica Geral”, declararam que a amplitude e diversidade da GG dificultam a sua conceituação. Mesmo assim, os depoimentos trouxeram

elementos significativos para a compreensão da Ginástica Geral, demonstrando, como já era de se prever, que a concepção da FIG tem influenciado diretamente as visões de Ginástica Geral daqueles que têm participado dessa atividade.

O primeiro aspecto relevante a ser destacado, como um dos eixos para o entendimento da GG, diz respeito à consideração da Ginástica Geral “*como a base da Ginástica, como uma mescla de todos os tipos de Ginástica*” (Prof. Antônio Barão, de Portugal).

Em vários depoimentos esse ponto foi ressaltado, o que vai ao encontro do que foi colocado anteriormente em relação à utilização do termo Ginástica Geral pela FIG, para expressar a idéia da “*Ginástica em geral, das atividades gímnicas em suas bases*” (Prof. Jean Willisegger, da Suíça).

O fato da Ginástica Geral estar orientada para o lazer e **não ter finalidade competitiva** foi, seguramente, o aspecto mais enfatizado nas entrevistas e constitui outro eixo fundamental para a compreensão da GG. Entretanto, o manual da FIG (Fédération, 1993, p.3, item 1 - Règlement Technique de Gymnastique Générale) deixa dúvidas quando explicita que “*competições também podem fazer parte da Ginástica Geral*”. Essa afirmação é profundamente contraditória e, a meu ver, além de confundir e dificultar o entendimento da Ginástica Geral, demonstra um grave equívoco. Curioso é que os próprios membros da FIG entrevistados, que colaboraram na publicação, em nenhum momento reportaram-se a isso. Ao contrário, enfatizaram que a competição não deve fazer parte da GG.

O cotejo entre a Ginástica Geral e as Ginásticas competitivas foi uma tônica nos depoimentos de muitos entrevistados, que procuraram assinalar suas diferenças e situá-las em planos distintos de atuação.

Como salienta o Prof. Carlos Roberto Alcântara de Rezende (do Brasil, idealizador e organizador dos Festivais Nacionais de Ginástica (FEGIN) de Ouro Preto - MG), *“Na Ginástica Geral não há restrições a regras e as pessoas não são classificadas em melhores e piores, como no Esporte de alto nível, mas sim em diferentes. A GG tem um contexto mais educacional e de participação”*. E também nessa direção, o Prof. Jesús Telo (da Espanha, presidente do Comitê Organizador do “Festival Internacional de Gimnasia Blume - Gran Canaria”, 1995) afirma que *“Na GG, diferentemente da Ginástica competitiva, temos um acordo de que o que cada um faz é importante”*.

Associado a estes dois aspectos, o seu caráter básico e não competitivo, podemos destacar mais alguns pontos enfatizados nas entrevistas.

A GG foi inúmeras vezes apontada pelos entrevistados como uma **Ginástica para todos**, acessível a todas as pessoas, aberta para a participação; como uma **Ginástica de grupo**, com grupos; como uma **Ginástica simples**, sem restrições a regras e que, portanto, cria espaço para a **diversidade** e para a **criatividade**; e, em especial, como uma **Ginástica do prazer**, da felicidade e do divertimento.

Nas palavras do Prof. Jean Willisegger (da Suíça), a Ginástica Geral

“É a Ginástica para todos, para cada um, acessível para todas as idades e que traz em sua base uma Educação Física para todos,

para cada um. É a possibilidade de se praticar a Ginástica a seu modo, de acordo com as suas convicções, possibilidades, capacidades, necessidades, meios físicos disponíveis, enfim, adaptando-a aos seus interesses e ao seu meio ambiente”.

O Prof. Giorgio Garufi (da Itália) ressalta que a diversidade da GG favorece a participação de todos: *“A organização quase caótica que se vê na GG (acrobacias, Dança, Teatro etc), a sua riqueza de possibilidades, a transforma numa Ginástica para todos”*. E, ainda, o Prof. Riccardo Agabio (da Itália - Federação Italiana de Ginástica, 1995) salienta que *“A Ginástica Geral é uma atividade que pode ser feita por todos, inclusive por deficientes”*.

Considerada uma **Ginástica simples** (*“A Ginástica Geral deve ser simples”* – Prof. Olof Kihlmark, da Suécia), para ser **praticada em grupo** e sem regras rígidas como na Ginástica esportivizada, a Ginástica Geral é tida como uma atividade que estimula a criatividade (*“Existe uma criatividade sem fim na Ginástica Geral”* – Prof. Jürgen Dieckert, da Alemanha - presidente da Federação Alemã de Ginástica - DTB, 1995), assim como o gosto, a alegria e o **prazer pela prática da Ginástica** (*“Trabalhar com gosto e com alegria é o ponto forte da filosofia da Ginástica Geral, porque não há competição, não há o histerismo da competição”* - Prof. Giorgio Garufi, da Itália).

O Prof. Tatsuo Araki (do Japão - docente no Nittaidai - Nippon College of Physical Education e Diretor de Ginástica Geral da Associação Japonesa de Ginástica, 1995) enfatiza como pontos principais a participação e a diversão: *“A Ginástica Geral é para todos, todo mundo pode fazer e todos devem se divertir. Depois do divertimento entram outros objetivos”*. E no depoimento da

Profa. Ilona Gerling (da Alemanha - docente na Universidade de Colônia, 1995), tanto o divertimento quanto a criatividade e a interação entre grupos são salientados:

“Ginástica Geral significa praticar Ginástica de forma divertida, junto com outras pessoas, sempre descobrindo novas possibilidades de movimentar o corpo. Na GG cada grupo pode mostrar o que sabe fazer, criando os seus próprios movimentos com o aparelho que quiser e um grupo pode aprender com o outro”.

Nas entrevistas com os ginastas, este aspecto da GG relativo ao divertimento e à alegria foi claramente evidenciado. Em todos os discursos a prática da Ginástica Geral foi associada ao prazer, ao divertimento. “*It’s fun*” foi a expressão mais utilizada e a primeira a ser dita na grande maioria dos depoimentos (realizados com pessoas de ambos os sexos, de diferentes países - como, por exemplo, Dinamarca, Estados Unidos, Portugal, Bélgica, Alemanha e Brasil, com idades que variavam entre 9 e 75 anos de idade -, o que reforça a idéia da GG enquanto uma atividade que deve proporcionar prazer e alegria aos seus praticantes).²⁵ O gosto em praticar Ginástica Geral também foi manifestado por motivos como: integração com pessoas e grupos, conhecer pessoas e lugares novos, viajar e manter a forma.

²⁵ Na pesquisa realizada por Souza (1997, p.122), com professores de Educação Física que são integrantes ou ex-integrantes do Grupo Ginástico Unicamp, o prazer e a alegria de praticar Ginástica Geral aparece em grande parte dos depoimentos (ao lado de outros motivos de realização pessoal), como um dos aspectos mais positivos.

2.2.1.3. A Gymnaestrada Mundial (“World Gymnaestrada”)²⁶

A “World Gymnaestrada” é a manifestação mundial oficial da Ginástica Geral, organizada pela FIG a cada quatro anos, e caracteriza-se como a atividade mais significativa dessa instituição no campo da GG. Isso permite afirmar, sem exagero, que Ginástica Geral tem sido para a FIG sinônimo de “World Gymnaestrada”, uma vez que praticamente todas as suas ações na área da GG continuam voltando-se, quase que exclusivamente, para a promoção desse evento.

A Gymnaestrada Mundial pode ser considerada o acontecimento mundial mais importante da área da GG devido a sua abrangência internacional. Na “10th World Gymnaestrada - Berlin 1995”, participaram mais de 19 mil pessoas representando mais de 30 países . A “11th World Gymnaestrada” será realizada em Göteborg, na Suécia, em 1999.²⁷

De acordo com o pensamento original do seu idealizador, o holandês Jo Sommer, a competição não deve estar presente na Gymnaestrada, cujos objetivos fundamentais são promover um intercâmbio de idéias a respeito da variedade de enfoques, dentro dos quais a Ginástica é desenvolvida nos diferentes países, e possibilitar a participação de todos, de crianças a idosos, independentemente de nível técnico, num ambiente de multiplicidade de formas

²⁶ A palavra **Gymnaestrada** é uma composição de dois termos: “**gymna**” - relativo à Ginástica; “**strada**” - rua, caminho, estrada, palco; local onde se apresenta o desenvolvimento atual e as tendências na área da Ginástica (Fédération, 1993, p.6, item 4 - Guide pour la participation à la Gymnaestrada Mondiale). Em resumo, Gymnaestrada significa “*estrada para a Ginástica*” (Huguenin, 1981, p.56).

²⁷ Para maiores informações sobre as Gymnaestradas, consultar Kramer, Lommen (1991), Fédération (1995a) e Souza (1997, p.38-42).

e de conagraçamento entre os diferentes povos e culturas. A Gymnaestrada é um evento em que se pode apresentar livremente todas as formas de movimento, com ou sem equipamentos, possibilitando aos seus participantes a oportunidade de apresentar suas idéias peculiares. Caracteriza-se como um valioso espaço gímnico criado para as demonstrações e não para a competição, em que se pode rever e examinar tudo o que existe no mundo amplo e variado da Ginástica (Kramer, Lommen, 1991, p.21-22). Lugar irrestrito de encontro, de troca e de festa, em que o potencial de cada país em relação aos seus diversos pontos de vista sobre a Ginástica são expostos e respeitados, o seu lema é o seguinte: “*Os vencedores da Gymnaestrada são os participantes*” (Kramer, Lommen, 1991, p.7).

Com o passar das décadas, desde a realização de sua primeira versão (em 1953), o programa da Gymnaestrada Mundial vem se ampliando e modificando-se consideravelmente, devido à crescente participação das diversas federações nacionais de Ginástica espalhadas por todo o mundo.

A programação do evento desenvolve-se durante seis dias, incluindo as Cerimônias de Abertura e Encerramento, as diversas apresentações de grupos (com um número mínimo de 10 participantes) e grandes grupos (nas salas e estádios), as apresentações nacionais (as “Noites Nacionais”, sob a responsabilidade de um ou mais países), a FIG Gala (“Noite de Gala” da FIG, na qual cada país apresenta um número), o Fórum de Instrutores da FIG, além de eventos sociais para todos os participantes da Gymnaestrada (Fédération, 1993, p.6, item 2 - Règlement de la Gymnaestrada Mondiale).

Os objetivos essenciais desse “*Festival de Ginástica, Cultura e Divertimento*” (Fédération, 1995b), descritos no Manual de Ginástica Geral da

FIG (Fédération, 1993, p.6-10, item 4 - Guide pour la participation à la Gymnaestrada Mondiale) são os seguintes:

- Divulgar o valor e a diversidade da GG e fomentar sua difusão pelo mundo;
- Despertar alegria e entusiasmo pelo movimento e estimular o interesse pessoal pela prática de uma atividade física;
- Demonstrar as possibilidades da GG e difundir novas idéias;
- Apresentar os últimos conhecimentos e o desenvolvimento da GG;
- Favorecer o aperfeiçoamento dos instrutores interessados;
- Reunir ginastas de todos os países contribuindo para uma maior aproximação e entendimento entre os povos;
- Possibilitar a todas as federações membros da FIG, que apresentem suas características particulares e concepções nacionais no campo da Ginástica, bem como incentivar o trabalho entre as federações;
- Apresentar a Ginástica Geral ao público, a fim de aumentar a sua popularidade.

O presidente do CTGG, Prof. Jean Willisegger, declara-se otimista quanto ao desenvolvimento da GG no mundo, especialmente entre os jovens, pois observa que o ideal e o espírito da Gymnaestrada têm atraído cada vez mais a juventude para participar dessa bela festa, constituindo-se num importante estímulo para a prática da Ginástica Geral.

Dentre as situações observadas neste estudo, a “10th World Gymnaestrada - Berlin 1995” foi, sem dúvida, a mais importante fonte de dados acerca da GG, por se tratar do evento mundial mais significativo da área.

A minha participação na Gymnaestrada, como pesquisadora e como ginasta, possibilitou-me “sentir na pele” o clima de alegria, descontração, prazer, divertimento e integração que permeia essa inesquecível “Festa da Ginástica”.

Uma atmosfera de conagraçamento e intercâmbio invade, pouco a pouco, o evento, envolvendo intensamente todos os seus participantes em torno da Ginástica e da diversidade das expressões culturais dos diferentes países.

Em toda parte, ginastas apresentam-se e assistem às demonstrações... Por todo lado, pessoas circulam pelos estandes, pela praça de alimentação, e conversam das mais variadas formas possíveis (gestos, mímicas etc), trocando idéias, informações, roupas e objetos²⁸...

As belas lembranças da Gymnaestrada levam-me a crer que as idéias originais do seu criador, continuam (e sempre continuarão) encontrando terreno fértil para germinar entre aqueles que acreditam nas possibilidades de crescimento do ser humano através do encontro, do divertimento, enfim, da **festa**.

Os principais aspectos ressaltados no tópico sobre a concepção de Ginástica Geral da FIG foram gradativamente observados e reafirmados no transcorrer da Gymnaestrada.

Primeiramente, a diversidade de formas ou estilos das apresentações, especialmente de atividades localizadas nos grupos de “Ginástica e Dança” e “Exercícios com aparelhos” (organizados pela FIG (Fédération, 1993, p.7,

²⁸ Uma das palavras mais faladas na Gymnaestrada é “change” (do inglês). As trocas entre os participantes (especialmente de camisetas e broches - “pins”) já se tornou uma tradição que é muito valorizada e incentivada pelos veteranos da Gymnaestrada.

item 4 - Guide pour la participation à la Gymnaestrada Mondiale), configuram uma “*mescla de todos os tipos de Ginástica*” (Prof. Antônio Barão, de Portugal) mas, igualmente, uma certa “mistura” ou “confusão” entre os diferentes temas da cultura corporal. A “*organização quase caótica*” da Ginástica Geral, citada pelo Prof. Giorgio Garufi (da Itália) como um dos pontos que favorece a participação de todos, pôde ser claramente observada na Gymnaestrada. É importante salientar que essa “mistura” tem sido uma das principais responsáveis pelas dificuldades que envolvem a conceituação da GG, aspecto mencionado pela maior parte dos entrevistados.

Essa diversidade também se mostrava presente nas características particulares das diferentes manifestações nacionais, permitindo identificar tendências ou linhas de Ginástica bem específicas. Podemos citar, como exemplo: a Ginástica feminina finlandesa, com sua leveza e graciosidade; a “Spring Rhythmic Gymnastics” da Dinamarca, com seus exercícios rítmicos baseados, sobretudo, em pendulações e circunduções, os exercícios de solo e o salto sobre cavalo (“*tumbling/volting/gymnastics*”); as Rodas Ginásticas da Alemanha, com seus desafios, brincando com o equilíbrio e a gravidade; e o trabalho do Japão com cordas grandes (coletivas) e pequenas (individuais), que já se tornou uma tradição na Gymnaestrada, com as suas combinações extremamente criativas de saltos e acrobacias com as cordas de diferentes tamanhos, utilizadas simultaneamente, em duplas, trios, quartetos etc, variando-se o ritmo dos movimentos.

Outro aspecto relevante diz respeito às variações na composição dos grupos em relação aos seguintes pontos: faixa etária (de crianças com 4 ou 5 anos de idade a pessoas com mais de 80 anos, em grupos específicos ou

integrados); número de participantes (desde apresentações com pequenos grupos até apresentações em grandes áreas com mais de 2000 participantes simultaneamente); sexo dos integrantes (grupos femininos, masculinos e mistos, com predominância da participação de pessoas do sexo feminino, fato que também foi apontado pela maioria dos entrevistados como algo comum nos diversos países); e condição física dos ginastas (grupos incluindo pessoas portadoras de deficiências físicas). Essa variedade demonstra que a **Ginástica Geral está aberta para a participação de todos, privilegiando os trabalhos em grupo.**

A **criatividade e a liberdade de expressão**, sem restrições a regras, combinadas, na maioria das vezes, com movimentos **básicos, simples**, são marcas da GG que puderam ser nitidamente evidenciadas através da grande variedade de materiais e aparelhos utilizados²⁹, somada à diversidade de ritmos e trajes.

E, finalmente, a descontração e as demonstrações de alegria e divertimento, predominante nas apresentações, reafirmaram a visão de que a Ginástica Geral é uma atividade que visa, sobretudo, estimular o **prazer pela prática da Ginástica.**

Um dado importante a ser considerado é que, associada a toda atmosfera de festa e confraternização que envolve a Gymnaestrada, há também um forte clima de consumismo, que é incentivado pela própria estrutura de organização do evento, na qual o marketing em torno das práticas corporais assume um papel fundamental. Isso se reflete no “bombardeio” de propagandas e produtos

²⁹ A título de curiosidade, consultar o Anexo 8 (p.179) sobre exemplos de materiais, aparelhos ou equipamentos utilizados nas diversas apresentações observadas.

que são comercializados por toda a parte, reforçando a visão capitalista de sociedade e de cultura, que tem estimulado o “boom” da indústria do lazer e dos materiais esportivos.

Tanto a FIG, quanto as demais federações e os patrocinadores do evento, acabam beneficiando-se nesse sentido. Resta saber se os recursos arrecadados pelas federações serão revertidos para novas ações no campo da Ginástica Geral ou direcionados para outros fins.

2.2.1.4. O processo de estruturação da GG na FIG: buscando sentidos e significados

A partir das considerações anteriores, julgo importante aprofundar algumas questões com o intuito de compreender com mais clareza os sentidos e significados do processo de estruturação da Ginástica Geral na FIG.

O primeiro questionamento que se coloca é o seguinte: esse processo caracteriza-se como uma **conquista de um espaço institucional** para as manifestações não competitivas da Ginástica ou como uma **apropriação institucional de um espaço** onde a FIG ainda não exercia controle?

Um exame detalhado a respeito da trajetória percorrida pela Ginástica Geral no interior da FIG, desde as suas raízes na década de 50 até a estruturação do Comitê Técnico de GG nos anos 80, revela uma **correlação de forças**, que teve como **impulso** inicial a criação de um espaço na FIG para as diversas formas de se praticar Ginástica fora da competição e, como **consequência**, a institucionalização da esfera não competitiva da Ginástica. De um lado, o **movimento de pressão** de um grupo ligado à Ginástica não

competitiva (segundo o Prof. Olof Kihlmark, da Suécia), buscando **conquistar** terreno na FIG a fim de usufruir dos benefícios organizacionais e políticos dessa instituição, cuja representação mundial na área da Ginástica é inegável. E de outro, a FIG “cedendo” a essas pressões, para poder, igualmente, exercer controle, ditar normas e beneficiar-se, aumentando a sua representatividade e influência na área da Ginástica (competitiva e não competitiva), através da promoção de uma “*campanha de propaganda mundial da FIG*” (mencionada no folder de GG da FIG (Fédération, [199-], p.14)) via Ginástica Geral e, principalmente, “World Gymnaestrada”.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a GG vai se firmando no panorama da FIG como uma **conquista**, como um avanço, no sentido de ser uma possibilidade de resistência ao predomínio e exclusividade da Ginástica de competição, a Ginástica Geral sofre uma **apropriação institucional**, passando a cumprir o papel de ser um importante instrumento de auto-propaganda e auto-promoção da FIG que, sob a sua bandeira, orgulha-se em dedicar-se ao “esporte recreativo”. Contudo, são evidentes as limitações que a FIG impõe a essa “dedicação”, uma vez que a sua prioridade tem sido a Ginástica competitiva.

Em nome do “esporte recreativo” e da participação de todos, a FIG acaba incluindo e “misturando” diferentes práticas corporais na proposta de Ginástica Geral, desde que essas não tenham fins competitivos (no sentido formal, institucional, de competição). Essa “salada mista” pode ser constatada na exemplificação dos três grupos de atividades que fazem parte da GG: Ginástica e Dança, Exercícios com aparelhos e Jogos (Fédération, 1993, p.7, item 4 - Guide pour la participation à la Gymnaestrada Mondiale). Se, por um

lado, essa “mistura” de práticas corporais remete-nos à concepção de Ginástica que antecede todo o desenvolvimento do Movimento Ginástico Europeu, por outro, suscita dificuldades no seu entendimento e reafirma o interesse da Federação Internacional de Ginástica em ampliar e propagar a sua abrangência e poder.

Segundo a FIG (Fédération, 1994, p.19), o Comitê Técnico de Ginástica Geral é, atualmente, completamente aceito e perfeitamente ajustado aos outros três comitês. Apesar das alegações de que há um convívio harmonioso entre os diferentes comitês técnicos da FIG, considero importante sublinhar novamente que o favorecimento das vertentes competitivas em detrimento da Ginástica Geral (a começar pelos recursos financeiros) foi várias vezes denunciado nas entrevistas com membros da FIG e de outras federações a ela filiadas. A afirmação de Willisegger de que *“quando se fala em Ginástica, sobretudo na FIG, logo se pensa nas modalidades competitivas”*, é contundente nesse sentido.

Podemos concluir que o processo de estruturação da Ginástica Geral na FIG, ao mesmo tempo em que representa a **conquista de um espaço institucional** para as diferentes manifestações da Ginástica sem finalidade competitiva (podendo ser até mesmo considerado uma recuperação das finalidades originais da FIG, conforme as idéias de seu fundador), tem como decorrência a **apropriação institucional desse espaço**.

Todavia, podemos considerar, de acordo com Rezende (1997, p.50), que, em virtude da Ginástica Geral não exigir uma série de procedimentos comuns das atividades esportivas (como, por exemplo: regimentos de filiação e transferência, códigos disciplinares, autorização para intercâmbios

internacionais e para a realização de eventos etc.), a institucionalização da GG “(...) *procurou impulsionar o seu desenvolvimento, sem limitar a sua diversidade de expressão e organização*”. Sob essa ótica, o processo de institucionalização da Ginástica Geral, nas diversas federações espalhadas pelo mundo, não tem dificultado ou impedido o seu desenvolvimento. Mas, ao contrário, tem favorecido a sua divulgação, especialmente fora do continente europeu, em países que não têm grande tradição na área da Ginástica.

Uma análise mais cuidadosa do contexto que marcou o início do processo de estruturação da Ginástica Geral na Federação Internacional de Ginástica, assim como dos aspectos fundamentais que orientam a concepção de GG da FIG, possibilitam estabelecer relações muito próximas entre a Ginástica Geral e o movimento “Esporte para Todos” (EPT).³⁰

Um dos entrevistados, o Prof. Paul Engelmann (presidente da Federação Suíça de Ginástica, 1995) também estabelece essa relação quando afirma que “*A denominação Ginástica Geral existe na Suíça com um sentido diferente: significa ‘Esporte para todos’, englobando em seus clubes vários tipos de atividades*”. E mesmo na Dinamarca, a Associação Dinamarquesa de Ginástica e Esportes (DGI)³¹, que tem na Ginástica a sua atividade central, igualmente

³⁰ Consultar a instigante obra de Cavalcanti (1984), para obter uma visão crítica a respeito do movimento “Esporte para Todos”.

³¹ Essa Associação não é (e nem pretende ser) filiada à FIG, pois, segundo o Prof. Holger Vestergaard (diretor de assuntos internacionais da DGI, 1995), os seus objetivos vão numa direção totalmente diferente da Ginástica de competição, que, de fato, é a prioridade da FIG. Diferentemente da DGI, que possui mais de 1 milhão e meio de associados (quase $\frac{1}{3}$ da população da Dinamarca), a Associação Dinamarquesa de Ginástica (DGF) é filiada à FIG e representa cerca de 110 mil associados. A delegação dinamarquesa presente na “10th World Gymnaestrada - Berlin 1995”, com mais de 700 integrantes, foi organizada pela DGF.

desenvolve um trabalho nesse sentido. Essa é uma abordagem que pode ser encontrada em diferentes países europeus.

As relações entre a GG e o EPT podem ser identificadas, a começar, pelo fato de que o **movimento de pressão** junto à FIG para que essa instituição voltasse as suas atenções para a Ginástica não competitiva, teve início no final da década de 60, no mesmo período em que o movimento EPT começava a se expandir pela Europa.

Outros elementos que revelam essas ligações, dizem respeito à concepção de Ginástica Geral da FIG. Um primeiro aspecto é a consideração de que a Ginástica Geral “*compreende a esfera da Ginástica orientada para o lazer*” (Fédération, 1993, p.3, item 1 - Règlement Technique de Gymnastique Générale) e situa-se num plano distinto da Ginástica de competição, de alto nível. Os objetivos da GG, tais como favorecer a saúde, a condição física e a integração social e despertar o interesse pessoal pela prática de atividade física, contribuindo para o bem-estar físico e psicológico de seus praticantes, e o compromisso de oferecer um vasto campo de atividades para um grande número de pessoas, proporcionando variedade, diversão e a oportunidade de ser criativo (Fédération, 1993, p.3, item 1 - Règlement Technique de Gymnastique Générale), também apresentam semelhanças com o discurso do EPT. A própria caracterização da Ginástica Geral como uma “*Ginástica para todos*”, na qual existe a possibilidade “*de se praticar a Ginástica a seu modo, de acordo com as suas convicções, possibilidades, capacidades, necessidades, meios físicos disponíveis, enfim, adaptando-a aos seus interesses e ao seu meio ambiente*” (nas palavras de Willisegger), anuncia as suas íntimas ligações com a filosofia do movimento “Esporte para Todos”.

Não é finalidade deste estudo aprofundar um assunto tão polêmico quanto o EPT, mas identificar alguns sentidos e significados na relação da GG com esse movimento, a fim de ampliar a compreensão da Ginástica Geral na atualidade. Certamente são muitos, dinâmicos e contraditórios.

Parece-me procedente afirmar que a Ginástica Geral pode ser considerada, assim como o EPT, “(...) *uma proposta institucionalizada que defende os interesses da sociedade e a adaptação do indivíduo a essa mesma sociedade (...)*” (Cavalcanti, 1984, p.84). O discurso da FIG, ao pregar a contribuição da GG para o bem-estar físico e psicológico dos praticantes e a integração social, também mostra-se sintonizado com uma visão na qual “*O social é entendido como uma extensão do individual, ou seja, trata-se de desenvolver atitudes de cooperação e solidariedade a fim de inserir-se de maneira positiva no meio social já dado, jamais questionado*” (Libâneo, 1996, p.65). Sob essa ótica, poderíamos identificar um caráter “conformista” na proposta de Ginástica Geral da FIG, uma vez que as pessoas são vistas predominantemente numa perspectiva individual e são convidadas a inserir-se positivamente no contexto social, sem questioná-lo, mas, ao contrário, conformando-se, adaptando-se a ele.

Entretanto, mesmo considerando este caráter “conformista” da GG, não podemos negar que a abertura de um espaço institucional para uma Ginástica orientada para o **lazer**, que objetiva privilegiar a participação de todos, num clima de entusiasmo e divertimento, significa um avanço dentro de uma instituição tão impregnada pelos valores da Ginástica competitiva e que exerce tanta influência no panorama da Ginástica mundial. Além disso, considerando que as ações realizadas no campo do lazer não podem ser vistas de forma

isolada, descontextualizada, ao mesmo tempo em que sofrem influências, também as exercem na dinâmica do movimento social. Assim compreendido,

“(...) o lazer pode ser tanto um espaço para a manutenção da estrutura social vigente, quanto um canal viável para uma ação cultural que colabore junto às demais esferas de atuação humana para a transformação das condições indesejáveis de vida da nossa sociedade” (Ayoub, 1993, p.34).

Nesse sentido, o lazer pode constituir-se num dos espaços para uma verdadeira participação cultural, entendida como “(...) a atividade *não conformista, mas crítica e criativa de sujeitos historicamente situados*” (Marcellino, 1990, p.45; grifo meu).

Podemos ressaltar, ainda, a importância do lazer enquanto uma canal viável para a vivência do componente lúdico da cultura. Para Marcellino (1990, p.32), embora possamos concordar com a distinção de alguns autores

“(...) entre a esfera de manifestação lúdica, caracterizada pela criação contínua e ininterrupta, e a do lazer, marcada pela permissão e controle social (...), é possível entender o componente lúdico da cultura com possibilidade de se manifestar concretamente, enquanto produto e processo, num campo específico de atividade - o lazer”.

É viver o lúdico significa entregar-se por inteiro, intensamente, ao momento presente; significa garantir a presença do prazer, da inteireza e da entrega nas ações humanas. Significa considerar, como nos alerta Marcellino

(1990, p.108) “(...) que o melhor espaço e o melhor tempo é o aqui e o agora, e que o prazer não deve ser adiado para um espaço ou um tempo a perder de vista, mas a sua própria vivência constitui um dos componentes do processo de mudança”. Portanto, viver o lúdico no contexto da sociedade urbano-industrial contemporânea significa, certamente, provocar uma postura de contestação dos valores do utilitarismo, de questionamento dos dogmas da produtividade. Significa, enfim, uma atitude potencialmente transformadora.

Se a Ginástica Geral tem sido compreendida como uma Ginástica para todos, orientada para o lazer, que visa, sobretudo, estimular o prazer pela prática da Ginástica, com criatividade e liberdade de expressão, podemos reconhecê-la como um espaço viável para a vivência do componente lúdico da cultura, e mais especificamente, da cultura corporal. Isso quer dizer que a GG traz a possibilidade de re-descobrirmos o prazer, a inteireza e a técnica/arte da linguagem corporal.

À luz das considerações anteriores, podemos identificar na GG tanto um caráter “conformista” quanto um caráter “transformador”, os quais convivem numa tensão permanente e revelam que a Ginástica Geral, assim como todas as atividades humanas, precisam ser compreendidas na sua totalidade, o que quer dizer, em suas múltiplas perspectivas.

2.2.2. A Ginástica Geral no Brasil

O desenvolvimento da GG no Brasil vem ocorrendo, mais acentuadamente, desde os anos 80, época em que foi oficializado o Departamento de Ginástica Geral na Confederação Brasileira de Ginástica (CBG).³²

Nessa ocasião, o presidente da CBG era o Prof. Fernando Augusto Brochado (de São Paulo), e o Prof. Carlos Roberto Alcântara de Rezende (de Minas Gerais) assumiu a diretoria técnica do Departamento de Ginástica Geral da Confederação. Esses professores foram os principais impulsionadores do movimento da GG em nosso país.

Alguns fatos importantes ocorridos na década de 1980 assinalam essa fase inicial de expansão da GG:

- Os “Festivais Nacionais de Ginástica - FEGIN”, realizados anualmente na cidade de Ouro Preto - MG, a partir de 1982 (até o ano de 1992), organizados pelo Prof. Carlos R. A. de Rezende, sob inspiração da “World Gymnaestrada”. A oficialização do “FEGIN” como “Festival Nacional de Ginástica Geral” ocorreu em 1985 (Confederação, 1985, p.3);
- A institucionalização do Departamento de Ginástica Geral na Confederação Brasileira de Ginástica, com diretoria própria, em 1984, mesmo ano em que a FIG oficializou o Comitê Técnico Internacional de Ginástica Geral;

³² A Confederação Brasileira de Ginástica está subordinada à Federação Internacional de Ginástica e foi fundada em 1978. Antes dessa data, a CBG estava ligada à Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Seus objetivos são dirigir, difundir e incentivar o desenvolvimento da Ginástica Artística, da Ginástica Rítmica Desportiva e da Ginástica Geral no Brasil (Souza, 1997, p.52).

- Os dois “Cursos Internacionais de Ginástica Geral” organizados pela CBG como parte de um programa de difusão da GG no Brasil, realizados na Faculdade de Educação Física da UNESP - Rio Claro, sob coordenação do Prof. Fernando A. Brochado, em 1988 e 1989. Esses cursos foram ministrados por professores estrangeiros, dentre os quais, os seguintes membros da FIG: Giorgio Garufi (da Itália), Inger Marie Holte (da Noruega) e Jean Willisegger (da Suíça);
- Os “Festivais de Ginástica e Dança”, realizados na Faculdade de Educação Física da UNESP - Rio Claro, os dois primeiros por ocasião dos cursos internacionais (anteriormente citados), contando com a participação de grupos nacionais e do exterior, também sob coordenação do Prof. Fernando A. Brochado. Foram realizados quatro festivais, sendo que o último ocorreu em 1994;³³
- O esforço do Departamento de Ginástica Geral da CBG, tendo a sua frente o Prof. Carlos R. A. de Rezende, em ampliar a divulgação e participação de grupos brasileiros na “World Gymnaestrada” e no “FEGIN de Ouro Preto”. De acordo com Rezende (1997, p.52), em 1986 foram enviadas circulares a dezenas de clubes, por todo o país, contendo informações sobre esses eventos.

³³ As informações sobre esses cursos e festivais foram conseguidas na entrevista realizada em 1996 com o Prof. Fernando Augusto Brochado, docente na área de Ginástica na Faculdade de Educação Física da UNESP - Rio Claro.

Na entrevista realizada com o Prof. Carlos R. A. de Rezende, ele também associa a propagação da GG no Brasil ao desenvolvimento da Ginástica Artística e da Ginástica Rítmica Desportiva, afirmando que esse crescimento foi muito significativo a partir dos anos 70 e 80. Para Rezende, com o aumento do número de praticantes, os clubes começaram a ter necessidade de participar de um número maior de eventos, além das principais competições oficiais, geralmente realizadas duas vezes ao ano, em âmbito estadual e nacional. Nesse contexto, as equipes de GA e GRD encontravam nos festivais de Ginástica um importante espaço de participação (especialmente para os praticantes que não eram selecionados para as competições), aumentando, desse modo, o número de pessoas envolvidas em eventos dessa natureza. Esse é um aspecto relevante a ser considerado que será aprofundado posteriormente.

Na década de 90, em virtude dos esforços iniciados nos anos anteriores, a difusão da Ginástica Geral no Brasil ganha uma nova dimensão. Isso pode ser constatado pelos seguintes acontecimentos:

- A realização da “VII Gimnasiada Americana”³⁴, em Mogi das Cruzes - SP, em 1990;
- O aumento significativo da participação do Brasil nas Gymnaestradas Mundiais, que em 1995, na “10th World Gymnaestrada”, realizada em Berlim - Alemanha, levou uma delegação com 662 participantes (representando 23 grupos de 6 estados brasileiros), sendo essa “(...) a maior delegação esportiva que o Brasil já enviou para um evento internacional” (Souza,

³⁴ Consultar Souza (1997, p.47-50) para maiores informações sobre a Ginástica Geral no continente americano e o movimento da “Gimnasiada Americana”.

1997, p.60). Para se ter uma idéia, na Gymnaestrada anterior ("9th World Gymnaestrada - Amsterdam 1991") a nossa delegação era composta por 143 participantes [representando 9 grupos de 4 estados brasileiros (Souza, 1997, p.137)], um pouco mais do que $\frac{1}{5}$ do número de participantes em 1995;

- A continuidade na realização de alguns festivais e a ocorrência de novas iniciativas por todo o país, em âmbito local, regional, estadual e nacional, de um modo mais enfático que em períodos anteriores. Podemos destacar alguns exemplos, dentre tantos outros eventos que ocorreram ou têm ocorrido por todo o território nacional: o "FEGIN", que continuou sendo realizado até 1992 e os "Festivais de Ginástica e Dança" de Rio Claro, até 1994; o "GymBrasil", organizado pela CBG em substituição ao "FEGIN", a partir de 1992; o "Festival Paulista de Ginástica - GINPA", idealizado pelo Prof. Ricieri Pastori, que vem sendo realizado desde 1993; e os "Festivais Internos de Ginástica Geral da FEF - Unicamp", organizados desde 1996 pela Profa. Elizabeth P. M. de Souza e pelo Prof. Jorge S. P. Gallardo, atuais coordenadores do Grupo Ginástico Unicamp.³⁵

Gostaria de sublinhar que o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Grupo Ginástico Unicamp³⁶ nos anos 90, também pode ser ressaltado como uma ação significativa para o desenvolvimento da Ginástica Geral no Brasil, especialmente pelo seu caráter inovador. Nesse sentido, o GGU tem se constituído numa importante referência para área da GG, pois é, sem dúvida,

³⁵ Para obter informações mais detalhadas a respeito dos acontecimentos que têm marcado a história da GG no Brasil, consultar Rezende (1997) e Souza (1997, p.50-63).

³⁶ Conforme mencionado na introdução deste estudo, consultar Souza (1997, p.70-95) para conhecer toda a trajetória e proposta de trabalho do GGU.

uma proposta de vanguarda no panorama da Ginástica brasileira, reconhecida internacionalmente.

Várias frentes de atuação têm sido lançadas pelo Grupo Ginástico Unicamp que, enquanto “(...) *um veículo de experimentação e difusão das pesquisas desenvolvidas na Ginástica Geral na FEF/Unicamp, passa a se constituir num grupo de pesquisa reconhecido pelo CNPq (...), em 1994*” (Souza, 1997, p.72-73). Os coordenadores do Grupo têm se empenhado em disseminar a proposta de Ginástica Geral do GGU. Essa divulgação tem sido feita por meio de:

- Apresentações em eventos, a fim de “levar a público” as composições elaboradas pelo Grupo, oferecendo um “*banco de idéias*” às pessoas em geral e, em particular, aos profissionais da Educação Física interessados na GG;
- Desenvolvimento do conteúdo Ginástica Geral em disciplinas do curso de graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp;
- Organização de eventos de Ginástica Geral, como por exemplo: “Festival Texaco de Ginástica Geral”, em 1995; “I e II Encontro de Ginástica Geral”, em 1996; e os “Festivais Internos de Ginástica Geral da FEF - Unicamp”, desde 1996, com apresentações de composições pelo GGU e por grupos de alunos das disciplinas de graduação anteriormente mencionadas (esses festivais, além de servirem como momentos avaliativos das disciplinas, têm colaborado intensamente para a difusão da GG no ambiente acadêmico);
- Cursos de Ginástica Geral para professores de Educação Física, ministrados em várias regiões do país e, inclusive, no exterior;

- Orientação de trabalhos acadêmicos, assim como comunicações em congressos e publicações.

Nesse sentido, as sementes plantadas pelas docentes Vilma L. Nista-Piccolo e Elizabeth P. M. de Souza, quando criaram o GGU em 1989, ao lado das tantas outras que foram surgindo ao longo desses 9 anos de existência do Grupo, vêm sendo regadas pelos seus atuais coordenadores e também pelos diversos alunos e professores que dele fazem (ou já fizeram) parte, gerando frutos significativos. Dentre tantos, podemos apontar a realização de trabalhos de Ginástica Geral em escolas e clubes da região de Campinas, por professores de Educação Física formados na FEF - Unicamp (ou mesmo em outras instituições), a grande maioria integrantes ou ex-integrantes do GGU. E também o fato da Faculdade de Educação Física da Unicamp ter se constituído num pólo de discussão e produção acadêmica no campo da Ginástica Geral, com destaque no cenário nacional e internacional. A relevância da GG no contexto acadêmico, abordada por Souza (1997, p.63), demonstra que esse exemplo da FEF - Unicamp precisa ser seguido por outras universidades, a fim de que a Ginástica Geral continue sendo alvo de estudos que possam colaborar para o seu desenvolvimento. Vale ressaltar também o trabalho que vem sendo realizado pela “Equipe Universitária de Estudos da Ginástica” (EUNEGI), sob coordenação da Profa. Dra. Vilma L. Nista-Piccolo. Trata-se de um grupo de pesquisa sobre diferentes temas da área da Ginástica, inclusive a GG, cadastrado no CNPq desde 1994, que congrega pessoas interessadas em aprimorar os seus conhecimentos, desenvolver pesquisas, ministrar cursos e palestras, realizar projetos de extensão universitária, organizar publicações etc.

Nesses quase 15 anos de existência no Brasil, a GG vem se tornando cada vez mais conhecida, em especial no Estado de São Paulo que “(...) *tem se destacado na Ginástica Geral com o crescente número de adeptos, como se pôde observar na X Gymnaestrada Mundial, onde dos 23 grupos brasileiros que participaram, 11 eram paulistas*” (Souza, 1997, p.56).

No entanto, devemos estar atentos para que iniciativas institucionais equivocadas, como por exemplo a realização de competições nas “Ginastradas” promovidas pela Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, não comprometam um dos seus princípios mais fundamentais: “*Institucionalizar a competição na Ginástica Geral significaria destruir uma das suas características mais preciosas e, por que não dizer, revolucionárias*” (Ayoub, 1997, p.45).

As “Ginastradas” são Festivais de Ginástica e Dança organizados pela Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, nos quais acontecem competições de Ginástica e Dança. Esses Festivais vêm sendo realizados anualmente desde 1984, e em 1998 ocorrerá a sua 15ª. versão. De acordo com o “Regulamento da Ginastrada” (publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo, em 13 de fevereiro deste ano, p.21 e subsequentes), o evento deve ocorrer em duas etapas: primeiramente, a Apresentação Regional (na Capital e nas treze Delegacias Regionais de Esportes e Recreação do Estado) e, num segundo momento, a Apresentação Estadual (na qual participam os **vencedores** da etapa regional). Os grupos são divididos em categorias (infantil e aberta) e áreas (Ginástica e Dança, essa última sendo subdividida em vários grupos). Dois pontos chamam a atenção: o nome “Ginastrada”, aliado ao fato desses Festivais terem sido iniciados na década de 80, período em que a Ginástica

Geral começou a ser alvo de maior atenção no Brasil. Embora os professores da Delegacia Regional de Esportes e Recreação de Campinas e da Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, com os quais manteve contato para obter informações acerca da “Ginastrada”, desconheçam os motivos da escolha do nome “Ginastrada” para esse Festival, as suas semelhanças com a denominação “Gymnaestrada” são evidentes, o que pode confundir e comprometer seriamente a compreensão da Ginástica Geral como uma prática corporal não competitiva.

Apesar da inegável expansão da Ginástica Geral em nosso país nos últimos anos, Souza (1997, p.61) adverte que não existe uma política de desenvolvimento e conscientização da Ginástica Geral pela Confederação Brasileira de Ginástica. Podemos observar, ainda, que as ações da CBG, como representante da FIG no Brasil, igualmente têm se pautado por uma visão de Ginástica Geral como sinônimo de “World Gymnaestrada” (ou ainda, de “GymBrasil” ou de “festival”).

Essa é, seguramente, uma postura institucional limitada, cômoda e confortável, que restringe a atuação das federações à realização ou participação em eventos de impacto. A importância dos festivais, especialmente daqueles que reúnem grupos de todo um país ou de diversas nações, como veículos de difusão, informação e troca de experiências, não pode ser ignorada. Todavia, limitar as ações na área da Ginástica Geral a essas iniciativas, denuncia que o interesse principal dessas instituições têm sido promover “*campanhas de auto-propaganda*” e beneficiar-se dos lucros financeiros que esses eventos geram.

Consiste num equívoco desejar que o desenvolvimento da Ginástica Geral no Brasil esteja sempre submetido à visão oficial da FIG ou da CBG. O “ponta pé inicial”, sem dúvida, teve grande colaboração institucional. No entanto, enquanto profissionais comprometidos com a GG, precisamos romper com as amarras institucionais, buscar saídas para **resignificar** a Ginástica Geral, descobrindo novos sentidos e significados, procurando “(...) *ultrapassar (...) os caminhos traçados, lançar pontes, cavar túneis, escalar encostas, alcançar cimos, para irmos sempre em busca de mais clareza e mais sol (...)*” (como nos lembra Freinet, 1991, p.94-95).

2.2.3. Ginástica Geral - um fenômeno que precisa ser resignificado

No decorrer desse capítulo pudemos ir **projetando a imagem** da Ginástica Geral na sociedade contemporânea. Esta projeção nos permite visualizar os pilares fundamentais que sustentam a GG, os quais estão diretamente relacionados com a concepção de Ginástica Geral da FIG que, conforme analisado anteriormente, vem influenciando as ações na área em diversos países, inclusive no Brasil:

- **Sem finalidade competitiva**, a GG está situada num plano diferente das modalidades gímnicas competitivas, num plano **básico**, com abertura para o **divertimento**, para o **prazer**, para a **simplicidade**, para o diferente, para a **participação irrestrita**, para **todos**;

- Na Ginástica Geral, o principal alvo de atenção deve ser a pessoa que a pratica, sendo as suas metas fundamentais promover a integração entre pessoas e grupos e desenvolver o interesse pela prática da Ginástica ou de atividade física com **prazer e criatividade**. A **ludicidade**, a **liberdade de expressão** e a **criatividade** são pontos marcantes na Ginástica Geral;
- Devido à sua amplitude e diversidade, a GG engloba atividades no campo da Ginástica, Dança e Jogos e **não tem regras preestabelecidas**. Dessa forma, a Ginástica Geral não determina limites em relação a formas ou estilos de movimento, idade, sexo, número e condição física ou técnica dos participantes, tipo de material, música ou vestuário, proporcionando uma **criatividade sem fim** e abrindo um leque imenso de possibilidades para a prática de atividade física, que favorece uma ampla participação. Na GG não há "convenções" sobre o quê ou como fazer, desde que traga prazer para quem está fazendo;
- Os festivais são a sua principal forma de manifestação, vinculando-a a um procedimento artístico, a uma idéia de espetáculo.

Sendo um dos primeiros pontos de destaque, quando se fala em Ginástica Geral, o fato da GG não ser competitiva instiga-nos a traçar um paralelo entre a Ginástica Geral e as Ginásticas de competição, com a finalidade de identificar com maior nitidez as características mais significativas que as diferem:

Ginástica Geral	Ginásticas de competição
Integrativa: ilimitado número de participantes	Seletiva: limitado número de participantes
Não existem regras preestabelecidas: criatividade sem fim	Regras rígidas preestabelecidas: criatividade controlada
Caminha no sentido da ampliação	Caminha no sentido da especialização
Comparação informal e definida por critérios subjetivos: não há vencedores ou “ <i>todos são vencedores</i> ”	Comparação formal, classificatória e definida por critérios objetivos (pontos): há apenas um vencedor
Visa, sobretudo, o prazer	Visa, sobretudo, o vencer

*Quadro 1: Paralelo entre a Ginástica Geral e a Ginásticas de competição*³⁷

Essas diferenças, no entanto, não podem ser vistas de forma rígida e estanque, mas em constante movimento. A Ginástica Geral e as Ginásticas de competição convivem interligadas na sociedade, exercendo influências recíprocas uma sobre a outra. Nesse sentido, esse paralelo deve ser visto como uma referência para identificarmos nuances no trabalho com a Ginástica Geral, as quais revelam menor ou maior aproximação com as suas características básicas.

Como exemplo, podemos fazer uma comparação entre duas supostas apresentações num festival de GG: a apresentação de uma série livre com fita de uma ginasta de GRD, de acordo com as regras características dessa

³⁷ Alguns elementos desse quadro foram discutidos no “I e II Encontro de Ginástica Geral”, realizados na Faculdade de Educação Física da Unicamp, em 1996 (citados anteriormente).

modalidade; e a apresentação de um grupo com oito ginastas de GA masculina nas paralelas, executando movimentos característicos dessa modalidade, porém todos simultaneamente e em forma de brincadeiras combinadas com mímica. Seguramente, o segundo exemplo aproxima-se muito mais das características da Ginástica Geral, do que o primeiro, embora ambos estejam diretamente associados às modalidades gímnicas competitivas.

Essa comparação sob a ótica das demonstrações em festivais, a fim de compreender com maior clareza quais são os elementos que caracterizam a Ginástica Geral, também pode ser feita em relação a apresentações de outra natureza.

Na Gymnaestrada Mundial e nos inúmeros festivais de GG que têm sido realizados no Brasil, não são raras as vezes em que ocorrem apresentações de Ballet Clássico, Dança Moderna ou Dança Folclórica. Deveriam essas manifestações estarem presentes em eventos de Ginástica Geral? Mais ainda, deveriam estas atividades serem consideradas trabalhos de Ginástica Geral?

De acordo com as orientações da FIG, sim, uma vez que essas atividades, assim como Jogos, são englobadas nos “*programas de movimento da Ginástica Geral*” (Fédération, 1993, p.7, item 4 – Guide pour la participation à la Gymnaestrada Mondiale). Contudo, estamos diante de questões muito polêmicas, cujas respostas são bastante complexas e exigem o aprofundamento de alguns aspectos essenciais, intimamente interligados, tais como: a consideração da Ginástica Geral como sinônimo de Ginástica de demonstração ou de festival; e a compreensão da identidade da Ginástica Geral, diante de tamanha abrangência e diversidade.

Por não visar a competição, poderíamos considerar a GG tão somente uma Ginástica de Demonstração (de espetáculo, de “show”) ou sinônimo de festival? Creio que não! Se assim o fizermos, certamente estaremos limitando a sua análise e compreensão.

Entender a Ginástica Geral unicamente como uma Ginástica para ser demonstrada em festivais, significa aprisioná-la dentro daquilo que pode ser o seu próprio produto - uma apresentação, uma composição ou coreografia. Significa compreendê-la apenas enquanto um produto, desconectada de um processo.

O fato da GG não ter finalidade competitiva não quer dizer que ela tenha necessariamente “obrigação demonstrativa”. No entanto, não podemos negar que a Ginástica Geral tem um forte caráter demonstrativo, o que a vincula a uma idéia de espetáculo, assim como acontece com a Dança. Nessa perspectiva, a demonstração, a apresentação, o espetáculo, o festival de GG revela sentido na medida em que reflete uma proposta de trabalho de Ginástica Geral.

As apresentações, os festivais de Ginástica Geral são, sem dúvida, momentos significativos para a GG. Entretanto, uma análise mais cuidadosa tem mostrado que muitos grupos que participam de eventos da área não desenvolvem uma proposta de trabalho de Ginástica Geral. São equipes de treinamento de modalidades gímnicas competitivas que apresentam as suas séries de competição ou que transformam e adaptam os seus trabalhos específicos em “espetáculos coreográficos de Ginástica”, ou, ainda, grupos de Dança que encontram nos festivais de GG mais uma oportunidade de participação. Sob essa ótica, acentua-se a idéia de que para uma prática

corporal ser considerada Ginástica Geral, basta que ela seja transformada em composição ou coreografia para ser demonstrada num festival. Essa é uma visão que tem predominado na área da GG.

A abertura de espaço nos eventos de Ginástica Geral para grupos que desenvolvem trabalhos em áreas específicas, torna-se positiva na medida em que cria mais uma possibilidade de participação e favorece um intercâmbio entre diferentes manifestações da cultura corporal. Contudo, podemos constatar que essa abertura tem significado, muitas vezes, um meio para compensar possíveis lacunas oriundas, de um lado, da restrita participação de atletas em competições, devido ao processo seletivo próprio do esporte competitivo e, de outro, da falta de oportunidade de muitas academias de Dança de participar de eventos específicos de sua área. Desse modo, os festivais de Ginástica Geral acabam assumindo uma responsabilidade “compensatória”, funcionando como uma espécie de “depósito” de demonstrações (Ayoub, 1997, p.44-45). Em nome da participação de todos, esses eventos refletem uma verdadeira “salada de frutas”, impossibilitando-nos de reconhecer a identidade da Ginástica Geral no universo da cultura corporal.

Há, ainda, os que compreendem a GG como uma modalidade da Ginástica, a sua modalidade não competitiva ou a sua modalidade demonstrativa. Essa visão parece-me outro equívoco, pois significaria colocá-la no mesmo patamar das outras modalidades gímnicas. Apesar de estar organizada nas federações dentro de um comitê técnico específico, ao lado de outras modalidades, a GG não deve ser considerada uma modalidade. Ela caracteriza-se como uma manifestação da Ginástica que engloba todas as modalidades gímnicas, sem se restringir a nenhuma delas em particular,

configurando uma “*mescla de todos os tipos de Ginástica*” (Prof. Antônio Barão, de Portugal).

Nem Ginástica de demonstração, nem sinônimo de festival, nem modalidade gímnica... Afinal de contas, o que é a Ginástica Geral? O que a distingue e singulariza dentro do mundo vasto e complexo da cultura corporal?

Não tenho dúvidas de que para encontrar essas respostas, temos pela frente o grande desafio de **resignificar** a Ginástica Geral, o que quer dizer, conceber uma nova **imagem** de GG que possibilite superar os equívocos que têm acompanhado o seu desenvolvimento na sociedade contemporânea.

Embora a GG tenha nascido na segunda metade deste século como uma proposta da FIG, a sua existência enquanto manifestação da cultura corporal tem um alcance que extrapola os contornos dessa instituição. Reconhecendo que não se trata de algo inédito, a própria FIG (Fédération, 1991, p.147) admite que “(...) *queiramos ou não a Ginástica Geral não é realmente um novo caminho mas um re-nascimento ou um re-conhecimento da atividade original criada pelos primeiros ginastas*”. Isso torna-se ainda mais claro na perspectiva dos festivais. Basta observarmos as semelhanças existentes entre os festivais de Ginástica ou de Ginástica Geral, realizados em todo o mundo na atualidade, e os festivais de Ginástica do século XIX.³⁸ No que se refere ao Brasil, Souza (1997, p.50-52) afirma que a realização de festivais de Ginástica e demonstrações de grande área desde a primeira metade deste século,

³⁸ Esses festivais têm sido organizados por inúmeras associações espalhadas por todo o mundo, independentemente da FIG, algumas delas até mesmo originadas no século passado (como muitas existentes na Europa) e também por escolas, clubes, prefeituras etc. Souza (1997, p.133-134) cita alguns exemplos.

demonstram que a prática da GG vem ocorrendo há muito tempo em nosso país.

Em países europeus com grande tradição na área da Ginástica, como por exemplo a Dinamarca, a denominação Ginástica Geral quase não é usada. Utiliza-se, simplesmente, o termo Ginástica para se referir às manifestações gímnicas que fazem parte do contexto da GG. Entretanto, levando-se em conta as múltiplas formas de Ginástica que têm se desenvolvido desde o século XIX, parece-me positivo utilizar a adjetivação **Geral** para se referir à Ginástica **em Geral**, ou seja, a essa “*mescla de todos os tipos de Ginástica*”, fora da esfera competitiva, “*orientada para o lazer*” e com abertura para a participação de todos. Além disso, pode facilitar o diálogo entre as diferentes nações utilizar a mesma linguagem proposta pela FIG, uma vez que essa é a instituição mais influente no campo da Ginástica mundial.

Seria, então, a Ginástica Geral “*o re-nascimento da atividade original dos primeiros ginastas*” (Fédération, 1991, p.147), ou ainda, a “*Ginástica do passado que agora é do presente outra vez*” (como afirma o Prof. Giorgio Garufi, da Itália)?

Em certo sentido sim. Porém, é preciso compreender que a GG vai mais além, pois ela significa uma **síntese** entre o que foi e o que é a Ginástica.

Amparada pelas **imagens** da Ginástica Geral na sociedade contemporânea e pelas “*imagens da educação no corpo*”, emolduradas por Soares (1998), é possível **imaginar** uma composição na qual participam interligados e integrados o **núcleo primordial** da Ginástica, a Ginástica **científica** e a **Ginástica Geral**.

A Ginástica Geral, diferentemente da Ginástica *científica* e de suas descendentes mais diretas - as modalidades competitivas de Ginástica -, **não quer abandonar o prazer, o artístico, o riso, a festa**; ao contrário, ela abre uma oportunidade para a recuperação do lúdico e as suas possibilidades de ruptura com a rigidez apregoada pela Ginástica *científica*. Contudo, negar a importância do conhecimento científico para o desenvolvimento das práticas corporais, significaria colocar-se à margem do desenvolvimento histórico da humanidade. Restringir-se a ele seria matar as inúmeras conquistas do saber da humanidade que (como nos ensinam os artistas circenses) vão para muito além do conhecimento científico. Insisto, negar o valor da ciência como uma das possibilidades significativas de construção do saber humano, significaria retroceder. Questioná-la, sim, é nossa tarefa e dever permanentes.

A Ginástica Geral deve buscar a sua inspiração procurando aliar a ousadia do funambulo à prudência do ginasta... Daí o seu significado como uma possibilidade de resgate do *núcleo primordial* da Ginástica, integrando-o às suas manifestações contemporâneas. Aí está a sua importância como uma possibilidade de reencontro com o lúdico e com o artístico, não em oposição, mas em integração com o científico e com o técnico.

A Ginástica Geral precisa conquistar a sua identidade e buscar a sua amplitude e diversidade, tendo como base a Ginástica - entendida como uma prática corporal que foi sendo sistematizada, construída e codificada em determinados contextos histórico-culturais, e que vem sofrendo transformações até os nossos dias. Todo esse processo de sistematização e codificação, possibilita-nos diferenciar uma manifestação gímnica de outras formas de manifestação, ou seja, distinguir a Ginástica de outros temas da cultura

corporal. Daí podermos perceber as diferenças entre um salto característico da GA, um salto característico do Ballet Clássico ou um salto característico do Voleibol. O salto, enquanto gesto, ganha sentido e significado no contexto da atividade que o caracteriza. Esse esforço no sentido de diferenciar a Ginástica de outros temas da cultura corporal, não pretende ser uma tentativa de divisão do conhecimento em compartimentos. Isso seria inconcebível. Nenhuma prática corporal pode ser compreendida de forma isolada, mas em relação e integração com os outros elementos da cultura corporal. Entretanto, mesmo considerando que as práticas corporais foram sendo construídas historicamente em estreita inter-relação e exercendo influências recíprocas umas sobre as outras, penso que podemos distingui-las, sem contudo, apartá-las.

Nesse sentido, a Ginástica Geral deve ser compreendida como uma prática corporal não competitiva que se fundamenta na Ginástica, promovendo uma integração e síntese entre a Ginástica *científica* e as diversas manifestações da Ginástica na atualidade, de modo a recuperar o seu *núcleo primordial* e incorporá-lo à contemporaneidade das diferentes interpretações da Ginástica. Isto significa que o seu eixo fundamental é a **Ginástica**, podendo transitar por outros elementos do universo da cultura corporal (como por exemplo a Dança, o Jogo, os Esportes, as Lutas etc.), reinterpretando, resignificando e transformando esses elementos em sua prática, porém atenta à sua especificidade e a de cada um deles.

À luz dessas considerações, é possível visualizar que a Ginástica Geral representa, na sociedade contemporânea, uma **síntese** entre o que foi e o que é a Ginástica. Porém, uma síntese em constante movimento, inserida no contexto da dinâmica sócio-cultural.

Alguns de seus aspectos fundamentais permitem **projetar uma imagem** de Ginástica Geral que potencialize o seu caráter “transformador”.

Primeiramente, o fato da GG estar situada num plano diferente das modalidades gímnicas competitivas pode gerar um espaço efetivo de resistência aos valores da Ginástica de competição e, portanto, da instituição esporte. Abolir a competição e seus valores é, certamente, um dos primeiros passos para o questionamento da visão capitalista de sociedade e de cultura. Outro desafio consiste em superar os dogmas do consumismo e do culto ao corpo-mercadoria-massificado, que a indústria do lazer no campo das práticas corporais insiste em nos impingir, hipnotizando-nos com as suas artimanhas e armadilhas.

Outros traços essenciais, referem-se à consideração de que a Ginástica Geral deve estar aberta para a participação de todos e orientada para o lazer, valorizando o prazer, a criatividade e a liberdade de expressão. Sob essa ótica, a GG pode constituir-se num espaço viável e privilegiado para a vivência do componente lúdico da cultura corporal, através da Ginástica.

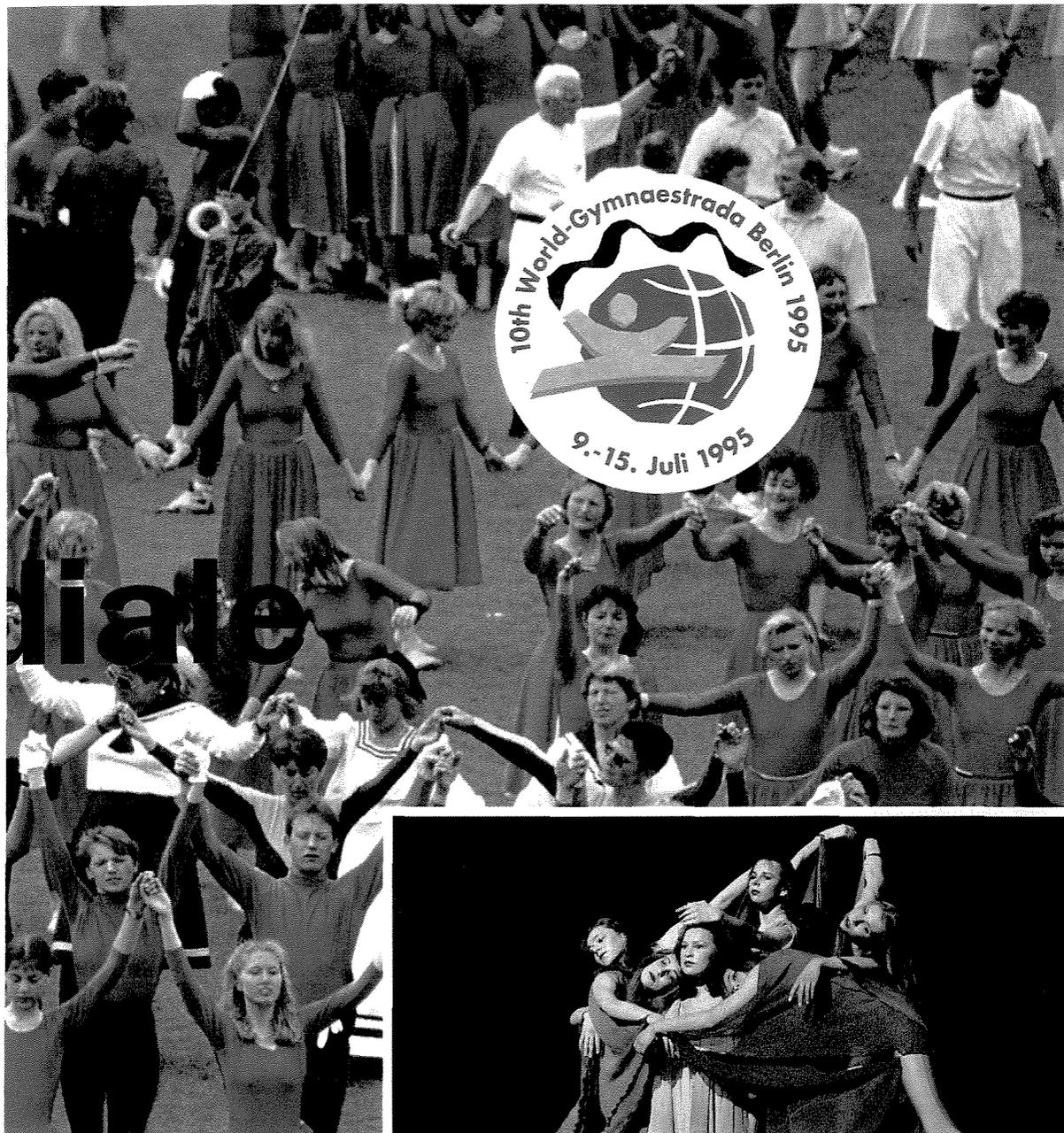
E, ainda, o seu forte caráter demonstrativo, que faz dos festivais a principal forma de manifestação da GG, pode significar uma possibilidade de se trabalhar efetivamente em grupo e pelo grupo, na composição dos trabalhos a serem apresentados. Nessa perspectiva, o processo de elaboração de uma apresentação pode detonar uma ação realmente cooperativa, na qual os integrantes do grupo aprendam a “cooperar para compor a composição” (no sentido de “operar-com” para “pôr-com” ou “colocar-com” na co-autoria da composição, sendo co-autor - autor em conjunto com outros autores).

Por tudo isso, acredito na possibilidade de **projetar** através da Ginástica Geral a **imagem** de uma Ginástica contemporânea que privilegie, acima de tudo, o humano do homem ... que crie espaço para o componente lúdico da cultura corporal, re-descobrimo o prazer, a inteireza e a técnica/arte da linguagem corporal.

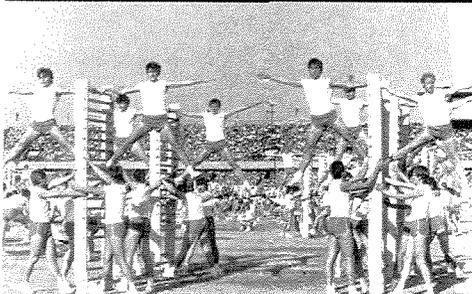
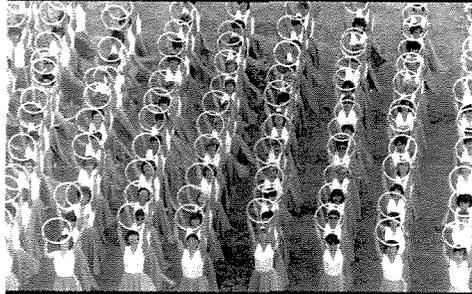
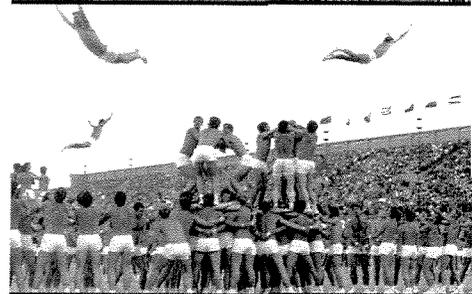
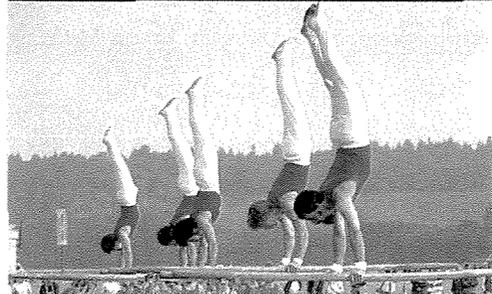
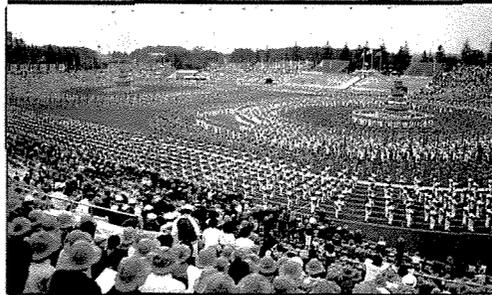
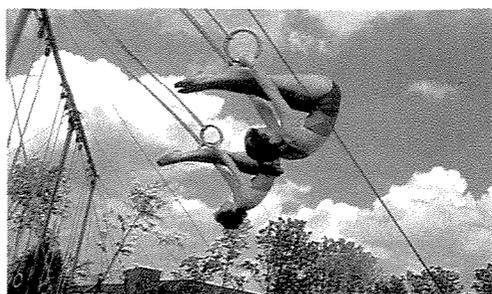
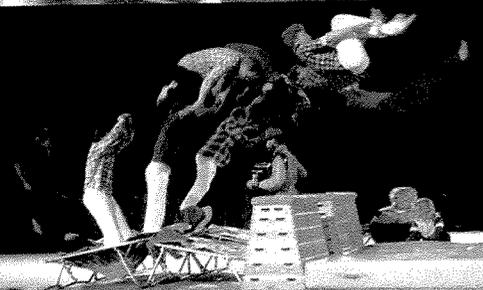
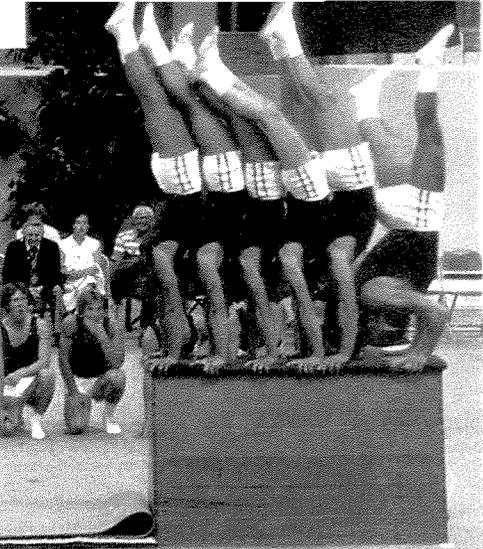
E, seguramente, a Educação Física Escolar pode constituir-se num dos espaços mais significativos para o seu desenvolvimento. Foi acreditando nessa possibilidade que **imaginamos um projeto** de Ginástica Geral na escola.

2.2.4. Imagens da Ginástica Geral na atualidade

Serão apresentadas a seguir **imagens** da Ginástica Geral na atualidade, com a intenção de mostrar a sua amplitude e diversidade. Essas **imagens** foram conseguidas através de fotografias, “folders” de diferentes grupos e publicações.



“World of Gymnastics” – revista da FIG (Fédération, jun.1995c, p.3, 14 e 15)

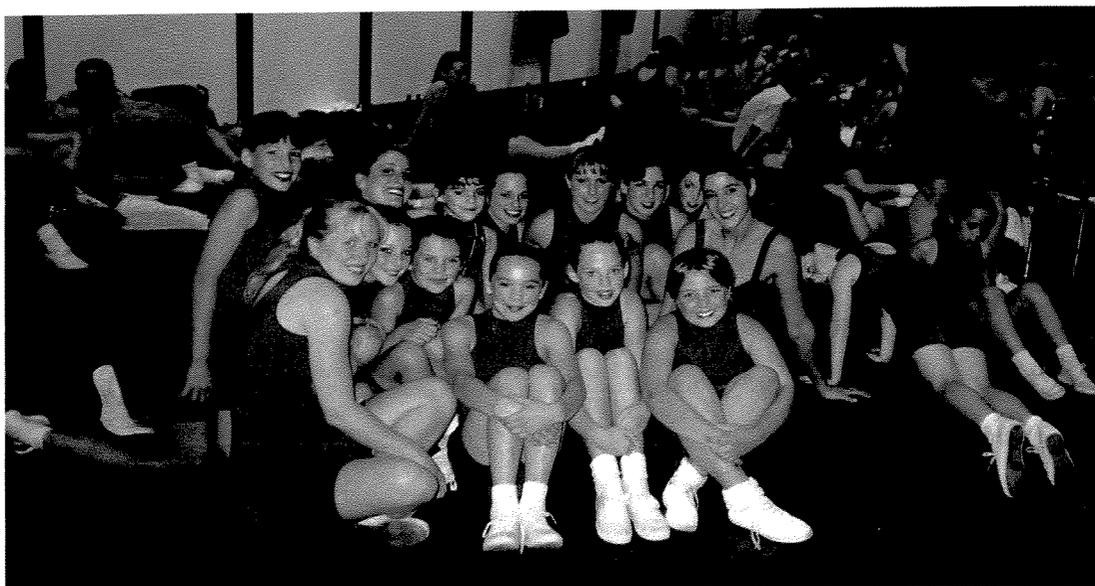




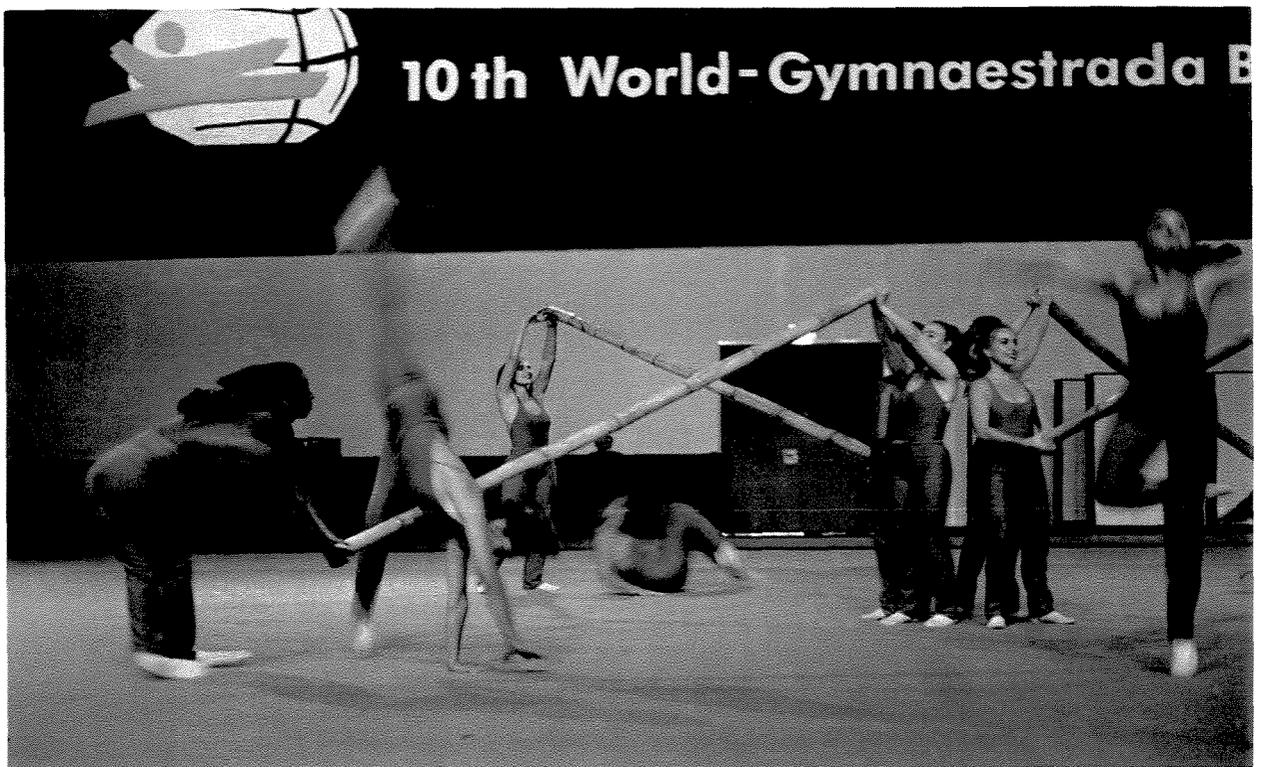
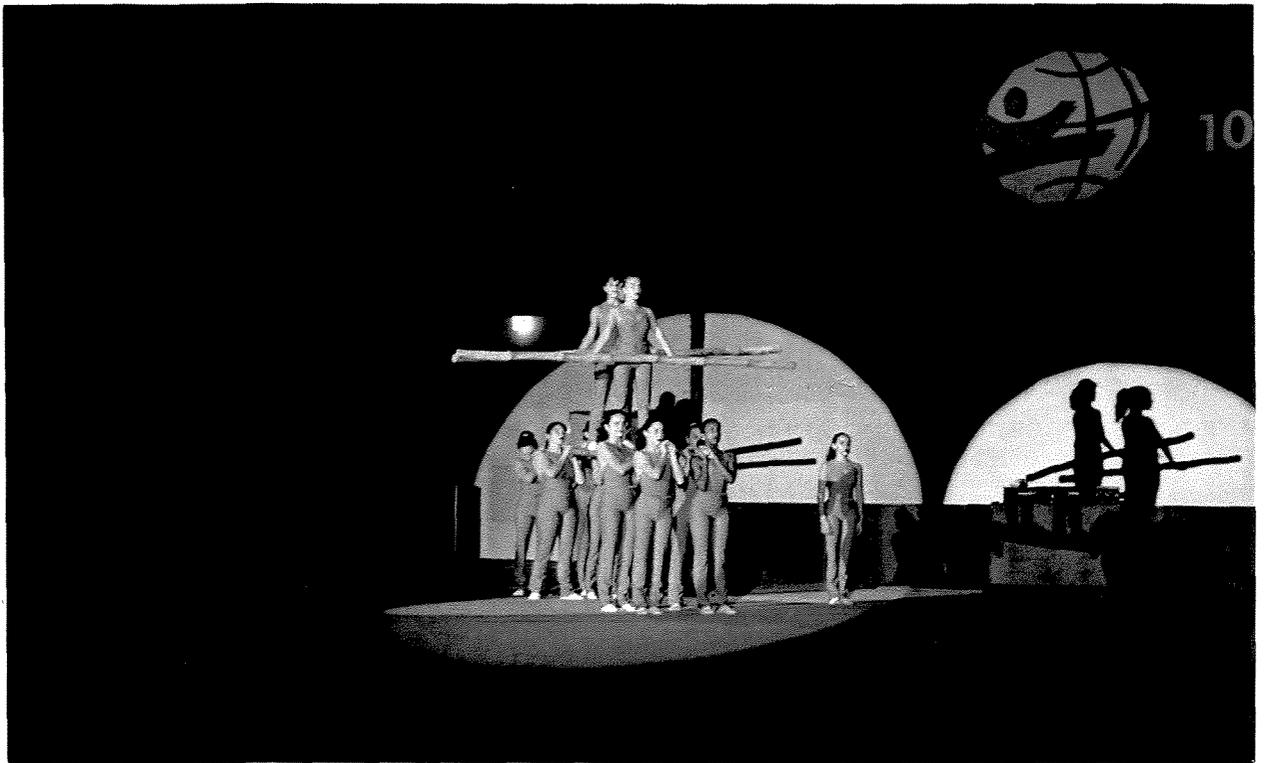
“10th World Gymnaestrada Berlin 1995” – grupo brasileiro que participou da FIG Gala (acima) e Cerimônia de Abertura (abaixo)



“10th World Gymnaestrada Berlin 1995” - grupo da Suécia



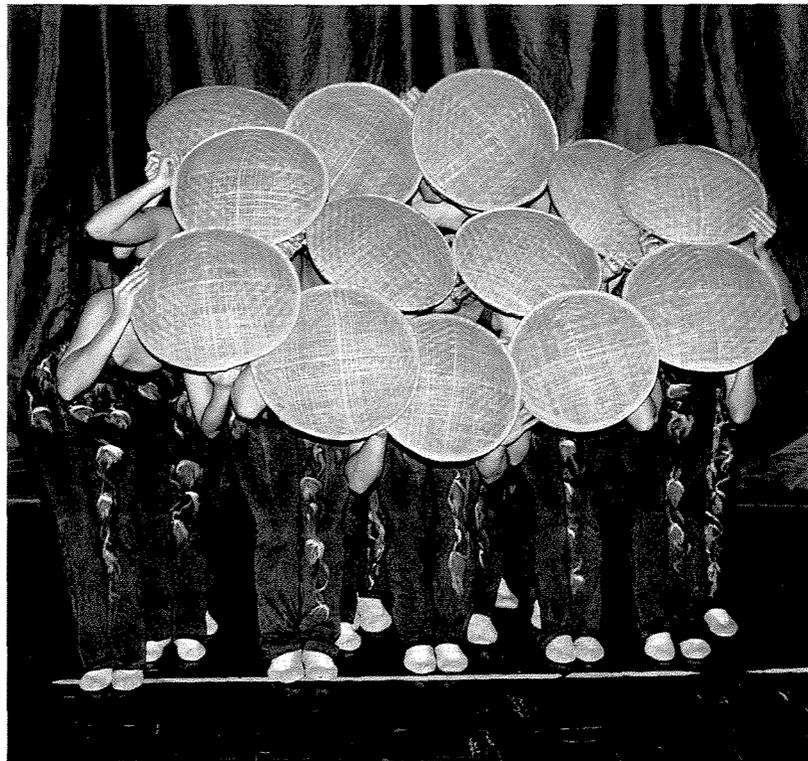
“10th World Gymnaestrada Berlin 1995” – grupo da Holanda (acima), grupo dos Estados Unidos (centro) e grupo da África do Sul (abaixo)



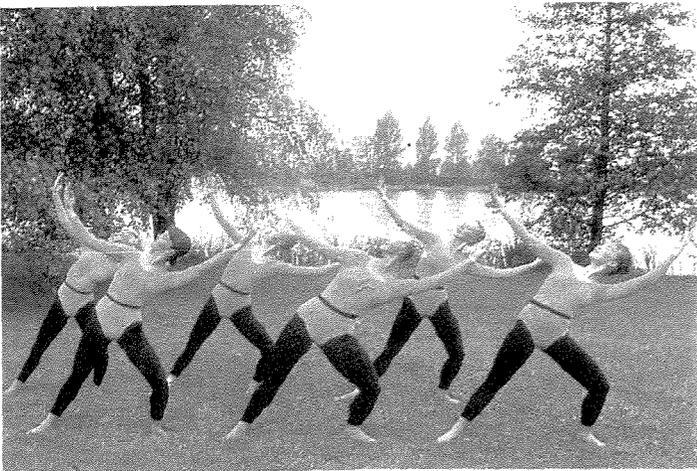
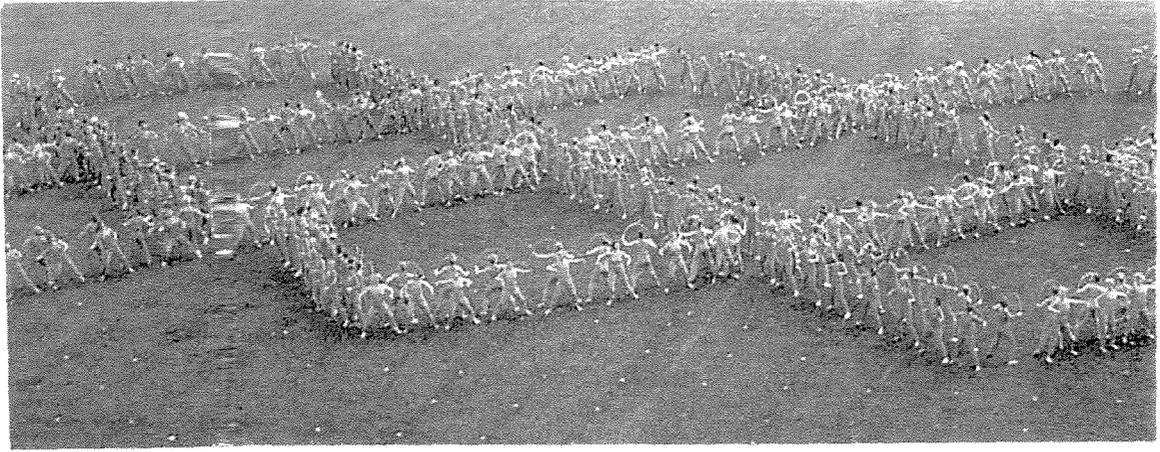
“10th World Gymnaestrada Berlin 1995” – Grupo Ginástico Unicamp



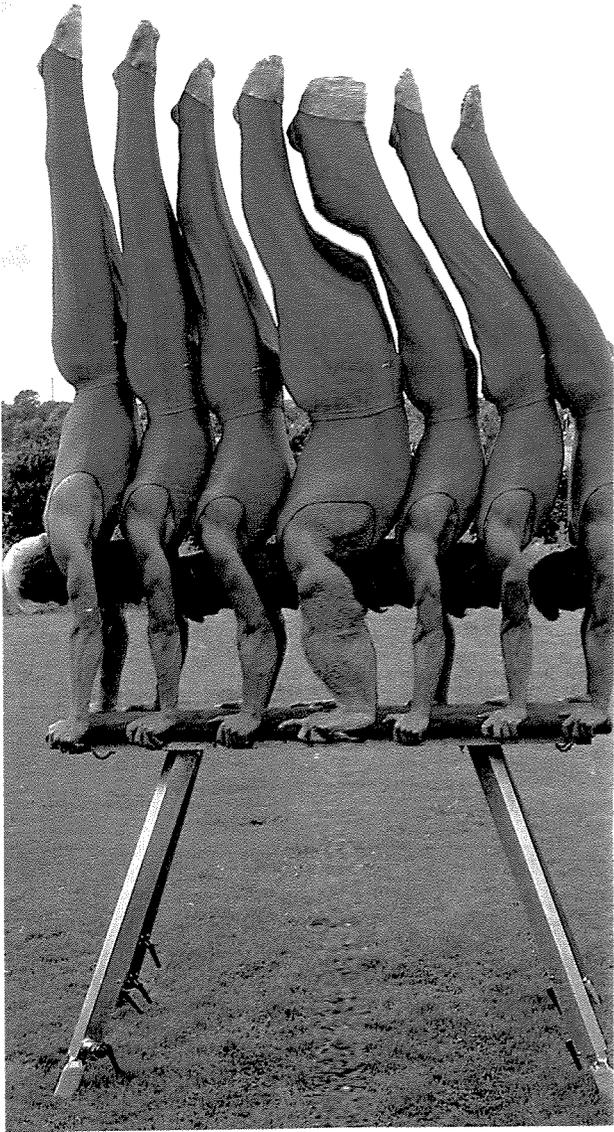
Grupo Ginástico Unicamp



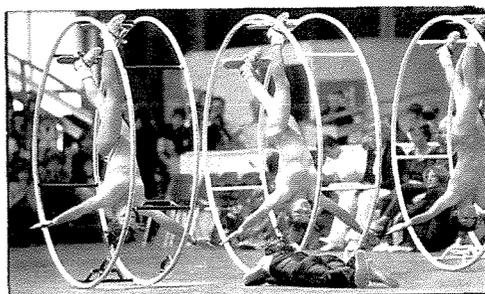
Grupo Ginástico Unicamp



Grupos da Finlândia



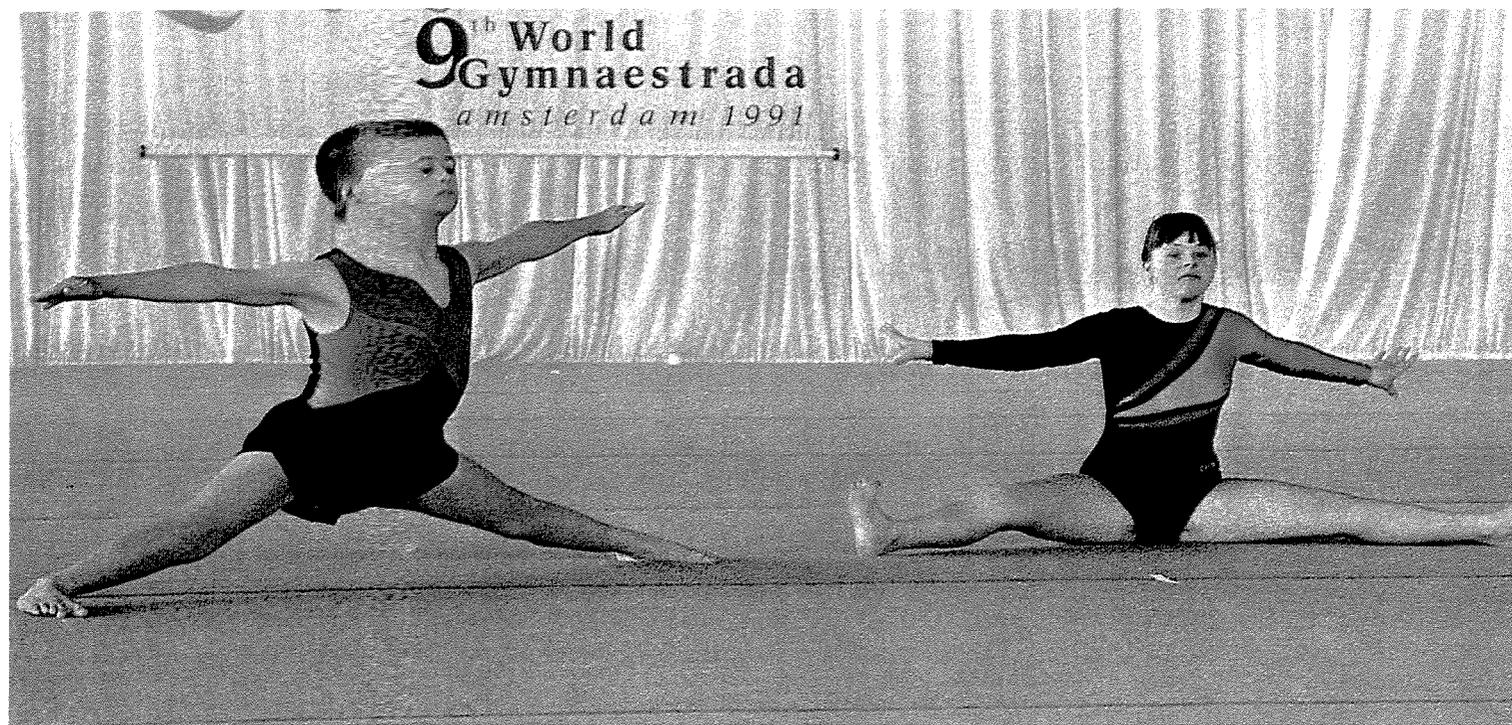
Time Nacional de Ginástica da Dinamarca (1994-95)



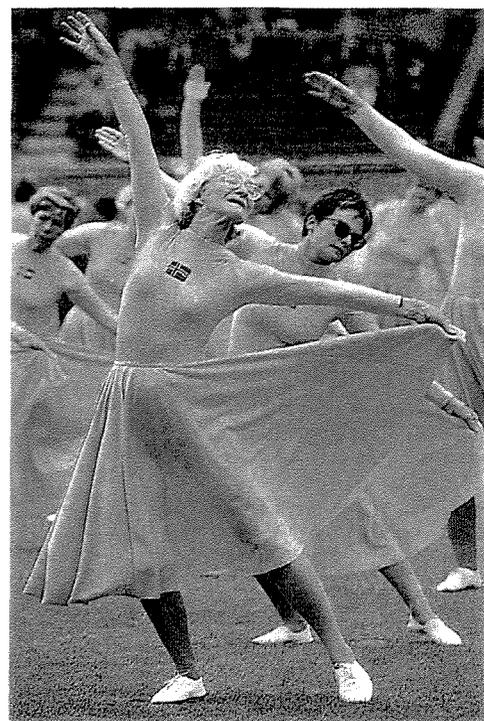
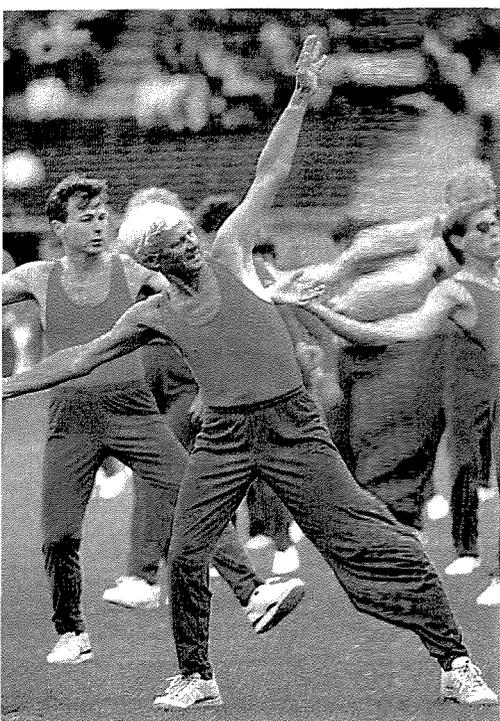
Rodas Gⁱⁿásticas – Alemanha (Kramer, 1991, p.121 e Fédération, [199-])



**Grupo do Japão – “8th World Gymnaestrada Herning 1987”
(Koninklijke, 1987, p.76)**



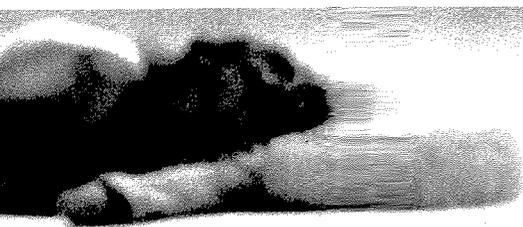
“9th World Gymnaestrada Amsterdam 1991” (Kramer, 1991, p.68)



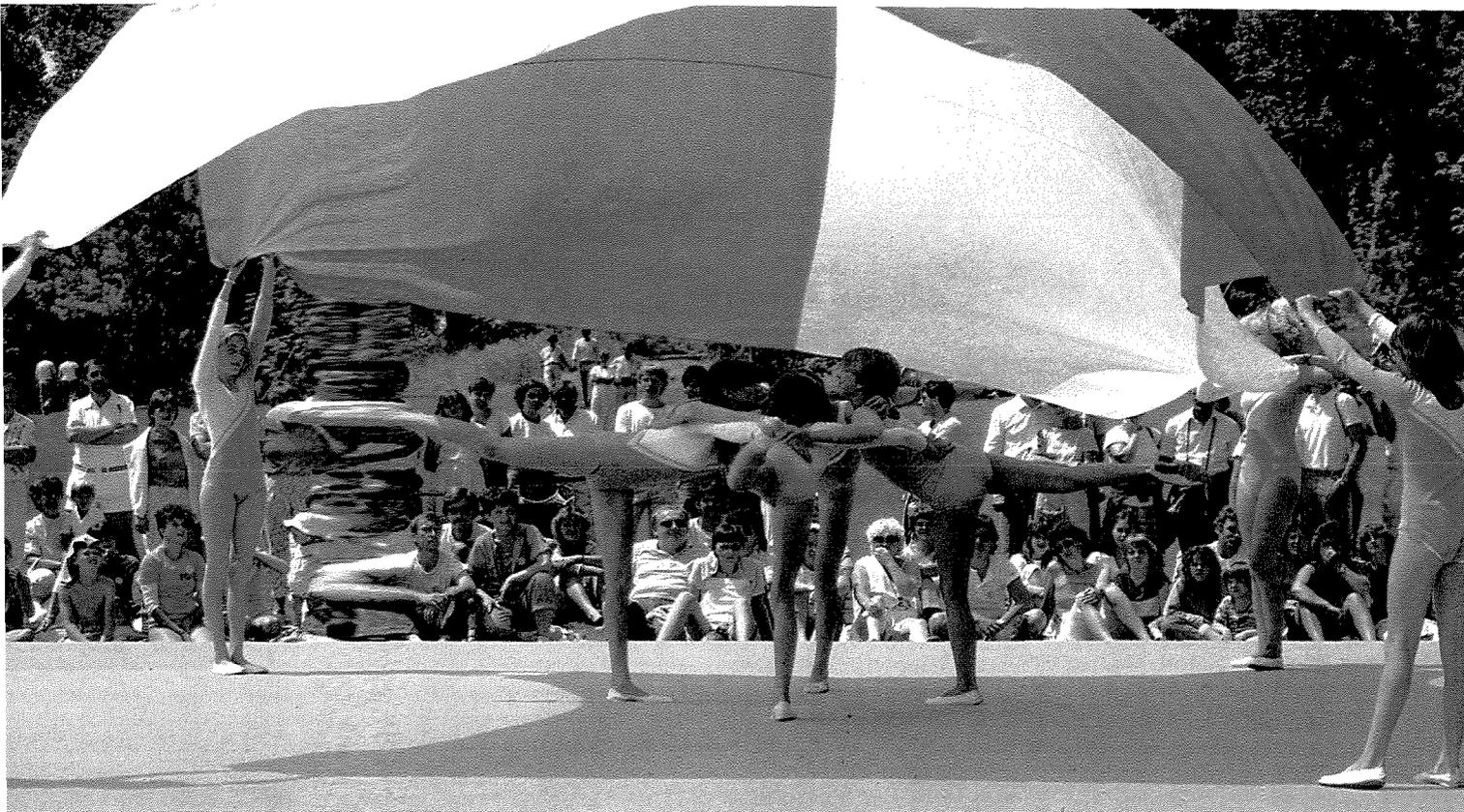
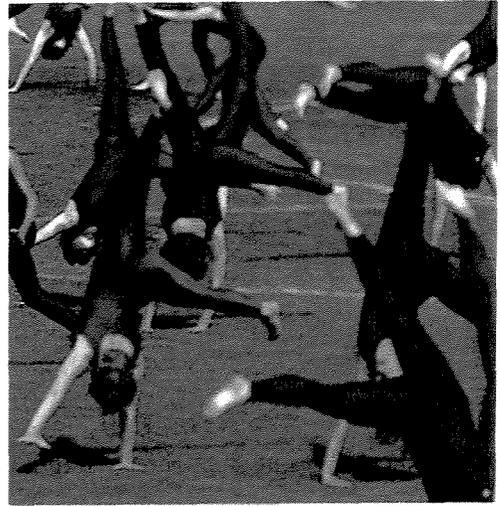
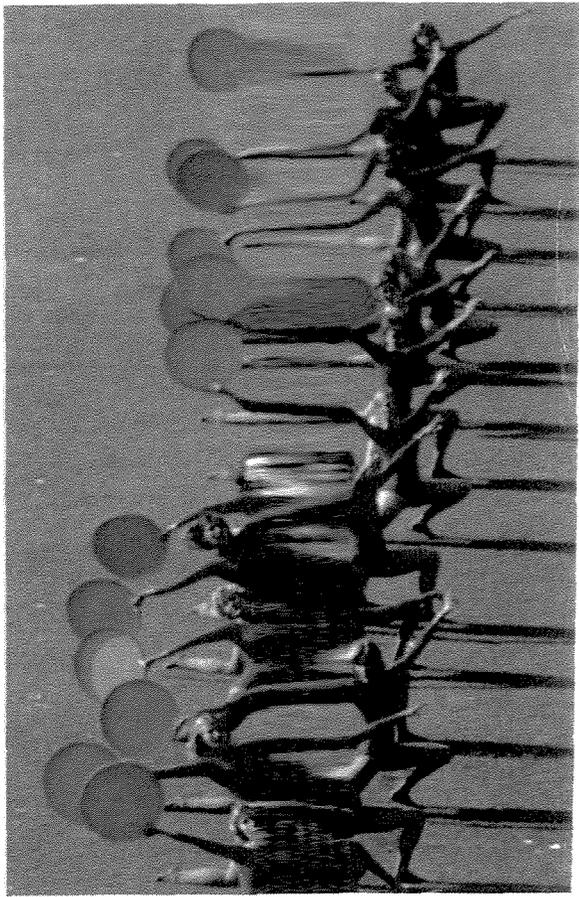
“9th World Gymnaestrada Amsterdam 1991” (Kramer, 1991, p.109 e 117)

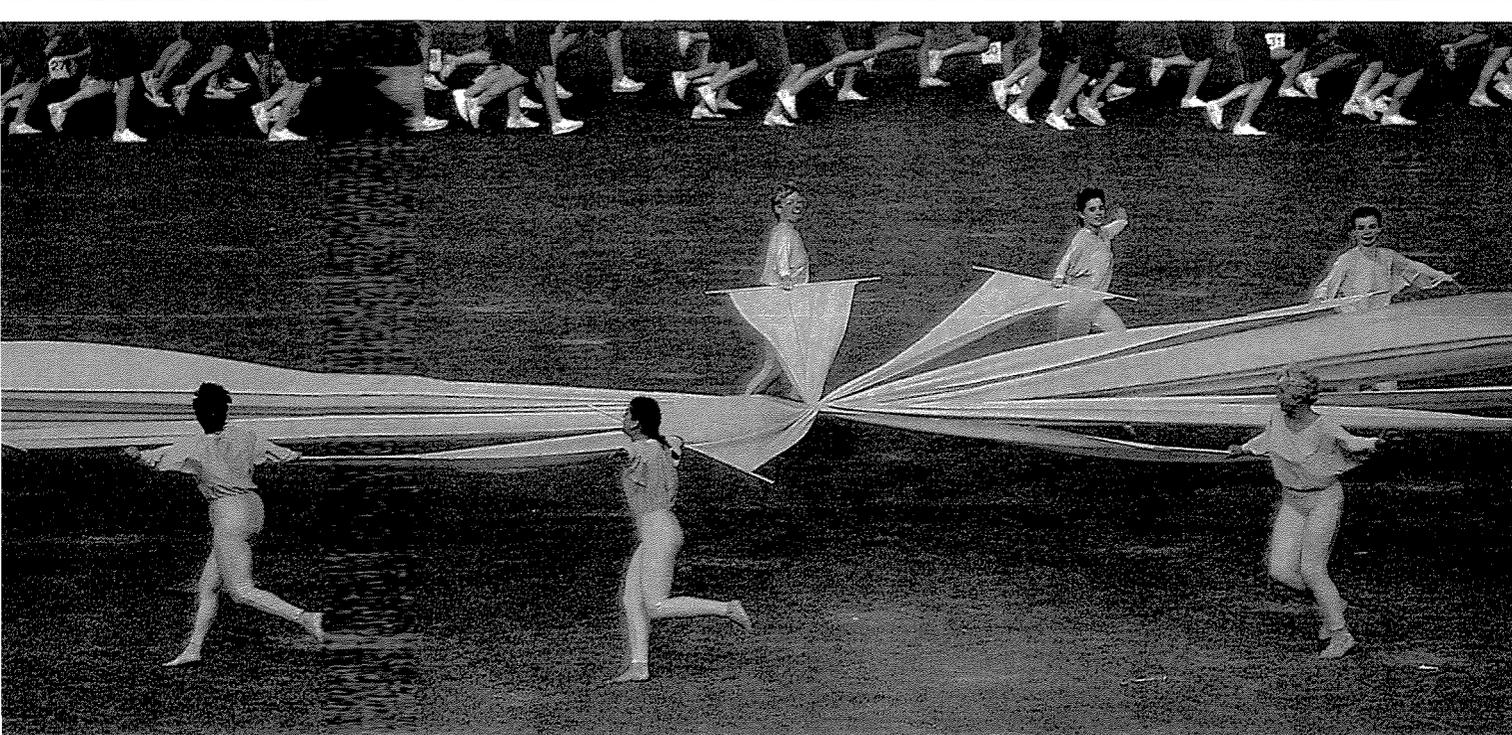
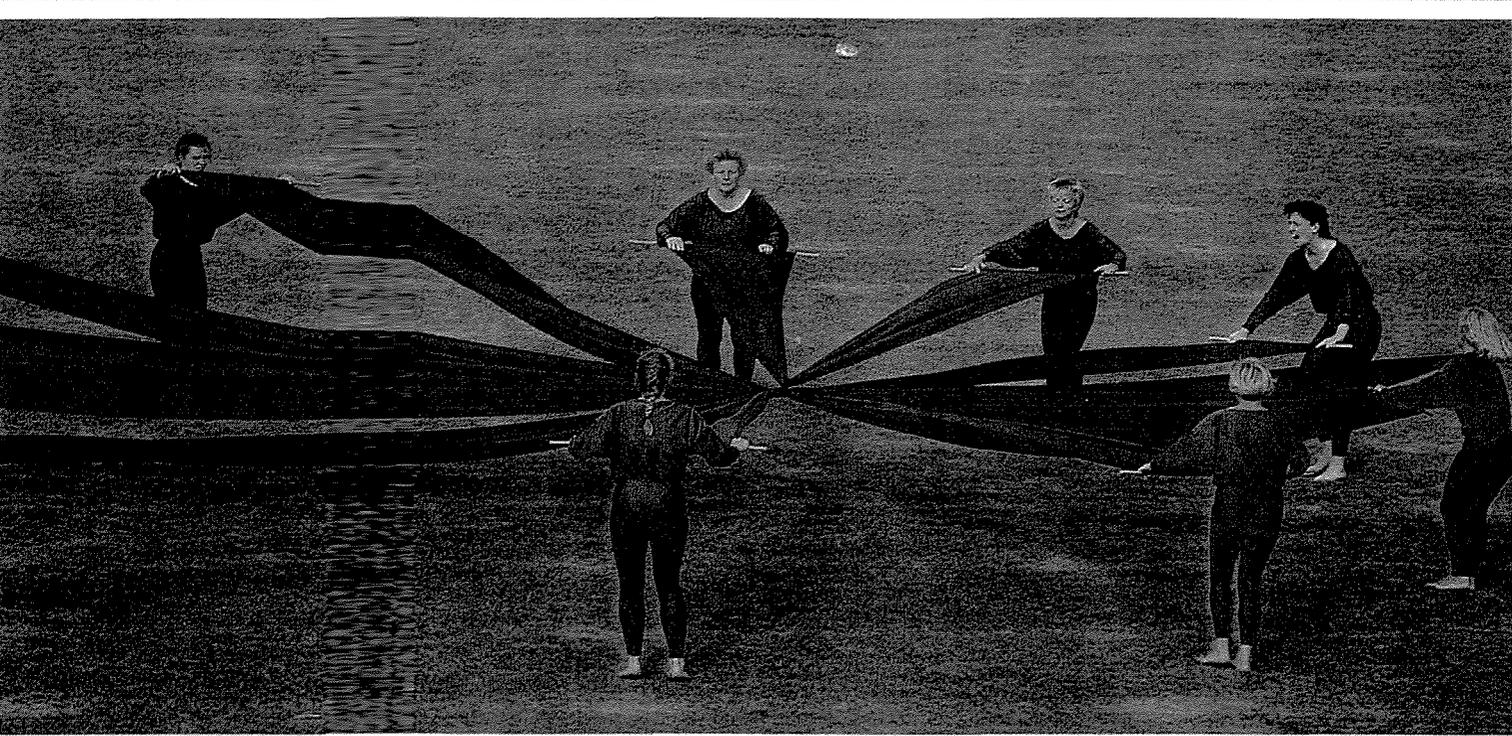


“8th World Gymnastrada Herning 1987” (Koninklijke, 1987, p.56 e 85)



“8th World Gymnaestrada Herning 1987” (Koninklijke, 1987, p.35 e 38)





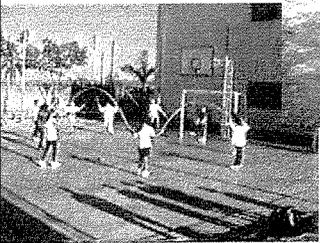
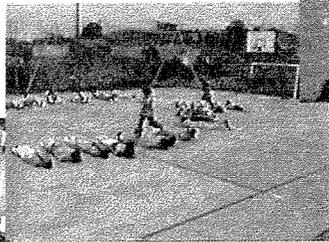
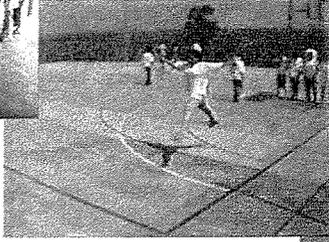
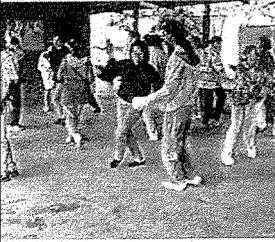
“9th World Gymnaestrada Amsterdam 1991” (Kramer, 1991, p.136)

Capítulo 3:

A Ginástica Geral e suas perspectivas para a Educação Física Escolar - imaginando um projeto

“A escola é o local onde se apresenta aos jovens, a todos os jovens um tipo de poesia, modos de raciocínio rigoroso que eles não tinham atingido até então. Na medida em que o cultural elaborado está em ruptura com a cultura imediata, a escola é difícil; os alunos não poderiam obter sucesso por suas próprias forças; é preciso para isso a obrigação, a orientação, a intervenção do professor”.

Georges Snyders
(1988, p.211)



Neste momento do trabalho intenciono discutir as perspectivas da Ginástica Geral no âmbito escolar, analisando o seu significado enquanto conhecimento a ser tratado na Educação Física Escolar e **imaginando** as suas possibilidades de desenvolvimento na escola pública brasileira.

Iniciarei a discussão situando a trajetória da Ginástica no contexto da instituição escolar no Brasil para, num segundo momento, aprofundar as questões relativas à Ginástica Geral.

3.1. A Ginástica no contexto da Educação Física Escolar no Brasil

Vários autores brasileiros têm se dedicado ao estudo do caminho percorrido pela Educação Física no Brasil, numa perspectiva crítica que possibilite compreendê-la dentro dos diferentes contextos histórico-culturais que têm influenciado o seu desenvolvimento, tanto no âmbito escolar como fora dele. Dentre eles, podemos destacar os trabalhos de Soares (1994), Bracht (1992) e Castellani Filho (1994).

Não é objetivo deste estudo aprofundar um tema tão complexo como esse, mas, tão somente, situar o percurso da Ginástica no interior da escola brasileira. Para tal, necessitamos fazer uma breve viagem ao continente europeu, dois séculos atrás.

No pensamento médico e pedagógico que se desenvolveu durante todo o século XVIII na Europa, o exercício físico, como elemento de educação, foi um conteúdo bastante enaltecido. Entretanto, foi no século XIX, com a

extensão da escolarização primária, que a Educação Física tornou-se efetivamente parte integrante da educação geral dos indivíduos.

Conforme Soares (1994, p.58-64), essa inclusão tinha finalidades muito claras para a sociedade burguesa que se consolidava: disseminar a sua visão de corpo, de atividade física, de saúde, enfim, sua concepção de mundo. A Educação Física no século XIX vai se configurando, então, a partir de um conceito anátomo-fisiológico de corpo, que a colocava sempre vinculada a uma idéia de saúde puramente biológica, de um sujeito individual, a-histórico, descontextualizado das condições sociais em que vive, sendo protagonista, portanto, de um projeto maior de higienização da sociedade. O referencial básico da Educação Física estava carregado de objetivos tais como: “(...) *regenerar a raça, fortalecer a vontade, desenvolver a moralidade e defender a pátria. As ciências biológicas e a moral burguesa estão na base de suas formulações práticas*” (Soares, 1994, p.62).

A Ginástica, que no século XIX vai conquistando o status científico, comparece, então, como o instrumento que se adequava exemplarmente a tais propósitos. Ela mesma é fruto dessa mentalidade; os próprios Métodos Ginásticos “(...) *trazem, marcadamente, a possibilidade de enaltecer o indivíduo abstrato, descolado das relações sociais, e serem porta vozes de uma prática neutra, cultuando ainda o ‘mito do homem natural e biológico’*” (Soares, 1994, p.82).

No Brasil, ao longo de todo o século XIX podemos constatar que a Educação Física, como parte integrante da educação, igualmente foi alvo de grande atenção. Seguindo as mesmas orientações da concepção européia, a sua vinculação com a educação moral e intelectual era frequentemente exaltada,

com ênfase na primeira. Para se ter uma idéia, a primeira obra editada no Brasil sobre o assunto foi, segundo Marinho (1980, p.158), o livro “Tratado de Educação Física - Moral dos Meninos”, de Joaquim Jerônimo Serpa, publicado em 1828.

Várias iniciativas para a inclusão da Educação Física nas escolas vão ocorrendo gradativamente por todo o país, sendo os exercícios ginásticos apontados como um dos meios mais importantes para tal finalidade: educar física e moralmente os indivíduos. Podemos afirmar sem receio que, durante muito tempo, aula de Educação Física na escola foi sinônimo de aula de Ginástica.

O parecer de Rui Barbosa a respeito do projeto de “Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares de Instrução Pública”, em 1882, confere grande destaque à Ginástica. Ao tratar desse tema, Rui Barbosa afirma, entre outras coisas, que a Ginástica deve ser obrigatória “(...) *a ambos os sexos, na formação do professorado e nas escolas primárias de todos os graus (...)*” e deve estar inserida “(...) *nos programas escolares como matéria de estudo (...)*” (Marinho, 1980, p.163).

Os diferentes Métodos Ginásticos Europeus foram introduzidos no Brasil.³⁹ Dentre eles, Rui Barbosa considerava que o Método Sueco era o mais adequado para ser desenvolvido nos estabelecimentos de ensino, devido ao seu caráter pedagógico. Inicialmente Rui Barbosa e, décadas posteriores, Fernando de Azevedo, foram os seus principais defensores (Soares, 1994, p.74). No entanto, em 1929, o Método Francês foi adotado como o método oficial no Brasil, gerando severas críticas por parte da Associação Brasileira

³⁹ Consultar Soares (1994, p.64-83) para maiores informações sobre o assunto.

de Educação (ABE), que considerava um atestado de incapacidade nacional, simplesmente transplantar um sistema estrangeiro de Ginástica para o nosso país (Soares, 1994, p.82-83). O exercício ginástico, principalmente o de orientação militarista, constituiu-se, então, como a referência básica para o desenvolvimento da Educação Física na instituição escolar.

Por volta dos anos 40 deste século, com a chegada ao Brasil da Educação Física desportiva generalizada, essa situação começou a mudar. Esse novo modelo de sistematização do conteúdo da Educação Física Escolar foi desenvolvido na França, por intermédio do “Institut National des Sports”, e difundido em nosso país através de Cursos de Aperfeiçoamento Técnico-Pedagógico ministrados pelo professor Auguste Listello (Marinho, 1981, p.24).

Até essa época, a Ginástica predominava como conteúdo da Educação Física Escolar. A partir desse momento, o Esporte passa a ser, progressivamente, o principal representante da Educação Física na escola: “(...) a Educação Física desportiva generalizada normatiza o esporte como o conteúdo preponderante a ser veiculado pela Educação Física no universo escolar” (Soares, Taffarel, Escobar, 1992, p.216).

Partindo da consideração de que a escola não existe de forma isolada na sociedade, mas, ao contrário, “(...) não passa de uma peça a mais da engrenagem, uma peça entre as outras” (Harper et al., 1996, p.92-99), esse movimento no interior da instituição escolar está associado ao movimento mais amplo de esportivização da cultura corporal, o qual encontra terreno fértil para o seu desenvolvimento na sociedade brasileira que vinha se configurando no período após a II Guerra Mundial.

De acordo com Bracht (1992, p.17), é evidente que outras formas de expressão da cultura corporal, como por exemplo a Dança, Jogos e Brincadeiras, também estiveram/estão presentes na Educação Física Escolar. Entretanto, parece que esses temas “(...) *constituem minoria, e que podemos falar da ginástica e posteriormente do esporte, como as atividades, nos respectivos momentos históricos, que se apresentam como hegemônicas na Educação Física*”.

Apesar das inúmeras transformações que a área da Educação Física no Brasil vem sofrendo nas últimas décadas, marcadamente a partir do início dos anos 80, ainda predomina na ação dos profissionais da Educação Física na instituição escolar o seguinte consenso:

“Conteúdo: esporte, isto é, esporte federado, suas técnicas, regras, táticas, etc. A ginástica e a corrida, por ex., são praticadas com vistas a 'parte principal'. Os jogos populares são denominados e tematizados como 'jogos pré-esportivos'.
Objetivos: aprendizagem dos esportes, e desenvolvimento da aptidão física (para a saúde)” (Bracht, 1992, p.25).

O surgimento de novas interpretações que colaboraram para a detonação de um processo de questionamento da concepção predominante em relação aos conteúdos e objetivos da Educação Física na escola, não abalou essa visão hegemônica. Segundo Bracht (1992, p.28), “*Nenhuma destas novas tendências parece, no entanto, ameaçar seriamente a hegemonia da 'tendência esportiva'*”.

Atualmente, a Ginástica, enquanto conteúdo de ensino, praticamente não existe mais na escola brasileira. Aula de Educação Física na escola passou a ser sinônimo de aula de Esporte. E pelo que pude constatar nas entrevistas com os professores e dirigentes estrangeiros, essa é uma realidade que se estende a muitos outros países, inclusive da Europa, “berço” dessa prática corporal.

Nista-Piccolo (1988) também confirma essa deficiência do conteúdo Ginástica no âmbito escolar, especificamente em relação à Ginástica Artística (GA) e à Ginástica Rítmica Desportiva (GRD). Em seu estudo, no qual realizou um trabalho de campo com profissionais da Educação Física e professores polivalentes das redes particular, municipal e estadual de ensino da cidade de Campinas, constatou uma série de aspectos que dificultam o desenvolvimento dessas modalidades gímnicas na escola, dentre os quais a ausência de conhecimento do professor sobre a GA e a GRD (Nista-Piccolo, 1988, p.121-124).

Essa situação em relação à Ginástica, a qual pode ser igualmente extrapolada para outros temas da cultura corporal, demonstra que necessitamos urgentemente buscar saídas para reverter esse quadro.

No caso específico da Ginástica, parece-me que o panorama é ainda mais grave, em virtude de somar-se à visão esportivizada da Educação Física Escolar alguns preconceitos em torno dessa prática corporal, cuja origem pode estar localizada principalmente em dois aspectos: de um lado a sua tradição histórica de orientação militarista e de outro a sua associação à “Ginástica espetacular”. Em relação ao primeiro, é até compreensível a atitude de negação da Ginástica no âmbito escolar, por parte dos profissionais da

Educação Física que estavam participando das discussões mais amplas da década de 80 a respeito do processo de redemocratização da sociedade brasileira e do papel da Educação Física nesse contexto. Não era concebível admitir que uma atividade com tamanha herança militar pudesse retornar à cena na escola. No que se refere ao segundo aspecto, a difusão da Ginástica Artística e da Ginástica Rítmica Desportiva no Brasil, a partir dos anos 70 e 80, ao mesmo tempo em que favorece o aumento do número de praticantes, especialmente nos clubes, traz consigo a idéia, reforçada pela mídia, de que essas atividades são extremamente difíceis e que só podem ser praticadas por “super atletas” e orientadas por “super técnicos”. É a Ginástica esportivizada sendo vista tão somente como “Ginástica espetacular”.

Essas são, seguramente, questões significativas que, aliadas ao processo de esportivização da cultura corporal, colaboraram (e, de certo modo, ainda colaboram) para que a Ginástica tenha sido descartada da Educação Física Escolar. O tom pejorativo ou restritivo com que geralmente muitos profissionais da Educação Física referem-se à Ginástica, acaba revelando e reforçando esses preconceitos.

Entretanto, é importante destacar que a década de 90 tem sido marcada por um grande progresso nas discussões e tem gerado resultados muito positivos para que se compreenda o significado da Educação Física na escola e, também, da Ginástica, como seu conteúdo, nesse contexto.

O trabalho de um grupo de autores sobre “Metodologia do Ensino de Educação Física” (Coletivo de Autores, 1992), caracteriza-se como um importante ponto de referência para essa compreensão. Um dos assuntos

abordados nessa obra, refere-se à questão do conhecimento a ser tratado pelo componente curricular Educação Física na escola. De acordo com os autores,

“A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, **ginástica**, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem” (Coletivo de Autores, 1992, p.61-62; grifo meu).

A visão desse grupo significa um avanço para o entendimento do papel da Educação Física na escola, especialmente por apresentarem uma proposta de organização do saber da Educação Física, resgatando as suas dimensões histórico-culturais.

Sob essa ótica, a Educação Física Escolar é considerada na perspectiva da reflexão sobre a cultura corporal. Isso requer uma articulação do conhecimento, a fim de “(...) possibilitar uma nova lógica de pensar do aluno, na elaboração de uma síntese que lhe permita a constatação, interpretação, compreensão e explicação da realidade acerca da cultura corporal” (Coletivo de Autores, 1992, p.111).

Ressaltam, ainda, que a inter-relação e interdependência entre os diferentes temas que venham a compor um programa de Educação Física e os grandes problemas sócio-políticos da atualidade não podem e não devem ser ignoradas, uma vez que as diferentes expressões da cultura corporal a serem tratadas na escola, “(...) expressam um sentido/significado onde se

interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade” (Coletivo de Autores, 1992, p.62).

Essas considerações enfatizam a importância de se pensar a disciplina Educação Física articulada com o projeto político-pedagógico da instituição escolar. Essa articulação é imprescindível para uma reflexão e compreensão da cultura corporal inserida no contexto da sociedade.

O reconhecimento da Ginástica como um dos conteúdos da Educação Física Escolar, ou seja, enquanto um conhecimento a ser tratado na escola, é legítimo, segundo Coletivo de Autores (1992, p.77),

“(...) na medida em que a tradição histórica do mundo ginástico é uma oferta de ações com significado cultural para os praticantes, onde as novas formas de exercitação em confronto com as tradicionais possibilitam uma prática corporal que permite aos alunos darem sentido próprio às suas exercitações ginásticas”.

Nessa perspectiva, a Ginástica - enquanto parte integrante do conjunto dos conteúdos que devem compor a disciplina Educação Física -, caracteriza-se como um conhecimento de importância indiscutível e que não pode ser simplesmente abandonado, ou colocado em segundo plano na instituição escolar.

À luz das considerações anteriores, não podemos negar que o processo de limitação que vem ocorrendo na Educação Física Escolar brasileira, restringindo o seu conteúdo ao Esporte e deixando de lado a Ginástica (entre outros temas da cultura corporal), é muito sério e preocupante.

Já não é sem tempo a necessidade de rompermos com essa visão. E os cursos de formação de professores de Educação Física têm um papel decisivo a desempenhar para que o quadro atual possa ser transformado. Precisam urgentemente assumir a sua responsabilidade de ampliar e ultrapassar essa idéia restritiva e equivocada da Educação Física Escolar e compreender que a Ginástica, assim como outras formas de expressão da cultura corporal, necessitam ser estudadas em profundidade, para que o profissional da Educação Física, consiga enfrentar os desafios que se colocam para a nossa área nessa virada de século. Precisamos ter a coragem, como nos alerta Soares (1995, p.138),

“(...) de ser profissional da educação física e saber mais, muito mais sobre seus temas como a ginástica, os jogos, o esporte, as lutas, a dança, especialmente saber mais que a mídia e romper com as linguagens simplificadas da chamada cultura de massa acerca das atividades corporais”.

A Educação Física Escolar contemporânea, prestes a entrar no século XXI, precisa assumir a tarefa que lhe compete no interior da escola: progredir com os seus alunos, em relação aos seus temas específicos, rumo às satisfações da cultura elaborada. “*Não considere seus alunos ‘tolos’*”, como nos lembra Snyders (1988, p.218), significa cumprir o nosso papel de sermos educadores capazes de apresentar, aos nossos alunos, “(…) *modos de raciocínio rigoroso que eles não tinham atingido até então*” (Snyders, 1988, p.211). Significa respeitar os nossos alunos e instigá-los a aprofundar a reflexão sobre a cultura corporal com a rigorosidade metódica necessária à passagem da “*curiosidade ingênua*” à “*curiosidade epistemológica*” (Freire, 1997, p.28-33). Significa, ainda, levar em conta as suas experiências e

interesses, sem abrir mão da responsabilidade de garantir que os nossos alunos “(...) terminem o ensino fundamental e médio com competência para apreender as possibilidades e os limites da expressão corporal enquanto linguagem no tempo histórico” (Soares, Taffarel, Escobar, 1992, p.219). Significa, enfim, partir em busca do aprofundamento sistemático do conhecimento próprio da Educação Física e suas relações com o conhecimento mais amplo da humanidade.

E, no que diz respeito especificamente à Ginástica, o que quero defender não é um **resgate** “saudosista” daquilo que foi a tradição da Ginástica que se consolidou na escola brasileira, especialmente a partir do início deste século, com influências determinantes do Movimento Ginástico Europeu. Para estarmos em sintonia com os desafios da Educação Física Escolar na atualidade, não podemos simplesmente retomar os Métodos Ginásticos Europeus sem a devida crítica aos seus princípios e finalidades. Precisamos sim, romper com preconceitos e avançar com nossos alunos rumo à compreensão dos sentidos e significados que têm sido conferidos à Ginástica ao longo da história, para que eles próprios possam resignificá-la.

O que quero sustentar, portanto, é uma retomada da Ginástica na escola através do “*confronto*” entre as tradicionais e as novas formas de exercitação, possibilitando aos alunos uma prática corporal que lhes permita atribuir “*sentido próprio às suas exercitações ginásticas*” (como propõe Coletivo de Autores, 1992, p.77).

E, levando em consideração as características fundamentais da Ginástica Geral, acredito que a GG possa ser reconhecida como o caminho

mais apropriado, e talvez o mais ousado, para resgatarmos, para re-criarmos, para re-significarmos a Ginástica na escola.

3.2. A Ginástica Geral enquanto conhecimento a ser tratado na Educação Física Escolar

De acordo com a concepção desenvolvida neste estudo, a Ginástica Geral é entendida como uma prática corporal não competitiva que se fundamenta na Ginástica, promovendo uma integração e síntese entre a Ginástica *científica* e as diversas manifestações da Ginástica na atualidade, de modo a recuperar o seu *núcleo primordial* e incorporá-lo à contemporaneidade das diferentes interpretações da Ginástica. Portanto, ela representa, na sociedade contemporânea, uma *síntese* entre o que foi e o que é a Ginástica.⁴⁰

Assim compreendida, a Ginástica Geral engloba e integra as diversas manifestações da Ginástica que vêm se configurando ao longo desses dois últimos séculos. Isso quer dizer que as diferentes formas de manifestação gímnica poderão e deverão ser tema das aulas de GG.

Aprender Ginástica Geral na escola significa, portanto, estudar, conhecer, compreender, confrontar, vivenciar, apreender as inúmeras interpretações da Ginástica para, com base nesse conhecimento, buscar novos sentidos e significados e criar novas possibilidades de expressão gímnica.

Sob essa ótica, podemos considerar que a Ginástica Geral enquanto **conhecimento a ser tratado** na Educação Física Escolar, ou seja, enquanto conteúdo de ensino, representa o que podemos compreender como Ginástica.

⁴⁰ Esses conceitos foram trabalhados no segundo capítulo deste estudo.

Nista-Piccolo (1995, p.119) destaca o valor da Ginástica Geral para a Educação Física Escolar, ressaltando, entre outras coisas, que a GG “(...) *se apresenta como uma atividade gímnica sem cunho competitivo, abrindo espaços para participação e criação*”. A abertura para participação e criação, assim como a valorização do trabalho em grupo, o estímulo à liberdade de expressão e, em especial, a ênfase na vivência do lúdico, do prazer na prática da Ginástica, são aspectos fundamentais da GG que devem ser contemplados no processo de ensino-aprendizagem dessa atividade na escola.

À luz das considerações anteriores, podemos afirmar que a Ginástica Geral traz consigo a possibilidade de realizarmos o resgate da Ginástica na Educação Física Escolar, numa perspectiva de “confronto” e síntese, e também, numa perspectiva lúdica, criativa e participativa. Entretanto, para que isso ocorra, precisamos nos apoiar em referenciais teórico-metodológicos que ofereçam caminhos nessa direção.

Como ponto de partida, tomamos como referência duas propostas de trabalho na área da Ginástica que vêm sendo realizadas na Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp nos últimos dez anos, cujos princípios norteadores estão sintonizados com os propósitos de resgatarmos a Ginástica na escola, na perspectiva que vem sendo discutida neste estudo. Uma delas é a proposta metodológica desenvolvida por Nista-Piccolo (1995) e a outra é a proposta de trabalho do Grupo Ginástico Unicamp (Pérez Gallardo, Souza, 1997 e Souza, 1997, p.83-95), das quais pude participar diretamente desde a sua implementação.

A proposta metodológica apresentada por Nista-Piccolo foi desenvolvida nos seguintes projetos de ensino, pesquisa e extensão da FEF -

Unicamp: o “Brincando com o Ritmo”, o “Ginástica Artística: brincando e aprendendo” e o “Crescendo com a Ginástica”. Está organizada em três momentos, relacionados entre si:

- Primeiro momento: os alunos tomam contato com o tema que será desenvolvido na aula, explorando, criando e executando diferentes possibilidades de movimento; o professor “(...) *apenas estimula a ação perguntando o que é possível fazer, outras maneiras de se fazer, observando sempre seus alunos*” (Nista-Piccolo, 1995, p.117);
- Segundo momento: as atividades são propostas através de pistas, a fim de que os alunos solucionem os problemas apresentados e criem alternativas de ação, individualmente ou em grupo (Nista-Piccolo, 1995, p.117-118);
- Terceiro momento: as propostas que deixaram de ser realizadas nos dois primeiros momentos são agora trabalhadas, sem perder de vista a perspectiva lúdica; nessa etapa, o educador deve garantir que os elementos ainda não contemplados sejam vivenciados pelo grupo; esse momento é finalizado com uma conversa sobre o conteúdo abordado (Nista-Piccolo, 1995, p.118).

Essas três fases de uma mesma aula têm por objetivo estimular a liberdade de expressão, a exploração e a descoberta de novas possibilidades de ação, favorecendo o desenvolvimento da criatividade e o intercâmbio de experiências entre os participantes do processo educativo. Velardi (1997) foi buscar nas teorias de Vygotsky os referenciais para fundamentar cada um dos momentos dessa proposta metodológica. A autora conclui em seus estudos que essa metodologia pode ser aplicada em diferentes contextos pedagógicos.

A proposta de trabalho do Grupo Ginástico Unicamp constitui uma outra referência básica e o seu procedimento metodológico pode ser dividido em duas partes: uma delas destinada ao aumento da interação social e a outra voltada à exploração de todos os recursos que o material pedagógico pode proporcionar, podendo ser utilizados materiais tradicionais, assim como materiais adaptados ou não tradicionais, como por exemplo: bambus gigantes, engradados de refrigerante, pneus, jornais, tecidos, peneiras etc (Pérez Gallardo, Souza, 1997, p.28-29). Em todas as fases do desenvolvimento da proposta do GGU, são considerados os seguintes aspectos: o incentivo e a valorização da experiência e dos interesses individuais, colocando-os a serviço do grupo; o estímulo à criatividade, à auto-superação e à ludicidade; e a promoção da cooperação e da participação ativa de todos os integrantes do grupo. Cabe ressaltar, ainda, como procedimento básico do trabalho do GGU, a importância conferida à criação conjunta das composições e à demonstração das mesmas como produto final do processo educativo (Souza, 1997, p.87).

A riqueza dessas duas propostas está em proporcionar o aprendizado da Ginástica levando-se em conta as diversas experiências dos alunos, porém sem se restringir a elas, procurando superá-las e transformá-las no decorrer do processo educativo, através do estímulo constante à auto-superação e à criatividade. A troca de experiências, o diálogo, são fundamentais para o desenvolvimento do trabalho. E nesse processo de intercâmbio, os educandos são convidados a redescobrir, a revelar e a compartilhar as suas vivências anteriores, que serão consideradas, respeitadas no processo educativo; são desafiados a experimentar e criar novas possibilidades, através da superação dos próprios limites. O educador vai configurando os parâmetros, os referenciais para conduzir a sua ação pedagógica em parceria com os alunos

que são vistos como sujeitos, co-responsáveis e co-autores do processo educativo. O depoimento de um integrante do Grupo Ginástico Unicamp revela essa dimensão participativa e dialógica: “*O Grupo Ginástico Unicamp tem o poder de fazer com que, enquanto todos estão aprendendo, todos estão ensinando*” (Souza, 1997, p.124).

Outro aspecto relevante a ser destacado é o incentivo irrestrito à utilização diversificada de materiais ou aparelhos. Tanto aqueles tradicionais da Ginástica ou característicos dos Esportes, quanto os materiais denominados adaptados ou não tradicionais, são explorados intensamente a fim de promover a descoberta de novas possibilidades de ação. Esse procedimento favorece a inventividade e enriquece o contexto educativo, além de ampliar o leque de opções de trabalho. Jornais, bexigas, tábuas, revistas, garrafas de plástico, pedaços de isopor, entre tantos outros, podem tornar-se um rico material pedagógico para o desenvolvimento das aulas de Ginástica Geral na escola.⁴¹

Abordando a questão da criatividade nas aulas de Educação Física, Taffarel (1985) afirma que todo ser humano é potencialmente criativo e que o processo da criatividade deve ser desenvolvido através de procedimentos específicos, intencional e objetivamente organizados. Ressalta, ainda, que muitos estudiosos do tema consideram fundamental, para o desenvolvimento da criatividade, a organização de “*(...) um contexto que dê aos alunos a possibilidade para que eles se aventurem, explorem, averiguem, expressem, descubram e provem por si mesmos(...)*” (Taffarel, 1985, p.11). Sob essa ótica, podemos evidenciar que os procedimentos sugeridos em ambas as propostas oferecerem condições objetivas para o desenvolvimento da criatividade.

⁴¹ Conforme explicitado anteriormente, no Anexo 8 (p.179) são exemplificados inúmeros materiais, aparelhos ou equipamentos que têm sido utilizados na Ginástica Geral.

É importante sublinhar, ainda, o destaque conferido ao trabalho em grupo, enfaticamente mencionado na proposta do GGU, na qual a vivência da cooperação é um dos aspectos mais valorizados.

Ao aprofundar a compreensão dos princípios que orientam essas propostas, pude identificar que as mesmas se aproximam da concepção de “*aulas abertas à experiência*” no ensino da Educação Física, desenvolvida por Hildebrandt, Laging (1986) e pelo Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM (1991), na qual a **experiência** é tratada como uma categoria pedagógica do processo educativo.

De acordo com o Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM (1991, p.40-41), uma aula aberta pode ser entendida como

“(...) aquela em que o professor admite que os educandos são pessoas que sabem atuar juntas, que devem entender-se conjuntamente quanto ao sentido das suas ações. Isto significa que os alunos podem apresentar suas opiniões e realizar suas experiências, que resultam das suas histórias individuais da vida cotidiana. Por isso, os temas das aulas devem ser ambíguos e complexos, abertos aos interesses e às experiências que os alunos adquiriram nas suas histórias de vida”.

Essa abertura aos interesses e experiências dos alunos torna-se imprescindível para a concretização de um dos objetivos centrais do ensino aberto: o desenvolvimento da capacidade de decisão e de ação. Para que tal desenvolvimento seja viabilizado é indispensável que a aula seja **planejada** e organizada de modo a criar situações de ensino em que o aluno possa co-determinar com base nas suas experiências anteriores. Isso quer dizer que o

ensino aberto também está subordinado ao planejamento (Hildebrandt, Laging, 1986, p.15-17).

A importância do planejamento, subentendida nas propostas anteriormente mencionadas, ganha um destaque especial na concepção de “*aulas abertas à experiência*”. Essa questão estará sendo considerada um princípio norteador essencial para o desenvolvimento da GG na Educação Física Escolar. Nesse sentido, planejar, organizar, pensar e repensar o contexto da aula, colocam-se como tarefas imprescindíveis para o educador que “*não considerando os seus alunos tolos*” (Snyders, 1988, p.218), valoriza as suas experiências e interesses e proporciona situações para o desenvolvimento de sua capacidade de decisão e de ação; para o educador que visa, sobretudo, a **autonomia** dos alunos, convocando-os para a co-responsabilidade (responsabilidade compartilhada) do processo educativo. Segundo Freire (1997, p.121), temos que ter clareza que “*A autonomia (...) é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem que estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade (...)*”. E para que isso aconteça, a aula deve constituir-se num espaço de **diálogo** em que os sujeitos do processo educativo (educadores e educandos) possam compartilhar experiências e tomar decisões conjuntas que venham favorecer a construção do conhecimento e o desenvolvimento mútuo em relação ao saber, ao ser e ao viver. E se o diálogo

“(...) é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um

ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes” (Freire, 1987b, p.79).

Considerando, ainda, que “(...) *ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção*” (Freire, 1997, p.52), o ato de ensinar, que supõe o de aprender, só pode ocorrer se houver diálogo. É através do diálogo pedagógico que vão sendo planejados, organizados e traçados os contextos educativos que conduzem à passagem da “*curiosidade ingênua*” à “*curiosidade epistemológica*” (Freire, 1997), da “*cultura primeira*” à “*cultura elaborada*” (Snyders, 1988).

Sob essa ótica, o papel do professor é essencial como estimulador e orientador. O processo de ensino/aprendizagem na escola requer a direção/orientação do educador. Abdicar disso, seria favorecer o “*laissez-faire*”, o abandono pedagógico. Entretanto, não pode existir **diálogo** no **monólogo** do professor, tampouco no **monólogo** do aluno. Só pode haver diálogo, se existir troca, encontro... Encontro entre “*parceiros culturais*”, como ressalta Snyders (1988, p.224):

“Na minha escola, os alunos não se tornam iguais aos professores, não lhes prometemos que eles serão iguais aos professores; mas eles não são subordinados, inferiores, a serem ‘amestrados’, nem irresponsáveis a serem mantidos em tutela continuamente”.

Isso significa reconhecer que, sem renunciar ao seu papel, o professor precisa levar os alunos a sério, tratá-los com respeito e fazê-los partilhar da alegria de compreender, agir e progredir em direção à satisfação cultural escolar.

“É testemunhando-lhes uma confiança naquilo que já são que o professor os ajudará a progredir em relação à satisfação cultural escolar: ousarão enfrentar o difícil; não se recusarem a si próprios, recusar seus valores, mas elaborá-los, explicitá-los, elucidá-los para realizar saltos de ultrapassagem. A escola não resolverá o conflito ou pelo menos a incompreensão entre professores e alunos abandonando sua própria tarefa onde ela é insubstituível: determinar uma arrancada, levar a uma diferença de nível” (Snyders, 1988, p.219).

Portanto, a ação educativa é, sobretudo, um processo dialógico/cooperativo, no qual os “*parceiros culturais*” são sujeitos que precisam co-operar, operar-com, para sintonizar o diálogo pedagógico a fim de alcançar níveis mais elevados de conhecimento.

Outra questão importante que deve compor o conjunto de referenciais ou princípios norteadores para o desenvolvimento da Ginástica Geral na escola, refere-se à consideração da GG como “*um espaço aberto de ação*”.

Esse aspecto foi tematizado pelo Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM (1991, p.35-38), especificamente em relação ao conteúdo esportivo na Educação Física Escolar. Ao tratar de uma compreensão pedagógica do Esporte, os autores destacam duas dimensões para o seu entendimento. Se, por um lado, o Esporte pode ser compreendido como um fato histórico-social,

como um campo de ação social concreto, com suas estruturas rígidas e predeterminadas, por outro, ele pode ser “(...) *entendido como um espaço aberto de ação e de movimento, no qual os homens realizam suas idéias e necessidades e podem alterar criticamente o esporte existente*” (Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM, 1991, p.38; grifo meu). Indicam, ainda, cinco perspectivas para a configuração didática do Esporte, tendo em vista o seu entendimento como um “*espaço aberto de ação*” e o desenvolvimento da capacidade de decisão e de ação dos educandos: *o Esporte como algo socialmente regulamentado, o Esporte como algo a ser aprendido, o Esporte como algo a ser assistido, o Esporte como algo a ser refletido e o Esporte como algo a ser modificado*. E ressaltam que

“Sob a vigilância crítica da educação e com o intuito de desenvolver a capacidade de ação, o esporte, na escola, não pode ser reduzido a uma destas duas dimensões. Sua configuração, na escola, não pode ser limitada a uma destas perspectivas, como se sucede, infelizmente, no momento, na realidade da educação física escolar” (Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM, 1991, p.38).

Essas considerações em relação ao Esporte podem ser perfeitamente transferidas para a Ginástica Geral ou outros temas da cultura corporal. Isso quer dizer que as cinco perspectivas apontadas por esses autores devem ser incorporadas no desenvolvimento da GG na Educação Física Escolar. Poderíamos acrescentar, ainda, uma outra perspectiva, intimamente relacionada com um dos aspectos mais marcantes da GG, o seu forte caráter demonstrativo: a Ginástica Geral como algo a ser demonstrado.

De acordo com Souza (1997, p.50), a prática da GG no Brasil “(...) *expressa através de Festivais de Ginástica e demonstrações de grande área, data da primeira metade deste século*”. Ressalta, ainda, que “*Na área escolar, é comum a realização de demonstrações de Ginástica Geral na abertura de festividades e competições esportivas, com a participação de uma grande quantidade de alunos*” (Souza, 1997, p.51).

Ao considerarmos a Ginástica Geral como algo a ser demonstrado, devemos estar atentos para que ela não seja vista apenas enquanto um produto, desconectada de um processo. Ao contrário, essa perspectiva de demonstração da Ginástica Geral precisa ser tratada como parte integrante do processo de ensino/aprendizagem da GG na Educação Física Escolar. Mais ainda: no processo de elaboração de uma **composição**, assim como ocorre na proposta do GGU, deve privilegiar-se as experiências e interesses dos alunos e o trabalho em grupo, estimulando a cooperação, a capacidade de ação e a autonomia dos educandos, enquanto sujeitos do processo educativo, para que possam **compor em co-autoria** com outros sujeitos, buscando novas interpretações, novas leituras, novas significações antes desconhecidas. Além disso, a demonstração das composições nas próprias aulas de Educação Física pode constituir-se num importante momento avaliativo, no qual os alunos sintetizam e organizam as suas experiências e reflexões acerca da GG, de forma criativa e com liberdade de expressão, apresentando-as para apreciação de seus pares e do professor. As apresentações em momentos comemorativos da escola, envolvendo as diversas turmas específicas ou grandes grupos de alunos de várias séries, também ganham um significado muito importante, como uma possibilidade de demonstrar para a comunidade escolar o trabalho desenvolvido na disciplina Educação Física. E tanto melhor se as composições

refletirem o processo de elaboração, sistematização e organização do conhecimento, com vistas a buscar níveis cada vez mais profundos de compreensão. O trabalho escolar, seja na Educação Física ou em qualquer outra disciplina, precisa demonstrar que o trabalhoso, o “*difícil*” do percurso, tinha uma finalidade a ser conquistada: garantir a especificidade da “*alegria na escola*” (Snyders, 1988).

Foi acreditando na possibilidade de desenvolvermos uma proposta de Ginástica Geral para a Educação Física Escolar com base nesses princípios norteadores, que **imaginamos um projeto** de GG para as escolas públicas de Campinas, com a certeza de que poderíamos colaborar para a sua difusão no âmbito escolar e, também, encontrar subsídios para a discussão de suas possibilidades de desenvolvimento no ensino público brasileiro. Tomada a decisão, iniciamos o “Segundo Momento” da pesquisa de campo, conscientes de que estávamos diante de um grande desafio.

3.3. A Ginástica Geral na escola - um grande desafio

Conforme mencionado no primeiro capítulo deste estudo, o projeto de Ginástica Geral nas escolas públicas de Campinas foi desenvolvido durante o ano de 1996, em duas fases: a realização de um curso de GG para professores de Educação Física, de abril a junho, e o desenvolvimento de uma proposta de Ginástica Geral nas aulas de Educação Física, durante o segundo semestre letivo, com o nosso acompanhamento.

A escolha da rede pública de ensino como prioridade deve-se ao fato deste estudo estar sendo realizado numa universidade subsidiada pelo governo e que, portanto, não pode se isentar do compromisso de desenvolver projetos destinados à melhoria da qualidade do ensino público e gratuito.

O projeto teve um ano de duração, desde o primeiro contato com as delegacias de ensino, em dezembro de 1995, até a reunião final com os professores para avaliação geral do trabalho desenvolvido, em dezembro de 1996. Nesse período muitas foram as barreiras que tivemos que transpor. Cientes das dificuldades que iríamos encontrar para o desenvolvimento de um trabalho de Ginástica Geral no interior da escola, acreditamos nessa possibilidade e o saldo foi bastante positivo para aqueles que se envolveram efetivamente no projeto.

Analisando a questão relativa às conexões entre a produção acadêmica na área e a atuação profissional na escola, Resende (1995, p.90) constata, através de um estudo piloto com professores de Educação Física da rede pública do Rio de Janeiro, que “(...) é marcante o fato de os depoimentos e as práticas desses professores não evidenciarem indícios de influência da produção acadêmica disseminada nestas duas últimas décadas”. A constatação desse autor é bastante pertinente e também pôde ser evidenciada neste estudo. A maioria dos professores que participaram do projeto não conhecia alguns dos trabalhos mais importantes produzidos na área nesses últimos anos.

O mesmo autor assinala, ainda, que as reflexões e as produções acadêmicas necessitam “(...) perspectivar, em alguma medida, a síntese e o compromisso com a esfera da atuação profissional” (Resende, 1995, p.91).

Ao realizar esse projeto junto aos professores de Educação Física que atuam na escola, um dos nossos objetivos foi tentar contribuir, com as nossas reflexões e o nosso trabalho, para a melhoria da qualidade de ensino da Educação Física, a partir de uma proposta de Ginástica Geral. Essa intenção vai ao encontro das preocupações de Resende e, tendo em vista os depoimentos dos professores na avaliação final do trabalho, creio que colaboramos nesse sentido.

Retornando ao desenvolvimento do projeto, a sua divulgação foi feita prioritariamente nas escolas públicas de Campinas, com o oferecimento de trinta vagas para os professores de Educação Física interessados.

A primeira barreira enfrentada foi conseguir ajuda efetiva das delegacias de ensino para divulgar o projeto. Após algumas visitas às delegacias, definimos que a divulgação ficaria a cargo das mesmas e que providenciaríamos as cartas-convite para serem distribuídas em todas as escolas. As cartas foram entregues às delegacias no mês de fevereiro, constando a data da primeira reunião com os professores para o mês de abril (conforme Anexo 3, p.172).

Pelo que pude constatar, ocorreram falhas no processo de divulgação. No primeiro encontro, dia 15 de abril, compareceram apenas quatro professores. Detectado o problema, procuramos solucioná-lo com a ajuda desses professores interessados e finalmente, no dia 29 de abril, iniciamos o curso com vinte e um participantes.

Segundo os professores, esse tipo de problema é “*normal*”, acontece frequentemente. Ora as delegacias de ensino, ora o setor administrativo das escolas (secretaria e diretoria), “esquecem” de veicular as informações, ou

então as transmitem após o prazo determinado. Uma atitude como essa, aparentemente “*normal*”, é muito séria, pois revela como os professores são tratados com descaso e desprezo. Considerando que o curso era gratuito, penso que essa falha colaborou diretamente para que não preenchêssemos as trinta vagas disponíveis.

Outra dificuldade foi organizar os dias e horários do curso em comum acordo com os professores, de forma a atender a disponibilidade de todos e, também, as possibilidades de utilização das dependências da FEF - Unicamp.

Superados os entraves, demos início ao projeto, contando com a participação de um grupo bastante interessado, que procurou superar obstáculos de ordem profissional e pessoal para participar das trinta horas de curso, inclusive aos sábados.

Os questionários aplicados logo no início do curso (Anexo 5, p.176) trouxeram informações importantes sobre a realidade das escolas, o trabalho dos professores, as suas visões sobre Ginástica, Ginástica Geral e Educação Física Escolar, assim como sobre as suas expectativas e objetivos em relação ao projeto como um todo. Essas informações foram imprescindíveis para adequarmos a nossa proposta de trabalho aos interesses do grupo e ao contexto de atuação dos professores. Constatou-se, ainda, que a maioria do grupo desconhece a produção acadêmica mais recente da área da Educação Física, demonstrando fragilidade teórica nas suas respostas.

Uma tônica nas declarações dos professores, tanto nos questionários quanto em diferentes momentos do curso, foi que estavam cansados de limitar as suas aulas ao Esporte, “às *atividades com bola*”. Conscientes de que precisavam mudar esse quadro, tinham como objetivo principal conhecer

novas possibilidades de trabalho que pudessem enriquecer a sua atuação profissional.

A maioria deles nunca tinha ouvido falar em Ginástica Geral e raramente abordavam o conteúdo Ginástica em suas aulas. Quando o faziam era “*com vistas à ‘parte principal’*” (como nos alerta Bracht, 1992, p.25), reforçando a idéia da Ginástica como sinônimo de exercícios físicos preparatórios, alongamento e/ou aquecimento. Além disso, os movimentos propostos tinham sempre o professor como modelo a ser seguido. Uma visão restritiva e preconceituosa em relação à Ginástica, à qual me referi em páginas anteriores, predominava no grupo.

No decorrer do curso procuramos superar essa visão, aprofundando a compreensão da legitimidade da Ginástica enquanto conteúdo de ensino da Educação Física Escolar, ao lado de outros temas da cultura corporal. A partir desse entendimento, passamos a abordar o significado da Ginástica Geral como o caminho mais apropriado para re-criarmos a Ginástica na escola, numa perspectiva de “confronto” e síntese e, também, numa perspectiva lúdica, criativa e participativa.

As atividades vivenciadas no curso estiveram baseadas, sobretudo, nos seguintes temas: “Brincando com o Ritmo” (Nista- Piccolo, 1992) – atividades rítmicas diversificadas, com ou sem utilização de música, visando a sensibilização rítmica através do movimento e a sincronização ritmo-movimento; Ginástica “construída” e Ginástica “natural” (Pérez Gallardo, 1993), explorando as inúmeras possibilidades de movimento com ou sem utilização de materiais; e elementos básicos da Ginástica Artística, como rolamentos, estrela e parada de mãos. Dentre tantas alternativas, selecionamos

esses temas levando em consideração a sua relevância em termos de conhecimento e a sua possibilidade de adequação à realidade de trabalho dos professores. Sob essa ótica, procuramos desenvolvê-los por meio de atividades que não necessitassem de espaço e recursos materiais sofisticados, mas que, ao contrário, pudessem ser desenvolvidas nos locais disponíveis e com materiais de fácil acesso.

Procedendo dessa forma, não pretendíamos fazer a apologia do material adaptado ou não tradicional como tábua de salvação para as precárias condições materiais da escola pública. Nossa intenção era, tão somente, encontrar caminhos para que a Ginástica Geral pudesse começar a ser desenvolvida nas escolas desde já, independentemente de condições “ideais”. Temos sim, é que desafiar as dificuldades através de nossa ação: de um lado, com o nosso trabalho e, de outro, com a nossa luta por melhores condições profissionais. Não podemos esperar “de braços cruzados” que a situação melhore para depois começarmos a agir.

A utilização de materiais adaptados ou não tradicionais nas aulas de GG não impede, de forma alguma, que o professor continue mostrando a importância e necessidade do material tradicional e lutando pela sua aquisição. Além disso, consideramos o material não tradicional tão importante quanto o tradicional. A sua relevância está, não em ser substituto, mas no seu próprio valor em termos de possibilidades de ação e de estímulo à criatividade. Reconhecer que uma garrafa de plástico, um pedaço de pano ou um saco plástico podem ser materiais pedagógicos de grande valor para o desenvolvimento de uma aula de Ginástica Geral, não significa dizer que uma bola oficial de GRD ou um tablado para GA sejam menos relevantes. Nessa perspectiva, trabalhar, por exemplo, com jornal nas aulas de GG é uma

experiência riquíssima e que deve ser propiciada independentemente de estarmos numa escola com péssimas condições materiais ou numa escola que tenha um salão de Ginástica perfeitamente equipado e com abundância de recursos.

Nessa primeira fase do projeto, a participação dos professores foi muito intensa e proveitosa. Os professores eram constantemente convidados a compartilhar suas diversas experiências, o que faziam com bastante entusiasmo, tornando as discussões mais ricas e profícuas.

Aos poucos, o grupo foi acreditando na sua capacidade de buscar alternativas para melhorar e ampliar o seu trabalho de Educação Física na escola e foi descobrindo na Ginástica Geral uma dessas possibilidades. Motivados pelas discussões e vivências realizadas durante o curso, alguns deles já estavam desenvolvendo nas suas aulas de Educação Física algumas das atividades vivenciadas no curso, o que se constituiu numa referência importante para as reflexões.

Finalizamos, então, essa etapa, com a elaboração do trabalho a ser realizado no semestre seguinte, tendo como base um roteiro para o desenvolvimento das aulas de Ginástica Geral (Anexo 6, p.177). É importante salientar que esse roteiro serviu apenas como suporte e que os professores tiveram liberdade para organizar o seu trabalho de GG considerando o contexto de sua escola. As atividades sugeridas no roteiro tiveram como referência básica as vivências práticas desenvolvidas ao longo do curso de Ginástica Geral. Foram formados pequenos grupos para o planejamento conjunto das aulas, de acordo com as séries escolhidas, a fim de possibilitar uma troca maior de experiências e enriquecer o processo de planejamento. Os

professores foram orientados a planejar quinze aulas, incluindo, além das atividades práticas sugeridas, o aprofundamento teórico das mesmas.

A segunda fase do projeto teve início em agosto com uma primeira reunião para retomarmos as atividades. Estabelecemos, então, a programação do semestre e foram sanadas algumas dúvidas em relação ao desenvolvimento da proposta. Foram entregues as fichas de plano de aula para os professores e agendamos as visitas às escolas, assim como as próximas reuniões.

Nem todos os professores que acompanharam o curso no primeiro semestre retornaram para participar dessa nova fase, alegando dificuldades de horário. Dentre os dezoito interessados em continuar o projeto, apenas onze professores desenvolveram as aulas de Ginástica Geral. Os demais justificaram que não foi possível realizar o trabalho por dois motivos principais: os campeonatos esportivos entre as escolas estaduais, que ocorrem no segundo semestre letivo e que alteram muito a dinâmica das aulas; e o período eleitoral, nos meses de outubro e novembro, no qual as escolas estaduais têm as aulas canceladas para a realização das eleições, dificultando a reposição das aulas de Educação Física, em função das avaliações finais das outras disciplinas.

Quanto à primeira justificativa, mais uma vez fica evidente que o Esporte tem sido a prioridade na Educação Física Escolar. Ao defender o valor da Ginástica Geral como conhecimento a ser tratado na escola, não pretendo descartar o Esporte ou desvalorizar a sua importância como conteúdo de ensino. Mas sim, alertar para o grave equívoco que estamos cometendo ao restringir a Educação Física Escolar à prática esportiva. Convém ressaltar, ainda, as pressões que os professores sofrem por parte da direção da escola, e

mesmo dos alunos, para participar dos campeonatos e, ainda, conquistar bons resultados. Muitas vezes, os professores são “obrigados” a treinar as equipes esportivas, inclusive nos horários de aula de Educação Física. Diante disso, o professor precisa ter clareza do seu papel na escola, para poder argumentar em favor da importância da sua disciplina e da sua aula e não ficar à mercê das vontades alheias. A participação em campeonatos inter-escolares pode ser muito positiva se estiver integrada a um projeto mais amplo da escola. Não é concebível prejudicarmos o desenvolvimento das aulas de Educação Física, que é um direito de todos os alunos, em função do calendário das competições, ou até mesmo, para treinar as equipes competitivas da escola.

No que se refere ao segundo motivo, vemos reforçada a idéia de que a aula de Educação Física na escola é considerada menos importante do que as outras. Parece-me que a mudança dessa visão, mais uma vez, depende fundamentalmente da seriedade do professor de Educação Física perante o seu papel e a sua disciplina, e da sua postura frente aos professores das outras matérias.

Ao iniciarmos a segunda fase do projeto, todos os professores demonstraram grande motivação e interesse para prosseguir com as atividades. Por que, então, apesar da vontade e entusiasmo, alguns professores não conseguiram realizar o trabalho, mesmo que parcialmente?

Isso me faz pensar que, aliado a estas duas justificativas apresentadas pelos professores, existe um outro problema a ser considerado: o sentimento de impotência de muitos professores perante as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia profissional. Essa sensação de impotência diante dos problemas, muitas vezes leva o professor a não ter forças para realizar mudanças

significativas no seu trabalho, permanecendo na “mesmice pedagógica”, ou seja, agindo como sempre agiu, sem buscar transformações. Sentindo-se cada vez mais frustrado e descontente com as condições adversas que comprometem o seu trabalho, o professor não consegue vislumbrar caminhos para superar as inúmeras dificuldades que, em se tratando da escola pública brasileira, não são poucas, demonstrando a negligência do poder público para com a área da educação. As mais frequentes, segundo os professores, são as seguintes: muitas aulas semanais, para tentar suprir os baixos salários, gerando sobrecarga de trabalho; elevado número de alunos, de 35 a 45 por turma; escassez de material pedagógico; e falta de espaço ou ocupação inadequada. Embora a maioria das escolas tenha quadra esportiva, a sua utilização é muito conturbada: há choque de horário nas aulas de Educação Física de diferentes turmas, e os professores ficam, às vezes, com mais de oitenta alunos na quadra, com os respectivos professores tentando desenvolver seu trabalho; além disso, quando ocorre ausência de professor, independentemente da disciplina, os alunos ocupam a quadra, atrapalhando o andamento da aula de Educação Física.

Ao abordar a questão da luta dos professores em defesa dos seus direitos e da sua dignidade profissional, como um dos momentos importantes da prática docente, Freire (1997, p.74) adverte que

“Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto

descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. ‘Não há o que fazer’ é o discurso acomodado que não podemos aceitar”.

Diante do panorama descrito pelos professores, é compreensível que alguns dos interessados em participar da segunda fase do projeto não tenham conseguido reestruturar as suas aulas, incluindo a Ginástica Geral no planejamento. Entretanto, fiquei satisfeita com o fato de a metade do grupo que participou da primeira fase do projeto não ter cedido à crença de que “*não há o que fazer*” ou “*caído no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços*” (Freire, 1997, p.74), conseguindo assumir o desafio de desenvolver um trabalho de GG nas escolas. Quanto aos outros, quero acreditar que, por sermos “*(...) seres condicionados mas não determinados*” (Freire, 1997, p.21), as sementes que plantamos juntos poderão vir a germinar.

As aulas de Ginástica Geral ministradas pelos professores foram desenvolvidas predominantemente com turmas de 5^a. à 8^a. série, mais precisamente no período de setembro a novembro. A maioria das escolas fica na periferia da cidade de Campinas e muito distantes umas das outras. A partir do final de setembro, quando o trabalho já havia iniciado, foi realizada pelo menos uma visita a cada escola para assistir às aulas de Ginástica Geral, as quais foram filmadas ou fotografadas. Esse contato, mesmo breve, foi muito importante para conhecer os grupos e as condições de trabalho dos professores.

Durante todo o processo de implementação da proposta, especialmente nas reuniões mensais, foi possível compartilhar as diversas experiências,

revelar as nossas conquistas e dificuldades, para que coletivamente pudéssemos encontrar saídas para enfrentá-las.

A programação geral das aulas previa a elaboração final de uma composição de GG, em pequenos ou grandes grupos, para ser apresentada para a turma como conclusão do trabalho. Nem todos os professores cumpriram as quinze aulas planejadas e finalizaram o trabalho com as composições de GG, alegando, igualmente, que os campeonatos inter-escolares e o período eleitoral dificultaram o desenvolvimento da proposta. Apesar disso, de acordo com as declarações dos professores e pelo que pude observar nas visitas às escolas, houve um grande envolvimento dos alunos com o trabalho.

De início, quando os professores disseram que haveria aula de Ginástica, os alunos reclamaram, especialmente os meninos, alegando que “*Ginástica é coisa de menina*” e que queriam “*jogar bola*”. As meninas, em geral, mostraram-se prontamente interessadas. Isso demonstra a visão sexista de prática corporal existente na sociedade e que, muitas vezes, é ainda mais reforçada pelos profissionais da Educação Física.

Essa relutância inicial exigiu muita firmeza dos professores para que, aos poucos e com muita persistência, lançassem mão de argumentos que convencessem os alunos a participar das aulas de Ginástica Geral, as quais foram intercaladas com outras atividades, especialmente esportivas.

Segundo os professores, a utilização de vídeos mostrando as Gymnaestradas Mundiais e outros festivais de Ginástica Geral colaborou muito positivamente para despertar o interesse dos alunos. Numa das escolas, o Grupo Ginástico Unicamp foi convidado para se apresentar numa

festividade. De acordo com as declarações do professor dessa escola, a apresentação do GGU teve repercussões muito positivas nas aulas de GG e na comunidade escolar como um todo, que nunca havia tido a oportunidade de assistir a um trabalho dessa natureza. Isso reforça a importância de tratarmos os conteúdos da Educação Física em suas várias perspectivas, conforme proposto pelo Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM (1991, p.35-38). Assistir a apresentações de Ginástica Geral, seja através de vídeo ou ao vivo, é uma dimensão essencial para a compreensão dessa atividade.

No decorrer do trabalho, os professores observaram que o interesse e a participação dos meninos foram aumentando, mas, mesmo assim, as meninas continuaram participando com maior entusiasmo e desinibição, principalmente nas atividades com música. Ressaltaram, ainda, que a utilização de materiais pedagógicos diversificados como, por exemplo, corda, revista, jornal, bastão, toalha, bandeira, “pompom”, colchão, garrafa de plástico, peteca, “pé de lata”, pião, bola de borracha e de meia, fita, arco, entre outros, constituiu-se num importante estímulo para a criação de novas possibilidades de expressão gímnica.

Para satisfação de alguns professores, outras turmas passaram a se interessar pela GG e os professores começaram a expandir o projeto para outras séries. Os professores afirmaram que alguns alunos chegaram até mesmo a agradecer pelas novas oportunidades oferecidas.

Vários professores ficaram surpresos com os resultados obtidos, sendo que algumas turmas quiseram, inclusive, apresentar as suas composições nas festas de final de ano das escolas, o que motivou intensamente a participação dos alunos.

Constataram, ainda, que as inúmeras questões discutidas ao longo de todo o projeto foram sendo gradativamente incorporadas às suas ações. Isso pôde ser verificado nas reuniões mensais e nas visitas às escolas, tanto pelas declarações dos professores quanto pelas observações das aulas.

A importância do planejamento foi outro aspecto sublinhado pelos professores como um elemento facilitador para o desenvolvimento do trabalho. Alegaram que a organização prévia das atividades favoreceu a condução das aulas, tornando mais fácil motivar os alunos para participarem das atividades propostas. Essa constatação dos professores vem reafirmar o significado do planejamento no processo de ensino/aprendizagem: ensinar exige planejamento, especialmente quando se intenciona desenvolver a capacidade de decisão e de ação dos alunos. Na medida em que “*ensinar não é transferir conhecimento*” (Freire, 1997, p.52), não há como conceber que um processo tão complexo quanto o educativo, prescindia de planejamento. Daí a nossa responsabilidade de planejar as nossas aulas tendo como compromisso fundamental o desenvolvimento dos nossos alunos rumo à compreensão das inúmeras linguagens que fazem parte da cultura corporal.

Na reunião final, realizada em dezembro, para avaliação geral do trabalho desenvolvido no segundo semestre, chegamos à conclusão que, apesar das dificuldades enfrentadas e das diferenças individuais em relação ao desenvolvimento das aulas, o resultado do projeto como um todo foi muito positivo. Os professores afirmaram que pretendiam retomar o trabalho com a GG no ano seguinte, pois acreditavam na sua relevância para a Educação Física Escolar. Expressaram, ainda, a sua satisfação em ter “*comprovado a teoria na prática*”, ou seja, em terem constatado que existe efetivamente a possibilidade de se desenvolver um trabalho de Ginástica Geral na sua escola,

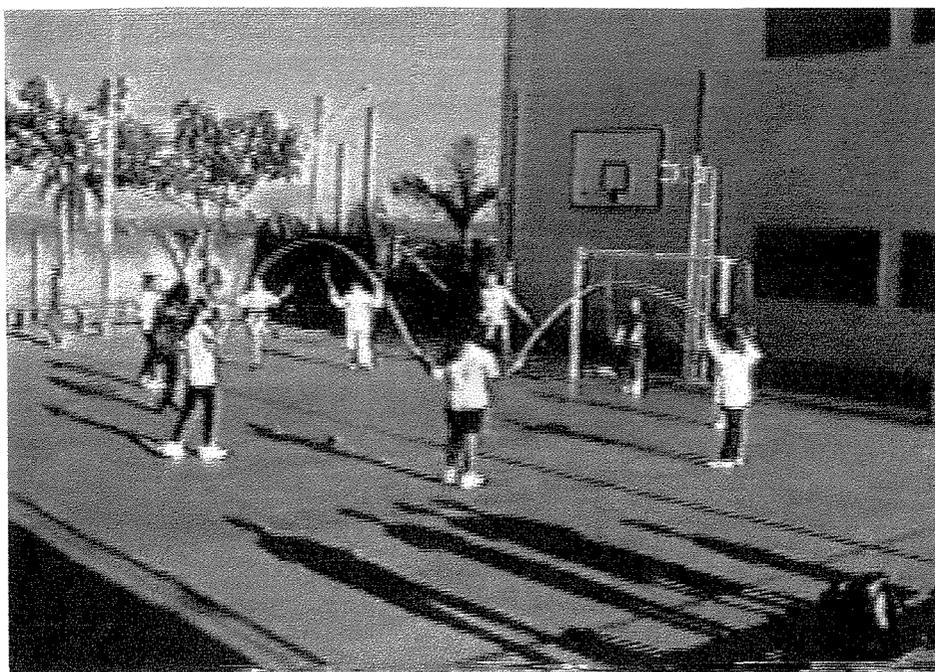
de acordo com a proposta deste estudo. E enfatizaram que, para que isso ocorra, é preciso que o professor tenha persistência e não desanime ou desista diante dos inúmeros obstáculos que, seguramente, aparecerão. Dentre os quais, a própria insegurança do professor para trabalhar com a Ginástica Geral, uma vez que essa atividade foi (e ainda é) praticamente inexistente nos cursos de formação profissional.

As observações efetuadas durante toda a realização desse projeto, aliadas às considerações dos professores que dele participaram ativamente, levam-me a crer que, a despeito das condições adversas em que se encontra o ensino público e gratuito no Brasil, é possível e viável enfrentarmos o desafio de desenvolver a GG no atual contexto da escola pública brasileira, na perspectiva que vem sendo enfocada neste estudo.

No entanto, não tenho dúvidas de que ainda levaremos muito tempo para conseguir desenvolver um trabalho de Ginástica Geral na escola em que o professor de Educação Física esteja sempre aprimorando o seu conhecimento para desempenhar com segurança o seu papel de educador; um trabalho no qual os alunos sejam efetivamente respeitados como “*parceiros culturais*” e sejam estimulados a aguçar a sua “*curiosidade ingênua*” para transformá-la em “*curiosidade epistemológica*”, a desenvolver a sua capacidade de decisão e ação, a sua autonomia, enfim, a estudar, conhecer, compreender, confrontar, vivenciar, apreender as inúmeras interpretações da Ginástica, em suas múltiplas perspectivas, para, com base nesse conhecimento, criar novas possibilidades de expressão gímnica.

3.3.1. Imagens das aulas de Ginástica Geral nas escolas

Serão apresentadas a seguir **imagens** das aulas de Ginástica Geral desenvolvidas nas escolas públicas, com a finalidade de mostrar alguns momentos do trabalho. Essas **imagens** foram capturadas a partir das filmagens realizadas.



EEPG “Prof. Antonio Sproesser” – 5^a. série (material: corda)



EEPG “Prof. Antonio Sproesser” – 5^a. série (material: arco)



EEPG “Lais Bertoni Pereira” – 8^a. série (material: guarda-chuva)



EEPG “Lais Bertoni Pereira” – 8^a. série (material: fita e maça)



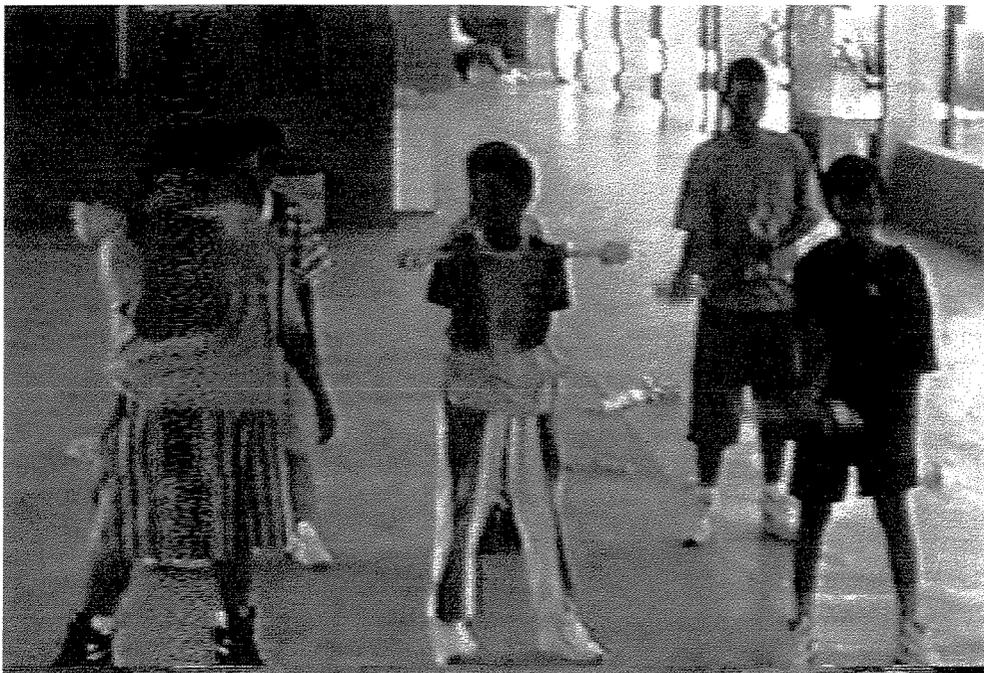
EEPG "Prof. Alvaro Cotomacci" – 8^a. série



EEPG "Prof. Alvaro Cotomacci" – 8^a. série



EEPSG “Elvira de Pardo Mêo Muraro” – 6^a. série (material: jornal)



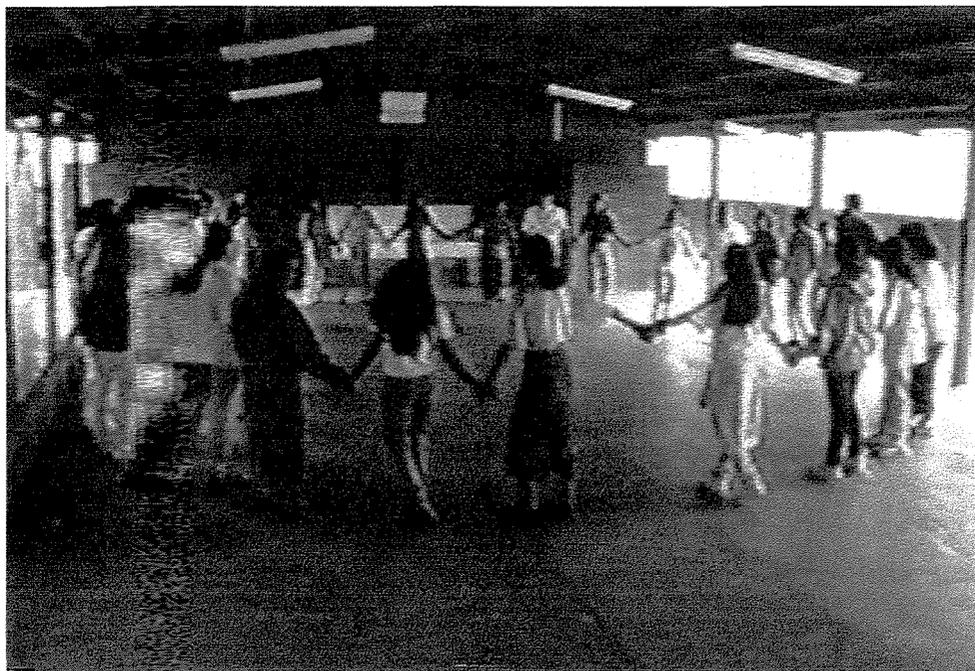
EEPSG “Elvira de Pardo Mêo Muraro” – 6^a. série (material: jornal)



EEPG “Benevenuto Torres” – 6^a. série (material: pé de lata)



EEPG “Benevenuto Torres” – 6^a. série (material: arco e corda)



EEPSG "Djalma Octaviano" – 8^a. série



EEPSG "Djalma Octaviano" – 8^a. série



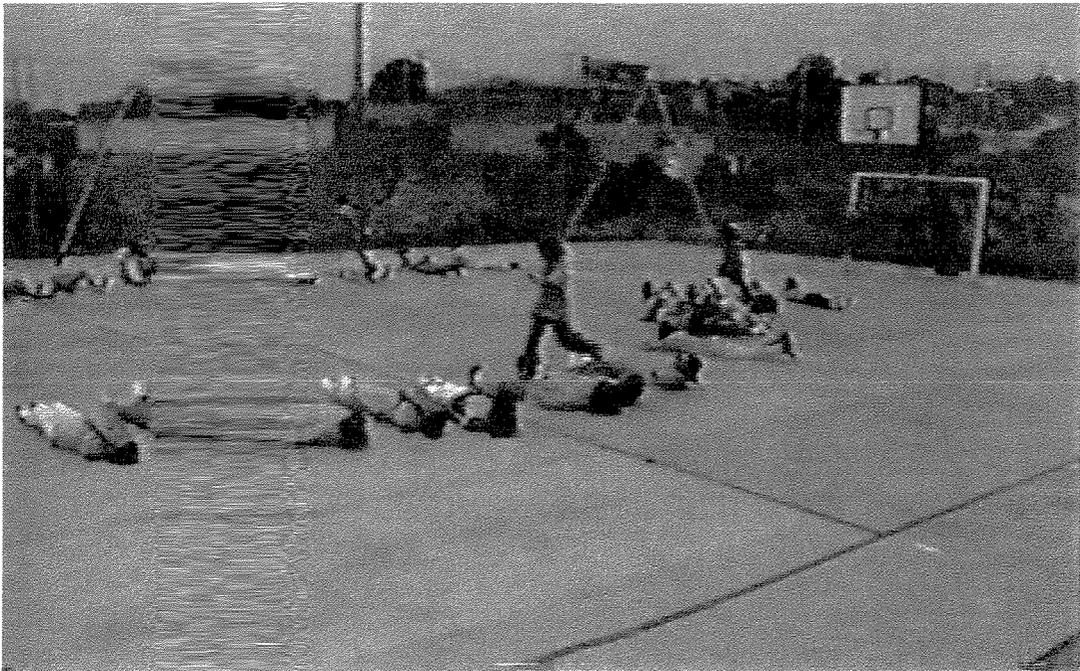
EEPG “Lais Bertoni Pereira” – 8^a. série (material: bastão)



EEPG “Lais Bertoni Pereira” – 8^a. série (material: toalha)



EEPG — “Prof. Alvaro Cotomacci” – 6^a. série (material: corda)



EEPG “Prof. Alvaro Cotomacci” – 6^a. série

Considerações Finais:

*“Se muito vale o já feito,
mais vale o que será...”*

*“Ai de nós, educadores, se deixamos de sonhar
sonhos possíveis. (...)”*

*A questão dos sonhos possíveis (...) tem que ver
com a educação libertadora enquanto prática
utópica. Mas não utópica no sentido do
irrealizável; (...) Utópica no sentido de que é esta
uma prática que vive a unidade dialética,
dinâmica, entre a denúncia e o anúncio (...)”.*

Paulo Freire
(1989, p.99-100)

No decorrer das páginas anteriores fui, primeiramente, **projetando a imagem** da Ginástica Geral na sociedade contemporânea, procurando, de um lado, identificar os sentidos e significados que têm acompanhado a sua difusão e, de outro, conferir-lhe novos sentidos e significados que permitissem potencializar o seu caráter “transformador”. Num segundo momento, partindo da consideração de que a Ginástica Geral representa uma síntese entre o que foi e o que é a Ginástica na atualidade e reconhecendo-a como o caminho mais apropriado para resgatarmos, para re-criarmos e para re-significarmos a Ginástica na escola, numa perspectiva de “confronto” e síntese, e, também, numa perspectiva lúdica, criativa e participativa, **imaginei um projeto** de Ginástica Geral para a Educação Física Escolar, dando ênfase ao ensino público brasileiro.

Chego ao final desta trajetória de **projeção da imagem** da Ginástica Geral e de **imaginação de um projeto** para a Educação Física Escolar, com a certeza de que ainda temos muito a fazer para o desenvolvimento da Ginástica Geral no Brasil, particularmente no âmbito da escola pública. Isso significa reconhecer que, *“se muito vale o já feito, mais vale o que será...”*⁴²

Acredito que o papel das universidades nesse sentido é decisivo e indispensável.

As mais de cento e cinquenta faculdades de Educação Física espalhadas por todo o Brasil, enquanto instituições responsáveis pela formação dos profissionais que vão atuar na área, precisam arcar com a responsabilidade de garantir que os seus alunos, futuros professores, terminem a graduação com os

⁴² Da música, “O que foi feito deverá”, de Milton Nascimento e Fernando Brant (Três Pontas/EMI MUSIC, 1980).

conhecimentos necessários para desempenhar com competência e segurança um trabalho de Ginástica Geral, tanto no âmbito escolar quanto fora dele (em clubes, associações comunitárias, academias, prefeituras etc). E, no que se refere à esfera de atuação profissional, também precisam assumir o compromisso de criar projetos de extensão universitária na área da GG, que possibilitem a participação de professores já formados, prioritariamente aqueles que estejam atuando na rede pública de ensino, a fim de que possam ensinar Ginástica Geral nas suas aulas de Educação Física.

Não tenho dúvidas de que ainda teremos muito trabalho pela frente até que os cursos de graduação em Educação Física realizem com competência as suas responsabilidades e compromissos, ou mesmo que a Ginástica Geral torne-se efetivamente um conteúdo de ensino da Educação Física Escolar. Mudanças não ocorrem “num passe de mágica”, ao contrário, demandam tempo, persistência, trabalho coletivo...

Por isso mesmo, precisamos “*tirar o casaco para o futuro*”, como nos lembra Freinet (1991, p.95), e começar a agir desde já. Não podemos simplesmente esperar que as mudanças venham até nós. Se é certo que “*mudar é difícil mas é possível*” (Freire, 1997, p.88), não é menos correto que mudar é difícil, mas só é possível através da ação e da *verdadeira paciência* que, como nos ensina Freire (1987a, p.61),

“(…) não se identifica, jamais, com a espera na pura espera. A verdadeira paciência, associada sempre à autêntica esperança, caracteriza a atitude dos que sabem que, para fazer o impossível, é preciso torná-lo possível. E a melhor maneira de tornar o impossível possível é realizar o possível de hoje”.

Todo o processo de realização desta pesquisa me fez aprender mais do que nunca que, a despeito das dificuldades, temos que exercitar pacientemente a nossa crença na possibilidade de mudança e a nossa convicção de que vale a pena persistir nos nossos projetos, alimentar a nossa esperança e perseguir os nossos sonhos com determinação, para torná-los possíveis. Precisamos aprender a lidar com as condições existentes no presente para **imaginar** as possibilidades do futuro, para **projetar sonhos possíveis** e partir em busca da sua realização.

De acordo com Freire (1989, p.99) “(...) o critério da possibilidade ou impossibilidade dos sonhos é um critério histórico-social e não individual”. Nesse sentido, a dimensão viável, possível do sonho, tem a ver com os limites das possibilidades, que estão condicionados ao contexto histórico-social, porém que podem e devem ser desafiados e extrapolados por meio da nossa imaginação e da nossa ação. E repito, da **nossa ação**. Isso significa compreender que a concretização dos *sonhos possíveis*, especialmente na área da educação, depende fundamentalmente da ação coletiva, vale dizer, cooperativa, dos sujeitos comprometidos com um projeto educativo transformador. A realização dos nossos *sonhos possíveis* depende, igualmente, da nossa capacidade de denúncia e de anúncio. Ao escrever sobre a educação como *sonho possível*, Freire (1989, p.101) alerta-nos:

“(...) ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o

amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina”.

À luz das considerações anteriores, finalizo este trabalho com a convicção de que precisamos “*inventar a nossa coragem de anunciar*” que o desenvolvimento da Ginástica Geral no Brasil, em especial na área da Educação Física Escolar, é um *sonho possível* que devemos **imaginar**, um **projeto** que podemos realizar.

Anexos

Anexo 1 - Roteiro de observação

FESTIVAIS

- Características dos diferentes grupos participantes nos eventos: número, faixa etária, sexo e condição física dos integrantes; formas ou estilos das apresentações; materiais, equipamentos ou aparelhos utilizados, trajes, músicas etc.;
- "Clima" do evento - todo o ambiente que envolve o evento, em relação à sua organização e ao grau de entrosamento entre os diferentes grupos.

DINAMARCA

- Características gerais dos diferentes locais visitados em termos de estrutura física e organização das atividades;
- Características gerais das aulas de Ginástica.

Observação: Foram realizadas várias entrevistas com professores e diretores, a fim de obter maiores informações a respeito das instituições visitadas, assim como do sistema educacional dinamarquês e da Ginástica Geral nesse contexto.

Anexo 2 - Roteiro das entrevistas

- Para dirigentes:

- 1) Qual é o seu nome? País a que pertence? Cargo que ocupa?
- 2) O que é a Ginástica Geral? Onde, como e por que surgiu? Quais as suas principais características?
- 3) A Ginástica Geral é bem difundida no seu país? A Ginástica Geral é uma prática comum?
- 4) Onde a Ginástica Geral é (mais) praticada em seu país (clubes, escolas etc.)? Como a Ginástica Geral é desenvolvida nas escolas?
- 5) Qual é o número total de participantes do seu país neste evento? Quantos grupos? Quais faixas etárias? Quantos homens e mulheres?
- 6) Como é realizada a seleção dos grupos para participarem deste evento? Há alguma ajuda financeira aos participantes (patrocínio)?
- 7) Em quais eventos mundiais de Ginástica Geral o seu país tem participado?
- 8) Como e com que frequência são realizados eventos de Ginástica Geral em seu país?
- 9) Como é abordada a Ginástica Geral nas Universidades?

- Para professores de grupos:

Observação: iniciei as entrevistas com perguntas específicas do grupo orientado pelo professor, passando em seguida (dependendo da disponibilidade) para as perguntas gerais feitas aos dirigentes.

- 1) Qual é o seu nome? País a que pertence? Grupo que orienta?
- 2) Como é desenvolvido o trabalho com o seu grupo: onde, com que frequência, com base em que etc.? Quais são os equipamentos, vestimenta, música, utilizados nas apresentações do seu grupo?
- 3) Qual é o número total de participantes do seu grupo? Quais faixas etárias?
- 4) Em quais eventos de Ginástica Geral o seu grupo tem participado?

- Para ginastas:

- 1) Qual é o seu nome? Sua idade? A que grupo e país você pertence?
- 2) Há quanto tempo você pratica Ginástica Geral?
- 3) Por que você pratica Ginástica Geral?
- 4) Onde você pratica e qual é a frequência de treinamento do seu grupo?
- 5) Quantas vezes você já veio à Gymnaestrada? De quais outros eventos seu grupo participou?
- 6) O que você está achando da Gymnaestrada?

Observação: Esse roteiro foi traduzido para o espanhol, inglês e francês com o intuito de facilitar a realização das entrevistas.

Anexo 3 - Carta-convite aos professores

Campinas, 20 de fevereiro de 1996.

1a. DELEGACIA DE ENSINO DE CAMPINAS

Professora Regina Helena Lombardo Perez - Delegada de Ensino

Vimos, por meio desta, convidar os professores de Educação Física da rede pública de ensino da cidade de Campinas para participar de um projeto de implementação de uma proposta de Ginástica Geral para a Educação Física Escolar.

Em linhas gerais, este projeto faz parte de um estudo que vem sendo desenvolvido na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP a respeito da Ginástica Geral e suas possibilidades de desenvolvimento no contexto da Educação Física Escolar e tem como objetivos:

- contribuir para a melhoria da qualidade de ensino da Educação Física Escolar, a partir de uma proposta de Ginástica Geral;
- propiciar aos professores a possibilidade de conhecer a Ginástica Geral e suas possibilidades de desenvolvimento no atual contexto da Educação Física Escolar, considerando a realidade que o professor encontra na sua atuação cotidiana;
- fornecer subsídios teórico-práticos aos professores para o desenvolvimento de um trabalho de Ginástica Geral;
- promover um intercâmbio de experiências entre professores de diferentes escolas.

Para tanto, gostaríamos de solicitar a esta Delegacia de Ensino que divulgasse este convite junto às escolas estaduais e particulares, para que possamos dar encaminhamento ao trabalho que pretendemos desenvolver ao longo do ano de 1996.

Os professores de Educação Física interessados em participar deverão comparecer no dia 15 de abril, às 16 horas, na Faculdade de Educação Física da Unicamp, para um primeiro encontro no qual serão esclarecidas as questões que envolvem o desenvolvimento deste projeto.

Haverá duas etapas básicas: 1 - Curso de Ginástica Geral, durante o primeiro semestre letivo, com 30 horas de duração (totalmente gratuito), que será realizado todas as 2as. feiras, das 16:00 às 18:00 horas, na Faculdade de Educação Física da Unicamp e 2 - Desenvolvimento de uma proposta de Ginástica Geral nas escolas, durante o segundo semestre letivo. O número de vagas para a participação no projeto é limitado (30 vagas).

Agradecemos antecipadamente a sua atenção.

Profª. Dra. Vilma Leni Nista-Piccolo

Profª. Ms. Eliana Ayoub

Anexo 4 - Programa do curso de Ginástica Geral

Objetivos:

- contribuir para a melhoria da qualidade de ensino da Educação Física Escolar, a partir de uma proposta de Ginástica Geral;
- propiciar aos professores a possibilidade de conhecer a Ginástica Geral e suas possibilidades de desenvolvimento no atual contexto da Educação Física Escolar;
- fornecer subsídios teórico-práticos aos professores para o desenvolvimento de um trabalho de Ginástica Geral;
- oferecer sugestões que permitam a descoberta de formas de adequação da Ginástica Geral à realidade que o professor encontra na sua práxis cotidiana, discutindo possibilidades de modificá-la e adequá-la na aplicação;
- promover um intercâmbio de experiências entre professores de diferentes escolas;
- elaborar um programa de desenvolvimento da Ginástica Geral nas aulas de Educação Física, considerando o contexto de cada escola.

Conteúdos:

- a Educação Física Escolar: princípios filosóficos e pedagógicos;
- a Ginástica Geral: origem, características e suas possibilidades de desenvolvimento na instituição escolar;
- princípios norteadores para o desenvolvimento de uma proposta de Ginástica Geral na Educação Física Escolar;
- diferentes manifestações da Ginástica (Ginástica “Construída”, Ginástica “Natural”, Ginástica Artística, Ginástica Rítmica Desportiva, Ginástica Acrobática, entre outras);
- movimento e ritmo;
- o processo de elaboração de composições: escolha do tema, música, material ou aparelho, traje etc.; integração dos diferentes conteúdos para a apresentação de trabalhos de Ginástica Geral.

Metodologia:

- aulas teóricas para discussão dos conteúdos, com utilização de textos, vídeos e transparências, fomentando uma troca constante de experiências entre o grupo de professores;
- aulas práticas para vivência dos diferentes conteúdos que serão fundamentadas teoricamente no transcurso das atividades;
- utilização de música e aparelhos tradicionais e não tradicionais da Ginástica.

Bibliografia:

- AYOUB, Eliana. A Ginástica Geral: um fenômeno sócio-cultural em expansão no Brasil, 1996. 9 p. (mimeo).
- BARKER, Joel A. Discovering the future: the business of paradigms. São Paulo: Siamar, 1989. (vídeo).
- BRACHT, Valter. Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1992. 122 p.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992. 119 p.
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). 10th World Gymnaestrada - Berlin 1995. Moutier, Suíça, 1995b. (vídeo).
- FREINET, Celestin. Pedagogia do bom senso. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 125 p.
- FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). O educador: vida e morte. 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. 137 p. p.89-101.
- LANGLADE, Alberto, LANGLADE, Nelly Rey de. Teoría general de la gimnasia. 2.ed. Buenos Aires, Argentina: Editorial Stadium, 1986. 526 p.
- MARCELLINO, Nelson C. Pedagogia da animação. Campinas: Papirus, 1990. 149 p.
- NISTA, Vilma Lení. Manual de Ginástica Olímpica. Araçatuba: Leme, 1980. 103 p.
- NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. A educação motora na escola: uma proposta metodológica à luz da experiência vivida. In: DE MARCO, Ademir. (Org.). Pensando a educação motora. Campinas: Papirus, 1995. 172 p. p.113-120.
- , Brincando com o ritmo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.12, n.1/3, p.306-308, 1992.

- PÉREZ GALLARDO, Jorge Sergio, SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. A proposta de Ginástica Geral do Grupo Ginástico Unicamp, 1995. 8 p. (mimeo).
- PÉREZ GALLARDO, Jorge Sergio. Proposta de uma linha de ginástica para a Educação Física escolar. In: NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. (Org.). Educação Física escolar: ser... ou não ter? Campinas: Editora da Unicamp, 1993. 136 p. p.117-136.
- SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994. 167 p.

Anexo 5 - Questionários para os professores

QUESTIONÁRIO 1

I. Dados Pessoais:

- 1) Nome:
- 2) Data de nascimento:
- 3) Endereço:
- 4) Telefone para contato:
- 5) Curso Superior (local e data de formação):
- 6) Experiência profissional na área:

II. Dados sobre o trabalho, a escola e a comunidade local:

- 1) Escola onde trabalha atualmente e vai desenvolver a proposta de Ginástica Geral (nome, bairro, telefone, delegacia de ensino a que pertence):
- 2) Características gerais da escola (número total de alunos, período de funcionamento, estrutura física e material, corpo docente, diretoria etc.):
- 3) Quantas horas semanais de trabalho:
- 4) Há quanto tempo trabalha nessa escola e com quais séries:
- 5) Número médio de alunos por turma:
- 6) Características gerais dos alunos e da comunidade local (nível sócio-econômico, características do bairro etc.):

QUESTIONÁRIO 2

Nome:

- 1) Quais são as suas expectativas em relação ao curso e ao projeto como um todo?
- 2) Que significado tem a Educação Física Escolar para você?
- 3) O que é GINÁSTICA para você?
- 4) Como você trabalha o conteúdo GINÁSTICA nas suas aulas?
- 5) O que você conhece sobre GINÁSTICA GERAL?

Anexo 6 - Roteiro para o desenvolvimento das aulas

- 1a. AULA:** Apresentação da GG; vivência de Ginástica Geral, com ênfase nas habilidades específicas do ser humano (Ginástica “Natural”), sem aparelhos e sem música;
- 2a. AULA:** Vivência de Ginástica Geral, com ênfase nos exercícios “construídos” (Ginástica “Construída”), com música;
- 3a. AULA:** Vivência de Ginástica Geral, com ênfase nas habilidades específicas do ser humano (Ginástica “Natural”) com utilização de um material, exploração em diferentes grupos, com música;
- 4a. AULA:** Vivência de Ginástica Geral, com ênfase nos exercícios “construídos” (Ginástica “Construída”), com o mesmo material da aula anterior e com música;
- 5a. AULA:** Vivência de Ginástica Geral, combinando a Ginástica “Natural” e a Ginástica “Construída”, com diferentes aparelhos, em estações;
- 6a. AULA:** Vivência de Ginástica Geral, combinando a Ginástica “Natural” e a Ginástica “Construída”, com diferentes aparelhos, em estações;
- 7a. AULA:** Sensibilização corporal; brincando com o movimento e com o ritmo, sem música;
- 8a. AULA:** Brincando com o Ritmo, com música; sincronização ritmo-movimento;
- 9a. AULA:** Soma de frases de movimento;
- 10a. e 11a. AULA:** Ginástica Artística;
- 12a. AULA:** Formação de pequenos grupos para elaboração de composições: escolha do tema, material ou aparelho, música etc.;
- 13a. e 14a. AULA:** Elaboração das composições e lapidação;
- 15a. AULA:** Apresentação das composições para a classe.

Anexo 7 - Ficha de plano de aula**NOME:****ESCOLA:****TURMA:****No. DE ALUNOS:****HORÁRIO:**

AULA	DATA	PLANO DE AULA	OBSERVAÇÕES

**Anexo 8 - Exemplos de materiais, equipamentos
ou aparelhos utilizados nas diversas
apresentações observadas durante a
“10th World Gymnaestrada - Berlin 1995”**

1. Equipamentos característicos das modalidades gímnicas competitivas: colchões, plintos, cavalos para salto, cavalos com alças, barras paralelas, barras fixas, argolas, mini-trampolins, duplo mini-trampolins, trampolins acrobáticos, traves de equilíbrio, rodas ginásticas, arcos, fitas, bolas, cordas, maçãs e “step”;

2. Outros materiais ou aparelhos: mesa para saltos, cubos e triângulos de espuma, mini cama elástica, colchonetes, banco sueco, cadeiras de roda (para deficientes), panos e lenços (de inúmeras formas e tamanhos), toalhas, pára-quedas, fitas (com larguras e comprimentos variados), bolas (diferentes tamanhos, de tênis e de outros Esportes, de plástico, de jornal etc.), bandeiras, cordas (grandes, pequenas, elásticas), bastões, jornais, revistas, sacos de plástico e de estopa, leques, baldes, latas, vassouras, bonecos gigantes, bambus gigantes, chocalhos de latas de refrigerante, tambores e tamboretas, direção de carros, máscaras de oxigênio, lanternas, túneis confeccionados com arame e tecido, figuras geométricas de isopor (triângulos, círculos e quadrados), arcos preenchidos com tecidos, patins, chapéus, discos de plástico, guarda-chuvas e guarda-sóis, engradados de refrigerante, bexigas, cadeiras, “pompons”, escadas, câmeras de pneu, cornetas de plástico, bóias, pernas de pau, “skate”, rodas de borracha etc.

Referências Bibliográficas

AYOUB, Eliana. Ginástica Geral: um fenômeno sócio-cultural em expansão no Brasil. In: COLETÂNEA: textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1997. 79 p. p.39-47.

-----. Interesses físicos no lazer, como área de intervenção do profissional da Educação Física. Campinas, 1993. 151 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1993.

BRACHT, Valter. Educação Física no 1º. grau: conhecimento e especificidade. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl.2, p.23-28, 1996.

-----. As ciências do esporte no Brasil: uma avaliação crítica. In: FERREIRA NETO, Amarílio, GOELLNER, Silvana Vilodre, BRACHT, Valter. (Orgs.). As ciências do esporte no Brasil. Campinas: Autores Associados, 1995. 226 p. p.29-49.

-----. Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1992. 122 p.

BRUYNE, Paul de, HERMAN, Jacques, SCHOUTHEETE, Marc de. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. 252 p.

BUKH, Niels. Primitive Gymnastics. 8. ed. Svendborg, Dinamarca: Avis, 1962. 188 p.

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1994. 225 p.

- CAVALCANTI, Kátia Brandão. Esporte para todos: um discurso ideológico. São Paulo: Ibrasa, 1984. 114 p.
- COLETÂNEA: textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1997. 79 p.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992. 119 p.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). A Ginástica: boletim informativo oficial da Confederação Brasileira de Ginástica, Brasília, v.1, n.0, jun.1985.
- DANSKE GYMNASTIK & IDRÆTS FORENINGER (DGI). International Gymnastik Festival - Alicante 1995: programa. Vingstedcentret, Dinamarca, 1995. 71 p.
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). Gymnaestrada Guide: 10th World Gymnaestrada Berlin - 1995. Berlim: Deutcher Turner-Bund (DTB), 1995a. 144 p.
- , 10th World Gymnaestrada - Berlin 1995. Moutier, Suíça, 1995b. (vídeo).
- , World of Gymnastics. Moutier, Suíça, n.15, jun.1995c.
- , Manual training of FIG: certificate instructors in General Gymnastics. Moutier, Suíça, 1994.126 p.
- , General Gymnastics manual. Moutier, Suíça, 1993. 32 p.
- , 110^e anniversaire: objectif an 2000. Moutier, Suíça, 1991. 283 p.
- , Gymnastique Générale. Moutier, Suíça, [199-].

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.
- FREINET, Célestin. Pedagogia do bom senso. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 125 p.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 165 p.
- , Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). O educador: vida e morte. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. 137 p. p.89-101.
- , Ação cultural para a liberdade. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a. 149 p.
- , Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b. 184 p.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM. Visão didática da Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aula. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991. 113 p.
- HARPER, Babette et al. Cuidado, escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas. 35. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. 119 p.
- HILDEBRANDT, Reiner, LAGING, Ralf. Concepções abertas no ensino da Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986. 142 p.
- HUGUENIN, Andre. 100 years of the International Gymnastics Federation 1881-1981. Moutier, Suíça: FIG, 1981. 143 p.

- KONINKLIJKE NEDERLANDSE GYMNASTIEK BOND (KNGB) –
Gymnaestrada Comité. 8. Gymnaestrada Herning. Veghel, Holanda:
GRAFIGROEP/Drukkerij Frisselstein b.v., 1987. 96 p.
- KRAMER, J. Peter, LOMMEN, Niels. The World Gymnaestrada: past,
present and future. Zeist, Holanda: Jan Luiting Fonds, 1991. 96 p.
- KRAMER, Robert Jan. Graceful Gymnasts: 9th World Gymnaestrada
Amsterdam 1991. Meppel, Holanda: Ten Brink Printers & Publishers
Ltd., 1991. 138 p.
- LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de
metodologia científica. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991. 270 p.
- LANGLADE, Alberto, LANGLADE, Nelly Rey de. Teoría general de la
gimnasia. 2. ed. Buenos Aires, Argentina: Editorial Stadium, 1986.
526 p.
- LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia
crítico-social dos conteúdos. 14. ed. São Paulo: Loyola, 1996. 149 p.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Pedagogia da animação. Campinas:
Papirus, 1990. 149 p.
- MARINHO, Inezil Penna. Educação Física, recreação e jogos. 3. ed. rev. e
ampl. São Paulo: Cia. Brasil, 1981. 357 p.
- , História geral da Educação Física. 2. ed. São Paulo: Cia. Brasil, 1980.
212 p.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. A educação motora na escola: uma proposta metodológica à luz da experiência vivida. In: DE MARCO, Ademir. (Org.). Pensando a educação motora. Campinas: Papirus, 1995. 172 p. p.113-120.

----- . Brincando com o ritmo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.12, n.1/3, p.306-308, 1992.

----- . Atividades físicas como proposta educacional para 1ª. fase do 1º. grau. Campinas, 1988. 177 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1988.

PÉREZ GALLARDO, Jorge Sergio, SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. A proposta de Ginástica Geral do Grupo Ginástico Unicamp. In: COLETÂNEA: textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1997. 79 p. p.25-32.

PÉREZ GALLARDO, Jorge Sergio. Proposta de uma linha de ginástica para a Educação Física escolar. In: NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. (Org.). Educação Física escolar: ser... ou não ter? Campinas: Editora da Unicamp, 1993. 136 p. p.117-136.

RESENDE, Helder Guerra de. Necessidades da educação motora na escola. In: DE MARCO, Ademir. (Org.). Pensando a educação motora. Campinas: Papirus, 1995. 172 p. p.71-93.

REZENDE, Carlos Roberto Alcântara de. Ginástica Geral no Brasil: uma análise histórica. In: COLETÂNEA: textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1997. 79 p. p.49-55.

SÃO PAULO (Estado). Diário Oficial do Estado de São Paulo, 13 de fev.1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 15.ed. rev. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1989. 238 p.

SOARES, Carmen Lúcia. Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998. 145 p.

-----, Notas sobre o corpo. Revista Entretexo Entresexo, Campinas, p.49-51, out.1997.

-----, Sobre a formação do profissional em Educação Física: algumas anotações. In: DE MARCO, Ademir. (Org.). Pensando a educação motora. Campinas: Papyrus, 1995. 172 p. p.133-138.

-----, Educação Física: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994. 167 p.

SOARES, Carmen Lúcia, TAFFAREL, Celi Nelza Zülke, ORTEGA ESCOBAR, Micheli. A Educação Física escolar na perspectiva do século XXI. In: MOREIRA, Wagner Wey. (Org.). Educação Física & esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papyrus, 1992. 260 p. p.211-224.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física. Campinas, 1997. 163 p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1997.

SNYDERS, Georges. A alegria na escola. São Paulo: Manole, 1988. 284 p.

- TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. Criatividade nas aulas de Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico: 1985. 84 p.
- THIOLLENT, Michel J. M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. 4. ed. São Paulo: Polis, 1985. 270 p.
- VELARDI, Marília. Metodologia de ensino em Educação Física: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico. Campinas, 1997. 186 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1997.